OS FLINTSTONES e mais 45 lançamentos no CADERNO de VÍDEO

SET

CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

JORNADA NAS ESTRELAS

duas gerações se encontram na

AVENTURA DO ANO

5633 - Abril, 1995 - Ed. 94 - Ano IX - Nº 04 - R$ 4,20

ISSN 0104-1592

COMO SE TRADUZ UM FILME
(e por que nem sempre fica bom)

O MELHOR DO CINEMA
(na opinião dos críticos e leitores)

E MAIS
STREET FIGHTER
ANTES DA CHUVA
e o esperado
EPIDEMIA

The Clan MacGregor Scotch Whisky Is Remarkable. The Value Is Incredible.

Importador e Distribuidor Exclusivo: CAMPARI DO BRASIL LTDA. Fone: (011) 421-2538

Programa

NA CAPA: Patrick Stewart e William Shatner em *Jornada nas Estrelas – A Nova Geração* (UIP); *The Flintstones – O Filme* (CIC)

Se houve algum lugar onde *Star Trek* jamais esteve, este foi a capa de SET. Tal injustiça com a série de vida mais longa do cinema e da TV está sendo fartamente corrigida nesta edição, com catorze páginas destinadas ao novo longa *Jornada nas Estrelas – A Nova Geração* e mais um apanhado completo do fenômeno *Star Trek*. Mas também não esquecemos de um dos mais importantes movimentos cinematográficos do pós-guerra, que este ano faz meio século. Ao celebrar o aniversário de estréia de *Roma, Cidade Aberta*, de Roberto Rossellini, SET está pagando um tributo em preto-e-branco ao estilo que, sem nenhum pudor, tirou a câmera de seu pedestal e levou-a para as ruas em busca da vida como ela é.

UIP

14

57 CADERNO DE VÍDEO

The Flintstones – O Filme, Fellini Oito e Meio, Desafio no Bronx, Três Formas de Amar, Parceiros do Crime, Irmãos Marx no Circo, O Poder da Sedução, A Cor da Noite, As Aventuras de Tintin

CIC

The Flintstones – O Filme

4 TAKES
A platinum musa Traci Lords, ex-pornô, está de volta

10 CONEXÃO L.A.
Homem ao mar: *Waterworld* vai afundando Kevin Costner

12 OS MELHORES DE 1994
Segundo leitores e críticos

14 JORNADA NAS ESTRELAS – A NOVA GERAÇÃO
Tudo, mas tudo mesmo, sobre a grande saga estelar

28 CINQÜENTA ANOS DE NEO-REALISMO
***Roma, Cidade Aberta*, meio século atrás, inaugurou o movimento**

34 REPORTAGEM
Por que as legendas de cinema e vídeo nos atraiçoam?

38 EPIDEMIA
O terror do vírus Ebola chega às telas

42 NOVOS FILMES
Street Fighter*, *Barcelona*, *Antes da Chuva*, *Círculo Vicioso* – *A Vida de Dorothy Parker* e *À Beira da Loucura

52 MITO
Doris Day: A Virgem Profissional

54 FILMOGRAFIAS

56 HOLLYWOOD BOULEVARD
Loiras morenas e morenas loiras: quem vale mais?

78 CARDÁPIO
Estréias de atores na direção

80 FREESHOP
As novidades em trilha sonora

84 CARTAS

86 NOSTALGIA

ONU

ONU
COMEMORA MEIO SÉCULO

Fundada em 24 de outubro de 1945, a **Organização das Nações Unidas** (ONU) comemora seus 50 anos com um longa-metragem de ficção, intitulado ***Global Youth***, dirigido pelo sueco **Staffan Hildebrand**. A história gira em torno de um cantor também sueco de 21 anos que viaja para vários locais do mundo.

As fimagens começaram no Cairo (foto) e na Cidade do Cabo, no final de 1994, e vão continuar por vários países, inclusive o Brasil, com locações no Rio de Janeiro. O filme deverá estar pronto em meados do segundo semestre deste ano e será copiado e legendado em diversos idiomas para ser exibido simultaneamente por uma rede internacional de TV, formada pelas maiores emissoras do mundo.

20º PRÊMIO CÉSAR
OSCAR FRANCÊS

Isabelle Adjani foi premiada pela quarta vez com o César de melhor atriz, por sua interpretação em ***A Rainha Margot*** – ela vencera nesta categoria nos anos de 1982/84/89. Grávida de oito meses, do ex-namorado Daniel-Day Lewis, Isabelle não compareceu à cerimônia de premiação mas enviou um recado pelo ator Alain Delon: "É um bom motivo para comparecer". O filme de **Patrice Chéreau** recebeu também os prêmios de ator e atriz coadjuvantes, fotografia e figurinos. ***Rosas Selvagens***, de **André Téchiné**, se consagrou nas categorias de filme, diretor, roteiro e revelação feminina para **Elodie Bouchez** – **Mathieu Kassovitz** foi eleito a revelação masculina por ***Regarde les Hommes Tomber***. A comédia despretensiosa ***Quatro Casamentos e um Funeral***, de Mike Newell, venceu na categoria de filme estrangeiro. Os César especiais foram dados a **Steven Spielberg** e **Gregory Peck** e o de 20º aniversário da premiação à **Jeanne Moreau**.

Delon, Peck, Moreau e Spielberg

Stills

UIP

TOM HANKS

DE BOBO A ASTRONAUTA

A próxima missão de **Tom Hanks** não tem nada a ver com seus personagens de *Filadélfia* e *Forrest Gump*. Pode-se dizer que Hanks literalmente está nas nuvens. Seu novo filme, ***Apollo 13***, deve estrear em 30 de junho nos cinemas americanos. É baseado na história real dos três astronautas Jim Lovell (Hanks), Fred Haise (**Bill Paxton**) e Jack Swigert (**Kevin Bacon**): a caminho da Lua, percebem que estão sem oxigênio. A única solução é voltar à Terra, com o tempo correndo contra eles.

Dirigido por **Ron Howard** (*O Jornal*) a partir do livro *Lost Moon*, de Jim Lovell e Jeffrey Kluger, *Apollo 13* mostra o mundo inteiro sintonizado durante três dias na espectativa se eles iriam ou não conseguir pisar em terra firme de novo.

TRACI LORDS

O RETORNO DA PLATINUM MUSA

Saudosos da ex-atriz pornô Traci Lords saibam que a Rede Globo mantém guardado a sete chaves um tesouro precioso: episódios da série – atuamente fora do ar – *Melrose Place* com a belíssima.

Lords entra no seriado para dividir com Sydney um daqueles maravilhosos apartamentos do condomínio onde se desenrolam todas as transas.

Sobre seu personagem Rikki, Lords diz que no começo ele será uma gracinha, mas aos poucos "algo maléfico começa a se criar dentro de mim, e eu viro um monstro".

Infelizmente, Lords fica em Melrose por apenas cinco semanas. Mas, já dá para matar um pouco a falta que sua presença faz – pois ela está fora das telas desde 1993, quando trabalhou em *Tommyknockers*, de Stephen King. Também é possível ouvi-la em disco: Traci acaba de lançar um álbum techno-rock chamado *1.000 Fires*. Que calor!

Stills

Brosnan durante as filmagens em Mônaco

SALÁRIO

QUANTO VALEM AS ESTRELAS

Todo mundo sabe que os grandes nomes de Hollywood recebem um salário equivalente ao seu peso em ouro. Alguns são mais pesados que outros. Mas todos possuem uma gorda conta bancária.

Warner

UIP

UIP

Kevin Costner: apesar de seu próximo trabalho, *Waterworld*, estar sendo considerado o "grande mico" de sua carreira (*veja na coluna* Conexão L.A.), Costner pediu US$ 13 milhões para atuar.

Columbia

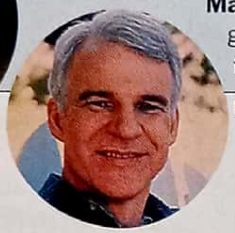
Sharon Stone: acumulando um sucesso após o outro, a atriz passou a pedir um cachê de US$ 7 milhões por filme. Para o remake de *A Diabólica*, Sharon inflacionou, exigindo US$ 8 milhões.

Steve Martin: mesmo com a verve cômica em baixa, Martin cobrou US$ 6,5 milhões para aparecer no novo filme de Nora Ephron, *Mixed Nuts*.

MGM

Marisa Tomei: antes de *Meu Primo Vinny* ninguém sabia que ela existia; depois de ganhar o Oscar, o cachê saltou de quase nada para US$ 5 milhões.

Richard Gere: dinheiro não traz felicidade mas ajuda a esquecer as mágoas. No caso de Gere, foram US$ 8 milhões para interpretar o cavaleiro Lancelot em *First Knight*.



UIP

Macaulay Culkin: tamanho ele não tem, mas salário de gente grande sim. Foram US$ 8 milhões para interpretar o personagem-título de *Riquinho*.

TANK GIRL

HEROÍNA DO FUTURO

Depois que **Meryl Streep** atuou de "cabeça para baixo" em *O Rio Selvagem*, provando que tem músculos para outros gêneros que não o drama, as coisas podem melhorar para o time feminino.

A diretora que sai na frente este ano nos Estados Unidos com uma heroína é **Rachel Talalay**, aquela que matou Freddy Krueger em 1991. Talalay pegou a HQ de sucesso *Tank Girl* e levou para o celulóide, com **Lori Petty** (*Caçadores de Emoção*) encarnando a super-heroína dos quadrinhos.

No ano de 2033, a Terra foi devastada por um cataclismo ecológico, quando as fontes de água secaram. Neste cenário devastado, surge a guerreira esperta, sexy e com senso de humor incrível Rebecca Buck/Lori Petty. Dirigindo seu tanque, ela decide invadir o Departamento de Água e acertar as contas com aqueles que têm o poder sobre o líquido precioso.

UIP

Depp exercita suas fantasias em Don Juan de Marco

PRIMEIRAS IMAGENS

AINDA NOS SETS

Se o ditado diz que a curiosidade matou o gato, então vamos matá-lo e mostrar em primeiríssima mão cenas de três filmes esperados com ansiedade pelos cinéfilos brasileiros.

As filmagens do próximo James Bond, intitulado ***Goldeneye***, começaram em Mônaco. Depois, o diretor **Martin Campbell** e a equipe de produção se dirigem para Porto Rico, São Petersburgo, Suíça e finalmente fazem uma parada na paradisíaca Côte D'Azur. **Pierce Brosnan**, o novo agente 007, não tem do que reclamar.

Marlon Brando e **Johnny Depp** encabeçam o elenco de ***Don Juan de Marco***, que conta também com a presença da talentosa **Faye Dunaway**. Como o psiquiatra do atormentado Depp, Brando permite que o jovem cliente pratique suas mais loucas fantasias em seu consultório. Pela foto, Depp tem uma imaginação bem sexual!

Vem aí mais uma superprodução de ficção científica inspirada em HQ. É ***Judge Dredd***, com **Sylvester Stallone** encarnando o personagem-título. Pelo jeito, o filme tem tudo para abafar: no violento século 23, Judge Dredd se torna o juiz e o executor daqueles que se rebelam contra a paz e a harmonia entre os seres.

Stallone como Judge Dredd

Foto: Stills

Brasiliense

PATRICIA HIGHSMITH

A DAMA SE DESPEDE DO CRIME

Conhecida como a rainha do suspense, a escritora norte-americana **Patricia Highsmith** faleceu no dia 5 de fevereiro, em Locarno, Suíça, país que adotara há quarenta anos. Nascida em 19 de janeiro de 1921, Patricia escreveu mais de vinte romances, dos quais quatro foram adaptados para o cinema.

Quem a descobriu foi o mestre Alfred Hitchcock, que filmou *Strangers in a Train*, intitulado *Pacto Sinistro*, roteirizado por Raymond Chandler. Vieram depois *O Sol por Testemunha*, de René Clément, com Alain Dellon no papel de Ripley, *O Amigo Americano*, de Wim Wenders, e *O Grito da Coruja*, de Claude Chabrol.

Ao falecer, Patricia havia colocado o ponto final em seu último livro, *Small G., um Idílio de Verão*, primeiro romance ambientado na Suíça.

CARLA CAMURATTI

A RAINHA DA BILHETERIA

Não é à toa que Carla Camuratti se emociona ao falar de seu primeiro longa-metragem *Carlota Joaquina – A Princesa do Brazil*: é um sucesso de público, sortido e variado como ela diz, que levou 250 mil pessoas ao cinema até meados de março.

Apesar disso, Carla não sossega e acompanha todos os números, porque são referências para que o filme continue em cartaz. "Acompanho tudo de perto, desde a bilheteria até a relação com a imprensa, e sempre ligo para os porteiros para saber como foi a sessão."

Márcio Alves/Azul

De acordo com a própria Carla, 22% do orçamento – de US$ 630 mil – já estava pago na terceira semana de exibição. As empresas investidoras, inclusive estatais, estão satisfeitas com esse lucro, principalmente porque a cineasta achatou ao máximo o orçamento.

Para Carla, o sucesso do filme está relacionado com o preconceito com o cinema brasileiro. "As pessoas são loucas para gostar dos filmes; mas, em um certo período, o cinema no Brasil se distanciou do público. Acho que houve um desequilíbrio na relação público-cinema depois da fase Glauber Rocha, que era um gênio e acabou criando uma geração de não-gênios que fizeram coisas ruins."

E como Carla conseguiu fazer o público brasileiro se interessar de novo pelas nossas produções? Para ela é uma conseqüência de sua direção de produção. "Não adianta a nossa indústria cinematográfica tentar seguir moldes impossíveis de serem praticados aqui. O mais bonito é conseguir enganar, usar papel camurça para fazer parecer que é veludo. Quando não dá para ser maior, é preferível ser menor e fazer melhor."

A escolha do tema que faz tanto sucesso ("coisa que eu nem imaginava") não foi difícil porque ela é uma amante de História. "Não gosto da realidade. No fundo a História é a ficção do homem. Em algum momento, um fato é quase ficcional, pois passa por várias óticas até chegar a você."

Se em *Carlota* todos os fatos são reais, o volume de produção de imagens é um pouco fantasioso porque é uma menina ouvindo histórias sobre o Brasil, um país distante. "A história é por si só engraçada e o importante é o pitoresco da época. O fundamental a nossa imaginação faz, e não dá para subestimar o público, ele não é burro. Acho que o filme ganhou a simpatia das pessoas porque acredito que o cinema não deve dar a conclusão."

Apesar de *Carlota* ter tudo para fazer sucesso também no mercado estrangeiro, o desejo da diretora é que ele se dê bem no Brasil. "Se atingir 10% da população brasileira já é maravilhoso. Não quero que meu filme seja sucesso lá fora e um 'mico' no Brasil. Quero fazer um cinema que condiz com a realidade do meu país."

Carla está trabalhando num novo projeto, cujo argumento fala de velhice. Ela começa a escrever o roteiro em parceria com Melanie Dimantas, também colaboradora de *Carlota Joaquina*, em maio.

Ellen Alaver

COMO É MESMO O NOME DELES?

Gente que você conhece, mas não sabe de onde

UPP

FRANCES McDORMAND (1958): atriz formada pela Yale Drama School, se caracteriza por ser muito rigorosa na escolha de papéis. Versátil, transita com naturalidade entre o drama e a comédia. Ficou conhecida por interpretar com força duas sofridas esposas sulistas na sua estréia, *Gosto de Sangue* (84), e em *Mississipi em Chamas* (88), pelo qual recebeu uma indicação ao Oscar de atriz coadjuvante. Em *Gosto de Sangue*, conheceu o diretor Joel Coen, com quem ainda trabalhou em *Arizona Nunca Mais* (87) e em *Ajuste de Contas* (90, sem crédito) e com quem mora até hoje em Manhattan. Outros filmes: *Darkman* (90), *Agenda Secreta* (90), *A Mulher do Açougueiro* (91) e *Short Cuts* (93).

UPP

MICHAEL ROOKER (1955): ator de aparência rude adequada para os tipos ameaçadores que o marcaram principalmente no começo de sua carreira. Teve uma infância pobre com mãe divorciada e cinco irmãs em vizinhança criminosa de Chicago. Talvez por isso, tenha alcançado notoriedade com sua impressionante caracterização em *Retrato de um Assassino* (86/90), sua estréia nas telas. Tentou variar sua persona em papéis sérios ou de mocinho em filmes como *JFK* (91) e *A Metade Negra* (93). Outros filmes: *Mississipi em Chamas* (88), *Vítimas de uma Paixão e Muito Mais que um Crime* (89), *Dias de Trovão* (90), *Risco Mortal* (93) e *Tombstone* (94).

Ana Cordeiro

OS SETE SACRAMENTOS

DE MÃOS DADAS COM A TV

A exemplo de *Veja Esta Canção* e *Sombras de Julho*, a parceria TV e cinema acaba de render mais um longa-metragem: *Os Sete Sacramentos de Canudos*. Com produção da TV alemã RDF, o apoio de Villi Müller e com sete cineastas brasileiros envolvidos no projeto, o filme – orçado em cerca de US$ 600 mil – faz uma releitura atualizada do fenômeno social, político e religioso que sacudiu o país no final do século passado. Apesar dos cineastas pretenderem mostrá-lo em telas nacionais, o longa será primeiro exibido pela RDF e pelo Canal Art.

Com sete episódios de 12 a 15 minutos, *Os Sete Sacramentos* tanto recontam a história real de Canudos ("A Confirmação", de Pola Ribeiro (foto), "A Penitência", de Joel Almeida, e "A Extremunção", de Jorge Furtado) como também a recriam por uma ótica fantasiosa. É o caso do episódio de Sandra Werneck, "A Comunhão", que transporta Canudos para o Morro de Santa Marta, no Rio, e o de Luís Alberto Pereira, "A Ordem", que mostra o encontro hipotético entre o guerrilheiro Carlos Lamarca e o beato Antonio Conselheiro em Monte Santo.

O diretor gaúcho Otto Guerra, conhecido pelo seu escracho, finaliza o filme com a animação "O Batismo", que revela os horrores da guerra sob o olhar de quatro crianças.

Eloisa Deveze

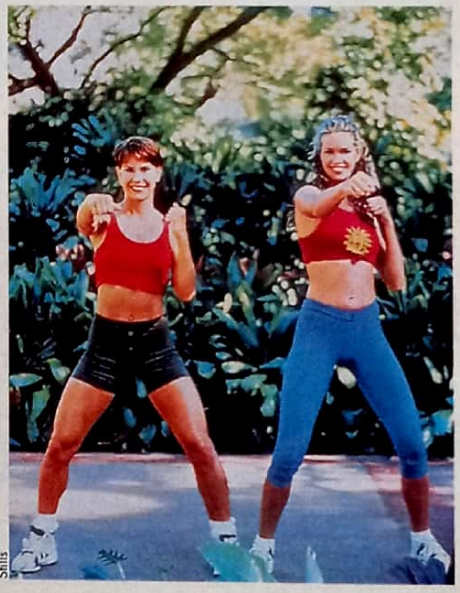
BLOCKBUSTER VIDEO

AGORA TAMBÉM NO BRASIL

A maior rede americana de videolocadoras, a Blockbuster, acaba de ancorar no Brasil; mais precisamente na esquina da rua Pedroso Alvarenga com a Renato Paes de Barros (no bairro do Itaim, da cidade de São Paulo). Com mais de 2 mil pontos nos Estados Unidos, o grupo pretende inaugurar outras dezenove lojas em nosso território até o final de 1995. A idéia da Blockbuster – que faz parte do grupo Moreira Salles (Unibanco) e deverá investir US$ 20 milhões no projeto nos próximos cinco anos – é fazer das suas lojas um ponto de referência no que diz respeito a todos os prazeres de se assistir a um bom vídeo.

Uma das normas é que cada locadora contenha acima de 5 mil títulos no acervo, sempre com várias cópias disponíveis. O grande *appeal* da rede será a possibilidade de encontrar não só os lançamentos ou grandes clássicos, mas também filmes de dez, vinte ou trinta anos atrás. Para viabilizar esse objetivo, a empresa fez um trabalho de busca em pequenas revendas, que costumam esconder raridades em seu estoque, importou uma Tape Check, máquina que avalia e faz pequenos reparos em fitas usadas, e chegou a um acordo com as maiores distribuidoras cinematográficas baseadas no Brasil. Segundo esse acordo, a Blockbuster teve acesso até aos mais antigos catálogos de cada uma delas e, a partir deles, selecionou vários títulos já fora de linha para serem reproduzidos em caráter especial.

Maria Cecília Prado



Stills

ELLE MACPHERSON

SEGREDOS DE BELEZA

Quer descobrir os segredos da estonteante beleza que a modelo-atriz **Elle MacPherson** (à direita na foto) exibe no filme *Sereias*? Logo, logo será possível saber tudinho, pois Elle lançou a fita de vídeo *Your Personal Best Workout with Elle MacPherson*, com um programa de fitness completo. Para ajudá-la, a autoridade internacional no assunto **Karen Voight**.

José Emilio Rondeau

WATERWORLD, O FURO N'ÁGUA

Os cenários marítimos de *Waterworld*, na costa de Big Island, a maior ilha do arquipélago havaiano: Netuno não ajudou

A batata de Kevin Costner está assando, e não é devido ao pedido de divórcio litigioso feito pela ex-esposa Cindy depois de ter-se enchido das fugidas amorosas do marido. Se existe hoje em Hollywood uma cabeça roçando na guilhotina, é a de Kevin. E a culpa é de seu novo filme, *Waterworld*.

Aventura/fantasia passada num mundo submarino do futuro, descrito como "uma espécie de *Mad Max* debaixo d'água", desde o início das filmagens *Waterworld* vem sendo atormentado por crises de poder na equipe (um diretor assistente e uma produtora se demitiram, alegando incompatibilidade de gênios), atrasos (já foram oito meses de produção, o dobro do normal), a fúria da natureza (uma tempestade afundou uma "colônia de escravos" cenográfica), e um inchaço crônico de orçamento. Isso sem contar a bisbilhotice da imprensa, que vem relatando o drama em detalhes, para desespero dos realizadores.

Como metade do tempo *Waterworld* se passa debaixo d'água, Costner e o diretor Kevin Reynolds decidiram rodar quase tudo em locação na Big Island, a maior ilha do arquipélago havaiano. Resultado: desinformado das necessidades da produção, Netuno movimentou as marés, enturvou as águas, e fez a luz do sol permanecer em contínuo estado de mutação (o pavor dos diretores de fotografia).

Somados, esses problemas quase dobraram o orçamento da produção: passou dos iniciais US$ 100 milhões aprovados por Tom Pollock, o chefão da Universal Pictures, para cerca de US$ 160 milhões. E há quem garanta que, computados todos os gastos – pós-produção, marketing, copiagem –, terá custado US$ 200 milhões. Com o custo atual, *Waterworld* já bateu todos os recordes e é dono do título (de valor duvidoso) de "O Filme Mais Caro da História do Cinema".

Em resumo, essa *débâcle* aponta para um problema principal, aparentemente irremediável: a inexperiência de Kevin Reynolds. Um cineasta mais tarimbado, com visão mais clara e abrangente de finanças e orçamentos, optaria contra filmar debaixo d'água. Seria muito mais seguro, e infinitamente mais econômico, criar um mundo submarino em computadores Silicon Graphics, os mesmos utilizados em *Jurassic Park* e em *Forrest Gump*. Movidos mais a *egotrip* que a bom-senso, os dois Kevins partiram para um empreendimento mais "realista". E, conseqüentemente, *n* vezes mais arriscado e, numa indústria tão ciosa de cifras e balancetes, muitíssimo mais caro. Erro dos grandes.

Além disso, os constantes atrasos de *Waterworld* estão ameaçando seu lançamento, previsto para julho. Para evitar mais um desastre, o filme está sendo montado a toque de caixa por equipes que trabalham 24 horas por dia em esquema de revezamento.

Para se ter uma idéia de quão caro é *Waterworld*, basta compará-lo com um projeto pioneiro e tido inicialmente como impossível de se fazer, pois na época da concepção sequer existia a tecnologia necessária à sua realização: *Jurassic Park*. Steven Spielberg não gastou mais de US$ 57 milhões para criar um mundo artificial – mas realista aos olhos e ouvidos da platéia – povoado por dinossauros, e coletou com ele US$ 357 milhões nas bilheterias americanas. Incluindo a renda no resto do mundo, fez pouco menos de US$ 500 milhões.

A ironia é que houve um momento em que Robert Zemeckis (o crânio e o coração por trás de *Forrest Gump*) se ofereceu para dirigir *Waterworld*. Mas Kevin Costner ameaçou se desligar do projeto se Tom Pollock não deixasse seu amigo Kevin Reynolds dirigir. E deu no que deu.

Aprenda a fotografar com a MPO Vídeo!

Método super didático e se você não entendeu basta voltar a fita!!

Curso Completo de Fotografia em 6 fitas de vídeo

com o Prof. Eduardo Zocchi da ESPM

Vídeo 1. Princípios Gerais; Tipos de Câmaras, Formatos. Cód.: 6001 Duração:75 min.

Vídeo 2. Diafragma e Profundidade de Campo; Velocidades, Obturador e Tempo de Exposição Cód.: 6002 Duração:106 min.

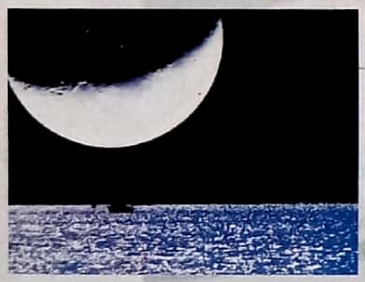
Vídeo 3. Fotômetros e Fotometria, Tipos de Filmes e Aplicações Cód.: 6003 Duração:72 min.

Cód.: 6004 Duração:78 min. **Vídeo 4**. Objetivas

Vídeo 5. O Uso Criativo do Flash Eletrônico Cód.: 6005 Duração:67 min.

Vídeo 6. Filtros: de Contraste, de Conversão e Efeitos Especiais Cód.: 6006 Duração:83 min.

Curso totalmente ilustrado com centenas de fotos!



Preço de cada fita - R$ 39,00

Preço do Pacote - R$ 190,00

Na compra do Pacote ganhe grátis uma vídeo-aula do Software para tratamento de fotos no computador "Adobe PhotoShop 2.5"

ENVIE O CUPOM OU COMPRE POR TELEFONE OU FAX

Fone:(011) 263-1522

Fax:(011) 62-7608

MPO VIDEO

[X] Sim, desejo receber em minha residência as seguintes fitas de vídeo

Incluso taxa de remessa

Código	Qtde.	Preço Unit. R$	Total R$
		TOTAL	

FORMA DE PAGAMENTO:

☐ À vista, cheque anexo em nome de MPO Vídeo Imp. e Exp. Ltda.
Rua Urbanizadora, 140 - Sumaré - São Paulo - SP - CEP 01252-040

☐ Depósito em conta corrente
MPO Vídeo - Banco Bradesco - Ag. 0498-7 - C/C 54.234-2. Envie cópia do comprovante.

☐ Cartão de Crédito nº _____

Nome do cartão: _____ Validade: _____

Data: _____ Assinatura igual a do cartão: _____

NOME ..... : _____

ENDEREÇO . : _____

Nº ..... : _____ COMPLEMENTO : _____ CEP . : _____

BAIRRO ..... : _____ DATA NASC. . : _____

CIDADE ..... : _____ EST. : _____ TEL. : _____

CIC ..... : _____ RG .. : _____

ST-94

OS MELHORES DE 1994

Leitores e críticos apontam suas preferências através do voto

A Lista de Schindler

RESULTADO DA CRÍTICA

FILME
A Fraternidade É Vermelha (7 votos)
A Lista de Schindler (4 votos)

VÍDEO
A Doce Vida e *Apocalipse de um Cineasta* (4 votos)

DIRETOR
Robert Altman, por *Short Cuts – Cenas da Vida* (9 votos)
Krzysztof Kieslowski, por *A Fraternidade É Vermelha* (8 votos)

ATOR
Terence Stamp, por *Priscilla, a Rainha do Deserto*, e Daniel-Day Lewis, por *Em Nome do Pai* (5 votos)

ATRIZ
Virna Lisi, por *A Rainha Margot* (7 votos)
Miranda Richardson, por *Tom e Viv* (4 votos)

ROTEIRO
Short Cuts – Cenas da Vida (10 votos)

FOTOGRAFIA
A Lista de Schindler (6 votos)

EFEITOS ESPECIAIS
Forrest Gump – O Contador de Histórias (12 votos)

TRILHA SONORA
Priscilla, a Rainha do Deserto e *Os 5 Rapazes de Liverpool* (5 votos)

Críticos: Cadão Volpato, Christian Petermann, Deborah Peleias, Isabela Boscov, José Emilio Rondeau (SET); Adhemar de Oliveira (Mostra Banco Nacional de Cinema/SP); Alessandro Giannini (Jornal da Tarde/SP); Álvaro Fraga (O Estado de Minas/MG); Celso Fioravante (Folha de S. Paulo/SP); Celso Sabadin (TV Bandeirantes/SP); Chris Couto (Cine MTV/SP); Cleber Eduardo (Diário Popular/SP); Hamilton de Almeida (A Gazeta/ES); Hamilton Rosa Junior (Ver Vídeo/SP); José Norberto Flesh (Folha da Tarde/SP); Liliane Machado (Correio Braziliense/DF); Luciano Trigo (O Globo/RJ); Luiz Fernando Zanin Oricchio (O Estado de S. Paulo/SP); Luiz Zini Pires (Zero Hora/RS); Neusa Barbosa (Veja São Paulo/SP); Rubens Ewald Filho (HBO/SP); Suzana Schild (Cinemateca do Museu de Arte Moderna/RJ); Wilson Cunha (Globosat/RJ)

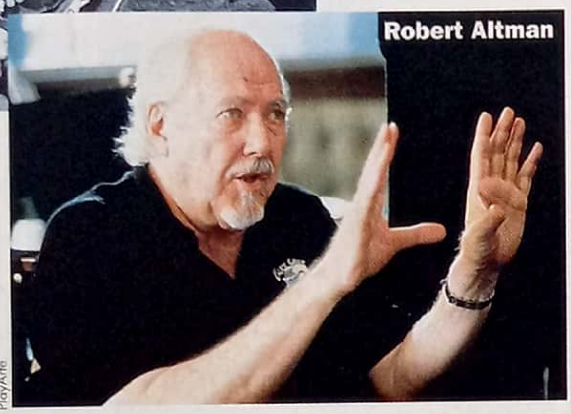
Raramente, na história das votações de SET, crítica e público tiveram afinidades na hora de escolher os melhores do ano. Esta votação não foi diferente: leitores e críticos só concordaram no quesito fotografia, em que venceu *A Lista de Schindler*. O resto foi disparidade. A crítica preferiu a sofisticação de *A Fraternidade É Vermelha*, *A Doce Vida* e *Short Cuts*, mas também votou no escracho de *Priscilla, a Rainha do Deserto*; o público escolheu Steven Spielberg: do impacto de *A Lista de Schindler* aos dinossauros de *Jurassic Park*. Mas, feitas as contas, a arte e o entretenimento saíram ganhando. De que é feito o bom cinema, afinal, senão da combinação equilibrada destes dois elementos?

A Fraternidade É Vermelha

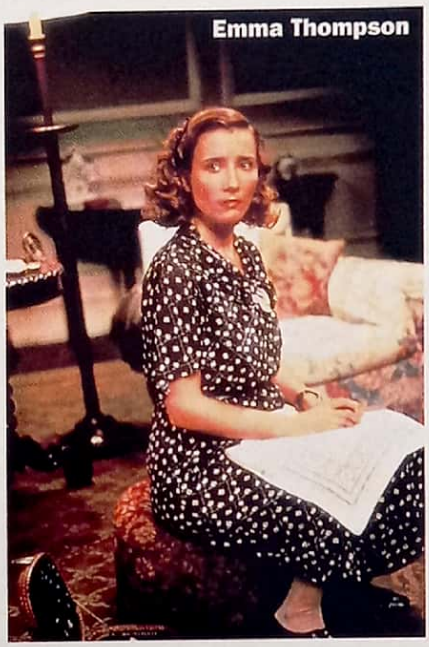
Look Filmes

UIP

UIP



PlayArte



Columbia

LFI

Paramount

Angeli

RESULTADO DOS LEITORES

FILME
1º) *A Lista de Schindler* (315 votos)
2º) *Forrest Gump – O Contador de Histórias* (202 votos)
3º) *Entrevista com o Vampiro* (105 votos)

VÍDEO
1º) *Jurassic Park* (163 votos)
2º) *O Fugitivo* (145 votos)
3º) *A Casa dos Espíritos* (143 votos)

DIRETOR
1º) Steven Spielberg, por *A Lista de Schindler* (593 votos)
2º) Neil Jordan, por *Entrevista com o Vampiro* (104 votos)
3º) Martin Scorsese, por *A Época da Inocência* (71 votos)

ATOR
1º) Tom Hanks, por *Forrest Gump* (392 votos)
2º) Anthony Hopkins, por *Vestígios do Dia* (106 votos)
3º) Daniel Day-Lewis, por *Em Nome do Pai* (104 votos)

ATRIZ
1º) Emma Thompson, por *Vestígios do Dia* (271 votos)
2º) Kirsten Dunst, por *Entrevista com o Vampiro* (189 votos)
3º) Jamie Lee Curtis, por *True Lies* (116 votos)

ROTEIRO
1º) *A Lista de Schindler* (356 votos)
2º) *Quatro Casamentos e um Funeral* (192 votos)
3º) *Em Nome do Pai* (123 votos)

FOTOGRAFIA
1º) *A Lista de Schindler* (285 votos)
2º) *A Época da Inocência* (171 votos)
3º) *O Jardim Secreto* (116 votos)

EFEITOS ESPECIAIS
1º) *StarGate* (180 votos)
2º) *Forrest Gump* (177 votos)
3º) *Entrevista com o Vampiro* (120 votos)

TRILHA SONORA
1º) *O Rei Leão* (249 votos)
2º) *Os 5 Rapazes de Liverpool* (228 votos)
3º) *A Lista de Schindler* (115 votos)

Amostragem realizada com 1.000 cédulas num total de 5.905.

STAR TREK, A SÉRIE MAIS DURADOURA DO CINEMA, ENTRA NO SÉTIMO LONGA-METRAGEM ABSORVENDO O RITMO DOS VIDEOGAMES E A COMPUTAÇÃO GRÁFICA PARA CONTINUAR SEGUINDO ATÉ ONDE NENHUM HOMEM JAMAIS ESTEVE, AO MENOS COM TANTOS FÃS

Por Christian Petermann

A mais bem-sucedida série de ficção científica da história da imaginação terrestre entra em uma nova fase. Com a realização de *Jornada nas Estrelas: A Nova Geração*, uma história que chega perto de seus trinta anos de existência toma um novo rumo, trilha outros espaços nunca antes explorados e confirma sua posição de uma das mais impressionantes franquias que o capitalismo selvagem já conheceu (movimentando bilhões de dólares).

Talvez até mais do que marcar a passagem do cetro heróico de James T. Kirk – capitão da Enterprise em sua formação original – para Jean-Luc Picard – o capitão mais cerebral que assumiu a nave 100 anos depois, ou seja, no final do século 23 –, o longa-metragem *A Nova Geração* evidencia o legado deixado por Gene Roddenberry. Mentor da série original e também da *Nova*

TEIRA FINAL

Fotos UIP

Geração televisiva, que começou a ser exibida em 1987, Roddenberry criou um dos ícones mais poderosos da fantasia ocidental contemporânea. Após a sua morte, em 1991, quem assumiu seu posto foi o produtor Rick Berman. Associado ao projeto da nova série desde o começo de sua realização, Berman viu seu poder aumentar gradualmente, graças à amizade com Roddenberry. Na ausência deste, Berman tornou-se o cabeça por trás da marca *Jornada nas Estrelas*. A Paramount Pictures o incumbiu de levar a tripulação da *Nova Geração* para as telas grandes. A telessérie "morreu" no primeiro semestre do ano passado para ressurgir, feito fênix, no formato de superprodução em novembro de 1994, data de estréia do filme nos EUA.

Berman associou-se a David Carson – diretor de vários episódios da série (assim como do piloto de *A Nova Missão/Deep Space Nine*, outra telessérie derivada) – e aos roteiristas Ronald D. Moore e Brannon Braga – íntimos dos personagens e das situações que eles viveram durante os sete anos de grande sucesso que *A Nova Geração* experimentou – para realizar o longa-metragem que injetaria sangue novo nas telas e, com isso, poderia ampliar ainda mais a frota de fãs espalhados pelo planeta Terra.

POLÊMICAS ACALORADAS

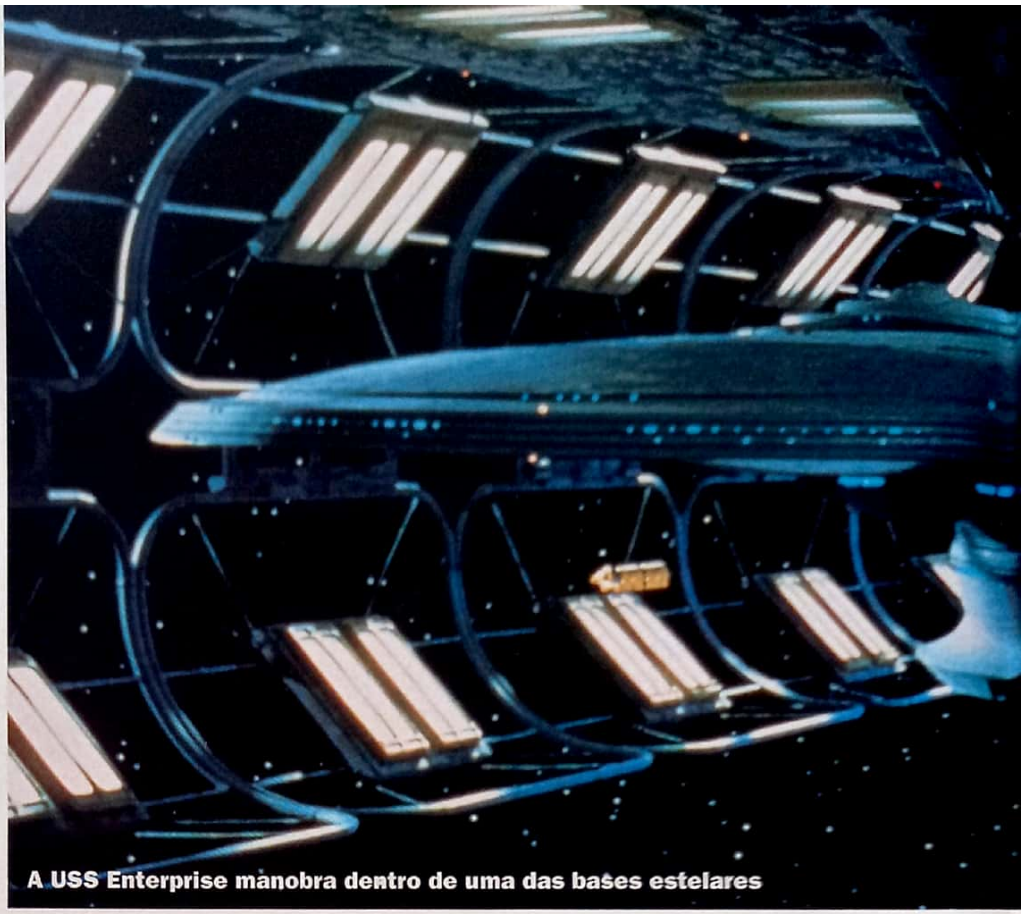
Todos concordaram, desde o início, que alguns integrantes da série original precisavam estar presentes para que fãs tradicionalistas não se sentissem órfãos ou perdidos no espaço (sic). Leonard Nimoy não reencarnou o seu famoso vulcano Spock por não ter concordado com o roteiro (e suas poucas falas). DeForest Kelley também tirou o corpo fora de seu dr. McCoy por ter se recusado a assinar um seguro de velhice (afinal de contas, ele está com 75 anos de idade!). Quem ficou foi o próprio capitão Kirk (William Shatner), o escocês Scotty (James Doohan) e o russo Chekov (Walter Koenig). O consenso geral foi de arranjar um mistério que começasse na época da série original e que continuasse na *Nova Geração*.

O dilema agora era como reunir duas tripulações, em especial os dois capitães, se entre eles há praticamente um século de descobertas futuras? Criou-se um território neutro que é um dos segredos do filme, o Nexus, um lugar formado de energia e no qual não há espaco e tempo definidos. É para este lugar que vai o grande vilão, o dr. Soran (Malcolm McDowell, de *Laranja Mecânica*), forçando Picard (Patrick Stewart) a buscar a ajuda de Kirk.

Os espectadores precisam estar preparados: *A Nova Geração* é uma aventura

escapista da melhor estirpe, mas é dominada pelas características que marcaram a segunda telessérie, que de certa forma abandonou o humanismo positivista que caracterizou as histórias no final da década de 60 e que, por fim, em muito explica o charme e o culto que nasceram pós-encerramento de sua realização. *A Nova Geração* é um espetáculo em clima videogame, com impacto visual adequado a um ritmo mais adrenalínico. Tanto que é a primeira vez que um longa da série conta com seqüências inteiras concebidas por computador, recurso que foi rapidamente usado em *Jornada nas Estrelas II – A Ira de Khan* (no efeito do projeto Gênesis) e em *Jornada nas Estrelas VI – A Terra Desconhecida* (a explosão da lua klingon e a resultante onda de choque).

Este longa nos chega com várias polêmicas acaloradas. Em primeiro lugar, muito se falou do conflito de gênios e egos entre Shatner e Stewart durante as filmagens. Só o tempo nos dirá a verdade, mas em todas as entrevistas conjuntas que os atores deram, ambos foram só desmentidos. Além disso, muito mais ventilado que o grande mistério de *Traídos pelo Desejo* (1992), de Neil Jordan, é o "grande segredo" desse filme: todos já sabem que a transição preparada é completa, pois o capitão Kirk morre ao final. O roteiro ainda prepara algumas surpresas em relação à própria nave Enterprise e em especial ao personagem Data, o andróide de *A Nova Geração*.



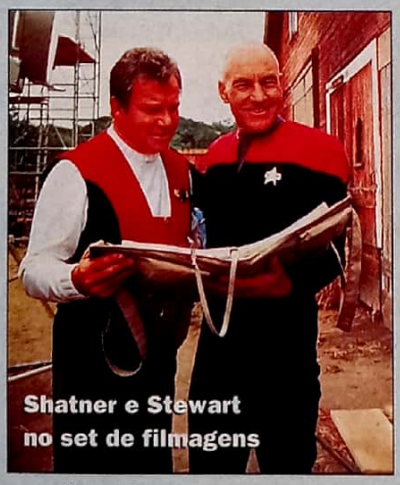
A USS Enterprise manobra dentro de uma das bases estelares

ENTREVISTA • Patrick Stewart e William Shatner

O ENCONTRO DOS CAPITÃES

O que vocês acharam de um filme da série *Jornada nas Estrelas* com dois capitães ao mesmo tempo?

P.S. – A partir do momento em que este filme tornou-se uma possibilidade, durante muito tempo – e, no início, sozinho – argumentei a favor disso, pois se íamos fazer um filme incluindo a nova geração (de tripulantes), era absolutamente crítico que Bill (William Shatner) e muitos de seus colegas do seriado original fizessem parte do filme. Não me parecia aceitável realizar um filme que fizesse a transição (de uma geração para outra) sem incluir o máximo possível de ambas as tripulações.



Shatner e Stewart no set de filmagens

W.S. – Já conhecia Patrick há muitos anos, conhecia boa parte do trabalho dele e pessoalmente havíamos nos conhecido num vôo de Las Vegas a Los Angeles. E durante este vôo concordamos que não, não era possível em absoluto fazer esse filme sem que a antiga tripulação aparecesse também.

O que vocês, como capitães da Enterprise, aprenderam a respeito do futuro, das viagens espaciais e das novas tecnologias?

W.S. – *Jornada nas Estrelas* imagina como será o mundo bem lá no futuro e nos oferece a possibilidade de um futuro magnífico, com pessoas inteligentes no comando (do mundo); tudo será muito bom. É isso que a série promete.

P.S. – As pessoas sempre acham que, pelo fato de estar fazendo este papel há sete anos, eu A) tenho paixão por ficção científica, algo que eu não tenho, e B) tenho um profundo interesse pelo espaço e por viagens espaciais, que eu também não tenho. É um trabalho que eu faço (*risos*). Não tenho uma compreensão profunda das complexidades da tecnologia. Até agora não sei como programar o ar condicionado do meu carro (*risos*).

José Emilio Rondeau

DIVAGAÇÕES FUTURAS

De qualquer forma, a realização de mais este rebento oriundo diretamente da imaginação de Gene Roddenberry – que concebeu a primeira série por estar insatisfeito com a falta de ousadia e liberdade que os programas televisivos ofereciam na segunda metade da década de 60 – só vem selar um dos maiores fenômenos da história do cinema. Podem-se conjecturar inúmeros argumentos para explicar o encanto que a série original provocou, mas a verdade é que ela, antes de mais nada, criou um verdadeiro mundo paralelo, e não apenas por ter concebido um sistema político futuro com incessantes referências à nossa realidade (como o fato, por exemplo, de a Federação Unida de Planetas ser herdeira direta da ONU – Organização das Nações Unidas).

Star Trek chegou ao mundo em uma época socialmente conturbada e adequou-se às ansiedades mais diversas por apresentar tramas esperançosas na raça humana e na possibilidade unilateral de se resolver os

Picard (Stewart) com o vilão Soran (McDowell) e, abaixo, com Kirk (Shatner)

Whoopi Goldberg, do alto de seus 1000 anos, no bar da Enterprise

dilemas futuros. Além disso, foi uma das poucas séries de ficção científica a também ter se comunicado diretamente com o público feminino por tratar de valores maiores que o da mera ação heróica, detendo-se no desenvolvimento de caracteres e nas relações humanas (bem, nem sempre...) sob um código psicanalítico que Freud teria adorado decifrar.

Ao oferecer entretenimento com uma certa ideologia por vezes até ufanista por trás, Roddenberry casualmente criou um dos maiores símbolos de nossa ambição científica, a de alcançar o poder e a sabedoria através da consciência e da paz. *A Nova Geração*, o longa, está aí para abrir mais uma porta para divagações futuras, que podem muito bem ficar nas duas horas de escurinho no cinema ou então acompanhar o espectador por sonhos que alcançam a fronteira final. Ou aquilo que é a fronteira final para a geração atual.

Uma coisa é certa: junto com este sétimo longa, estar-se-á formando uma nova geração de espectadores que, diferente da dos anos 60, que refletiu na TV os seus anseios triunfalistas e inocentes, abre sua mente para a conquista tecnológica e para o usufruto comercial desta que é uma das mais duradouras franquias a varrer nossa história... até o dia de amanhã.

SET

SAFRA 2265

O novo *Star Trek* nasceu com uma boa idéia

Num futuro não muito distante, pessoas que habitam dois tempos diferentes serão capazes de se encontrar e interagir. Pelo menos é o que nos propõe *Jornada nas Estrelas – A Nova Geração*, o sétimo filme derivado do veneradíssimo seriado de TV e o primeiro a ser concebido com a segunda tripulação da Enterprise.

Para acolchoar uma trama que embola os prazeres e perigos do paraíso, vida após a morte e até Frank Capra, o roteiro não apenas combina os integrantes de duas tripulações da Enterprise, independente do fato de que nada menos que um século separa os dois times, como também junta os dois cabeças (Kirk e Picard) numa exploração do além que parece pinçada de *A Felicidade Não se Compra* (1946). Detalhe: durante a maior parte do filme, Kirk está morto! (Não venha se indignar com esta "revelação", pois todo mundo já está careca de saber disso).

Faz todo o sentido do mundo estabelecer essa troca da guarda, transportando para o cinema a segunda geração do seriado. Apesar de nunca ter sido uma potência interpretativa, Shatner já está mais para lá do que para cá e, afinal, seis longas baseados na série antiga, convenhamos, é uma senhora sobrevida. O que incomoda no novo filme é a maneira como uma boa idéia inicial – enviar Kirk e Picard numa mesma missão – resulta tão forçada e frustrante para o público. Para impedir que o cientista louco Dr. Soran (Malcolm McDowell, aqui melancolicamente reduzido a um punhado de caras e caretas) destrua a humanidade para atingir seu nirvana pessoal, Kirk e Picard cruzam universos e dimensões só para resolver a parada no muque!

Há uma abundância de incongruências. Se é possível chegar ao tal Nexus do filme, no qual tempo e espaço podem ser manipulados, muitas das deficiências da história deste *Jornada nas Estrelas* poderiam ser corrigidas ou evitadas, contrabalançando assim os momentos verdadeiramente brilhantes: a abertura do filme, com uma garrafa de champanhe safra 2265 flutuando no espaço, já é clássica.

J.E.R.

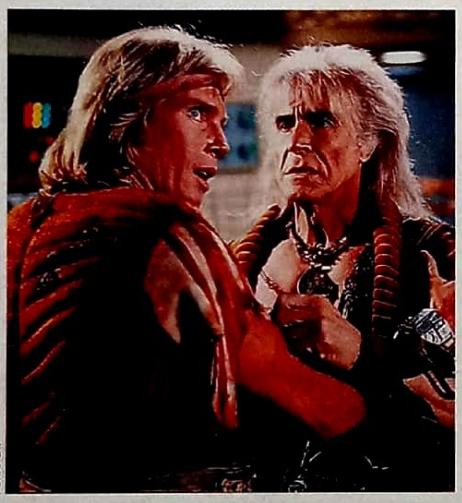
Star Trek Generations, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: David Carson ■ ROTEIRO: Ronald D. Moore e Brannon Braga, baseado em personagens criados por Gene Roddenberry ■ FOTOGRAFIA: John A. Alonzo ■ MÚSICA: Dennis McCarthy ■ MONTAGEM: Peter E. Berger ■ EFEITOS ESPECIAIS: Industrial Light & Magic ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Herman Zimmerman ■ MAQUILAGEM: Michael Westmore ■ PRODUÇÃO: Rick Berman ■ Com Patrick Stewart, William Shatner, Malcolm McDowell, Jonathan Frakes, Brent Spiner, LeVar Burton, Michael Dorn, Gates McFadden, Marina Sirtis, James Doohan, Walter Koenig ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP ■ DURAÇÃO: 115 min.

OS LONGAS PARA CINEMA

1º) JORNADA NAS ESTRELAS II – A IRA DE KHAN

(*Star Trek II: The Wrath of Khan*, EUA, 1982) Direção: Nicholas Meyer.

O único longa a ser uma continuação direta de um episódio da série clássica, "Semente do Espaço", é também o mais próximo ao espírito do original, com boas doses de suspense e humor; **em alta:** a seqüência, com ótimos efeitos especiais, na qual um planeta morto é recuperado pelo projeto Genesis com uma impressionante onda de energia; **detalhes:** Kirk descobre que tem um filho adulto (que morre no mesmo episódio); Spock salva seus amigos e morre heroicamente; **estrelas:** Ricardo Montalban como o vilão Khan e Kirstie Alley (*Olha Quem Está Falando*) como uma vulcana sexy, tenente Saavik.



Fotos UIP

2º) JORNADA NAS ESTRELAS IV – A VOLTA PARA CASA

(*Star Trek IV: The Voyage Home*, EUA, 1986) Direção: Leonard Nimoy.

A premissa é um tanto tola mas adequada aos tempos ecologicamente corretos em que vivemos; a tripulação da Enterprise oferece um espetáculo familiar e de excelente humor ao ter que voltar para a Terra do século 20 para levar duas baleias ao futuro, única forma de evitar que nosso planeta seja destruído no século 23; **em alta:** o humor proveniente do conflito de épocas, como, por exemplo, o dr. McCoy tentando operar em nosso primitivo século; **destaques:** alguns bons efeitos, como uma nave klingon se materializando sobre um barco de pesca e a viagem no tempo da Enterprise; impressionantes cenas documentais sobre o massacre das baleias; **estrelas:** Jane Wyatt como Amanda, mãe de Spock, e Catherine Hicks, o contraponto terráqueo da trama, atriz de filmes como *Brinquedo Assassino* e *Peggy Sue – Seu Passado a Espera*.

3º) JORNADA NAS ESTRELAS VI – A TERRA DESCONHECIDA

(*Star Trek VI: The Undiscovered Country*, EUA, 1986) Direção: Nicholas Meyer.

Parábola sobre o fim da Guerra Fria entre terráqueos e klingons, colocando a tripulação da Enterprise como pivô de assassinatos de repercussão diplomática; as tramas incluem uma fuga de um planeta-presídio e um atentado contra o presidente da Federação; **em alta:** Meyer, o diretor do melhor longa, retorna para realizar uma emocionante despedida da tripulação original – a conclusão da história é digna e arrepiante; **destaques:** glóbulos de sangue púrpura klingon flutuando em gravidade zero; as mutações do alienígena interpretado pela modelo Iman; o chute que Kirk dá nas partes delicadas de um alienígena (foto); **estrelas:** o vilão klingon, general Chang (Christopher Plummer, de *Em Algum Lugar no Passado*), letrado em Shakespeare; a bela Iman, esposa de David Bowie; Kim Cattrall, como uma vulcana; David Warner (também aparece no filme 5).

OS SERIADOS DISP

A SÉRIE CLÁSSICA

CIC

JORNADA NAS ESTRELAS – COMO TUDO COMEÇOU

O primeiro piloto da série, "The Cage", exibido em 1964, sem o capitão Kirk; boa história sobre mentalizações e ilusões, mas a produção ainda não tinha encontrado o tom certo.

O CLÁSSICO DA TV Volume 1

Inclui o segundo piloto oficial, "Onde Nenhum Homem Pisou", de 1966, sem McCoy, com uniformes diferentes e uma estranha sobrancelha para Spock, e "A Manobra", estréia do personagem McCoy e o ator Clint Howard como o alienígena mimado Balok.

O CLÁSSICO DA TV Volume 2

"O Tempo" é um dos melhores episódios, revelando uma doença que leva as pessoas ao descontrole. É o episódio em que Spock chora! Já "O Estranho Charlie" tem argumento do próprio Roddenberry e fala de um rapaz de 17 anos com poderes à serviço de suas manias.

O CLÁSSICO DA TV Volume 3

"A Licença" apresenta uma colônia de férias que se revelará um lugar estranho, no qual os pensamentos se concretizam. "Semente do Espaço" é o episódio com o vilão Khan, que aparece no segundo longa.

CIC

O CLÁSSICO DA TV Volume 4

"O Espelho" verifica a existência de mundos paralelos com uma Enterprise de tripulação selvagem. "O Problema", totalmente apoiado no humor, é a famosa história dos pingos, bichos felpudos glutões e de fácil reprodução.

O CLÁSSICO DA TV Volume 5

"Viagem a Babel" é uma conturbada conferência de paz com povos inimigos e introduz os pais de Spock, Sarek e Amanda. Desfile de máscaras de látex dignas de espanto! "Um Pedaço de Ação" é sobre um planeta cuja cultura parte de um livro chamado *Gangues de Chicago nos Anos 20*. Extraterrestres sugestionáveis!

EM ORDEM DE QUALIDADE:

4º) JORNADA NAS ESTRELAS – O FILME

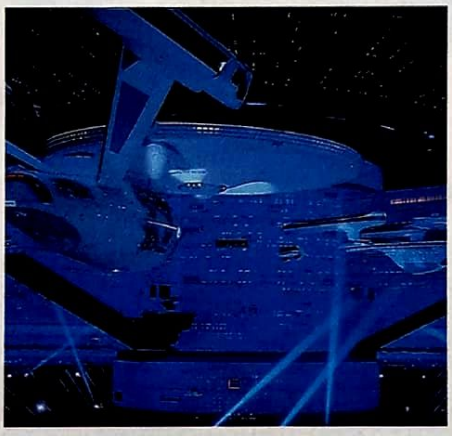
(*Star Trek: The Motion Picture*, EUA, 1979) Direção: Robert Wise.

História que já se tornou famosa enquanto idéia, mas que resultou em um filme meio cabeça para o padrão *Star Trek*; a tripulação da Enterprise enfrenta misteriosa e gigantesca nuvem que se aproxima da Terra, destrói tudo que encontra pela frente e se autodenomina V'ger; **em média:** muito clima, suspense preparado de forma lenta, visual que não deu certo (tanto que a produção remodelou o design geral no segundo filme); **destaques:** os efeitos dos especialistas Douglas Trumbull e John Dykstra, em cenas como a em que dois tripulantes são transformados em massa disforme por defeito no teletransporte ou o vôo particular de Spock pelo interior do V'ger; **estrelas:** Stephen Collins? Persis Khambatta?

5º) JORNADA NAS ESTRELAS III – À PROCURA DE SPOCK

(*Star Trek III: The Search for Spock*, EUA, 1984) Direção: Leonard Nimoy.

A história oferece perigos e obstáculos a contento, mas a estréia de Leonard "Spock" Nimoy na direção é titubeante e não controla as rédeas quando o roteiro patina, como o final em Vulcano; Kirk e cia. tomam posse da Enterprise contra as ordens da Federação para localizar a alma eterna de Spock no planeta Genesis e assim levá-la a Vulcano; **em baixa:** micróbios rastejantes no sarcófago de Spock e a bela autodestruição da Enterprise não salvam o filme do total naufrágio nos efeitos especiais; **destaque:** a volta do ator Mark Lenard como Sarek, pai de Spock (ele também aparece nos filmes 4 e 6); **estrela:** Christopher Lloyd (trilogia *De Volta para o Futuro*) como Kruge, o desagradável comandante klingon.



6º) JORNADA NAS ESTRELAS V – A ÚLTIMA FRONTEIRA

(*Star Trek V: The Final Frontier*, EUA, 1989) Direção: William Shatner.

A inepta estréia de William Shatner na direção calhou de encontrar resposta na pior história levada às telas, uma bobagem cuja conclusão tira até o mais ferrenho dos trekkers do sério; o vulcano Sybok (Laurence Luckinbill), meio-irmão de Spock, é um demagogo que quer descobrir o sentido da vida e por isso leva a Enterprise até o centro da galáxia, onde encontrará Deus; **em baixa:** a figura de Deus é patética e cai na real sobre seus valores deturpados com apenas um raio *phaser* ministrado por Spock; **destaques:** uma cena emocionante (a aterrissagem forçada de Sulu dentro da Enterprise, numa nave auxiliar) e uma impressionante (no mau sentido – Kirk, McCoy e Spock cantando à beira de uma fogueira); **estrela:** David Warner, aqui com mais tempo em cena para interpretar um cônsul terrano.

ONÍVEIS EM VÍDEO:

A NOVA GERAÇÃO/A NOVA MISSÃO

A Nova Geração

ENCONTRO EM UM PONTO DISTANTE

Piloto bastante eficiente em apresentar os novos personagens e a nova Enterprise, com um inimigo recorrente na série (e também n'*A Nova Missão*), Q. O final é emocionante.

Volume 2: "Momento da Revelação" e "Código de Honra"; **Volume 3:** "Último Posto Avançado" e "Onde Ninguém Esteve Antes"; **Volume 4:** "Solitário Entre Nós" e "A Batalha"; **Volume 5:** "Justiça" e "O Jogo" **Volume 6:** "O Grande Adeus" e "O Casamento"; **Volume 7:** "Datalore" e "Angel One"; **Volume 8:** "11001001" e "Envelhecendo"; **Volume 9:** "Os Sobreviventes" e "O Mistério de Altea"; **Volume 10:** "Paris para Sempre" e "O Arsenal da Liberdade"

ALÉM DA TERRA DESCONHECIDA

Episódio duplo especial, uma espécie de ponte entre o *Jornada nas Estrelas* 6 e *A Nova Geração* – o capitão Picard precisa investigar a presença de Spock no planeta Romulus, aparentemente para conduzir um acordo de paz com os romulanos.

A Nova Missão

DEEP SPACE NINE Volume 1 – ALÉM DA FRONTEIRA FINAL (O EMISSÁRIO)

Piloto um tanto confuso para o espectador brasileiro, já que parte diretamente de um episódio do sexto ano de *A Nova Geração* inédito por aqui, "The Best of Both Worlds"; presença do capitão Picard para fazer a ponte, em participação que tem diretamente a ver com a morte da esposa do comandante Benjamin Sisko (Avery Brooks, o ator negro à esquerda); não se compara com a qualidade do piloto de *A Nova Geração*; série criada por Rick Berman & Michael Piller.

STAR TREK de A a Z

A

ACADEMIA: centro de treinamento e formação dos oficiais da Frota Estelar; um dos testes mais conhecidos é o Kobayashi Maru, um exame que verifica a capacidade de comando e o caráter dos candidatos ao posto de capitão de nave estelar.

ANDORIANOS: raça humanóide inteligente, guerreira e arrogante, a terceira civilização a ser contactada por exploradores terrestres; têm pele azul e cabelos brancos por causa do alto teor de cobalto em seu sangue; possuem duas antenas na cabeça, que servem como aparelho auditivo.

B

BETAZÓIDES: humanóides semelhantes ao próprio ser humano, o que explica o freqüente casamento entre as raças; são telepatas avançados que deixam suas mentes abertas aos outros, resultando em uma cultura apoiada na sinceridade absoluta; Deanna Troi (Marina Sirtis), a conselheira da *Nova Geração*, é filha de um terrestre e uma betazóide.

BEVERLY CRUSHER: interpretada por Gates McFadden, é a médica-chefe da *Nova Geração*, de personalidade forte; é mãe de Wesley Crusher (Wil Wheaton), um adolescente superdotado fascinado por física e tecnologias modernas.

BORG: parecem humanos, mas são seres cibernéticos com partes mecânicas, cuja missão primeira é destruir e absorver toda a vida na galáxia; são inimigos da Federação desde a *Nova Geração*.

C

CAGE, THE: primeiro e malsucedido piloto da série, de 1964, protagonizado pelo capitão Christopher Pike (Jeffrey Hunter), comandante da Enterprise antes de Kirk.

CHEKOV, PAVEL ANDREIEVICH: navegador russo da série original, um alferes interpretado por Walter Koenig; impulsivo e alegre.

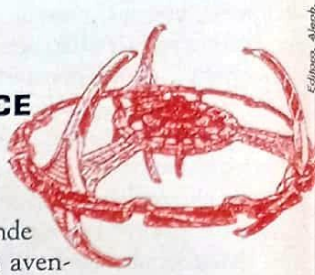
COMANDO DA FROTA ESTELAR: localizado na cidade de San Francisco desde o século 23, é onde as principais decisões da Federação são tomadas.

CONSELHO DA FEDERAÇÃO: órgão de maior autoridade da Federação, que se autofiscaliza e autogerencia.

D

DATA: tenente-comandante andróide, piloto da *Nova Geração*; personificado por Brent Spiner, tem pele dourada, olhos amarelos e grande força física.

DEEP SPACE NINE: nome da base estelar que orbita o planeta de Bajor e onde se desenrolam as aventuras da série *A Nova Missão*, cujo título original é o nome da base.



DESILU STUDIOS: os estúdios nos quais a série original foi rodada; pertenciam ao casal Desi Arnaz e Lucille Ball.

DOBRA ESPACIAL (WARP): conceito físico – para ir de um ponto a outro de um mesmo espaço, "dobra-se" o espaço, fazendo os dois pontos ficarem mais "próximos".

E

ENTERPRISE: a nossa velha conhecida...

ESCUDO DEFLETOR: a nave acima citada é dotada desta barreira física invisível que suporta disparos e impactos de alta intensidade.

F

FEDERAÇÃO UNIDA DE PLANETAS: organização política, econômica e social fundada pelos planetas Terra, Vulcano, Tellar, Andor e Alpha Centauri e enraizada no conceito da diversidade (diferentes espécies e culturas).

FENDA ESPACIAL: um túnel/corredor casualmente descoberto, que conecta a base estelar Deep Space Nine a um sistema solar distante e desconhecido.

FERENGI: espécie de baixa estatura, careca e de orelhas enormes; são gananciosos e machistas; não representam grande perigo para a Federação, parecem mais crianças irritantes e ardilosas; os betazóides são incapazes de "ler" seus sentimentos.

FROTA ESTELAR: é vista como a divisão militar da Federação, responsável pela segurança e pesquisa, controlando a navegação espacial; toma por vezes decisões quanto ao bem-estar das civilizações.

G

GENESIS: processo científico que viabiliza um sistema biológico completo em um planeta sem vida; apareceu pela primeira vez no segundo longa de cinema.

GEORDI LA FORGE: tenente interpretado por LeVar Burton, é o navegador da *Nova Geração*, cego de nascença, mas que "enxerga" graças ao *visor*.

GUINAN: personagem escrito especialmente para Whoopi Goldberg a pedido da atriz, *trekker* assumida; ela faz parte de uma raça que aparentemente não envelhece; tem mais de 1.000 anos de idade, sua gigantesca família foi destruída pelos borg, e ela passa a integrar o *staff* da Enterprise, entre outros motivos, por conhecer o enigmático personagem Q; tem uma forte amizade com o capitão Picard.

H

HARRY MUDD: Roger C. Carmel interpretou com brilho o contrabandista ardiloso que cruza o caminho da tripulação original duas vezes durante a série original e uma na série animada; ele costumava "negociar" belas mulheres.

HOLODECK: geralmente utilizado como área de lazer, é um local da nova Enterprise no qual um computador cria e controla holograficamente cenários, objetos e situações escolhidos por um usuário.

I

ILIA: navegadora do planeta Delta interpretada por Persis Khambatta; teve papel importante no primeiro longa para cinema, no qual foi o interesse amoroso do comandante Willard Decker (Stephen Collins), capitão da Enterprise antes de Kirk reassumir.

IMPÉRIO KLINGON: são vários planetas sob um regime violento e ditatorial perpetrado pelos klingons, uma raça militarista; a guerra é o princípio básico de sua religião, e o povo klingon foi o primeiro grande inimigo da Federação.

J

JAMES TIBERIUS KIRK: capitão da série clássica, da série animada e dos seis primeiros longas para cinema; no primeiro, é promovido para almirante, mas no quarto é rebaixado para capitão por ter desobedecido ordens referentes ao Genesis e assim poder recuperar a vida de Spock; foi o capitão mais jovem (34 anos) a assumir um comando na Frota Estelar.

JEAN-LUC PICARD: capitão francês da Enterprise durante a *Nova Geração*; prestou serviços, anteriormente, na nave Stargazer, por 22 anos; gosta de história, arqueologia, tramas detetivescas e artes dramáticas.

K

KATRA: termo vulcano que designa algo semelhante à nossa alma, que pode supostamente ser transferido para outra pessoa ao morrer.

KHAN: ou melhor, Khan Noonian Singh, o único vilão da série clássica a ter chegado às telas grandes (no segundo filme); interpretado por Ricardo Montalban, é um super-homem criado geneticamente e que tomou o poder na Terra durante as Guerras Eugênicas, no final da nossa década de 90.

L

LEONARD H. McCOY: carinhosamente conhecido como Magro (Bones), é o oficial médico-chefe da série clássica; interpretado por DeForest Kelley, é um profissional apegado às tradições – humanista e romântico, é arredio às novas tecnologias; o protocolo militar o desagrada, assim como a lógica de Spock.

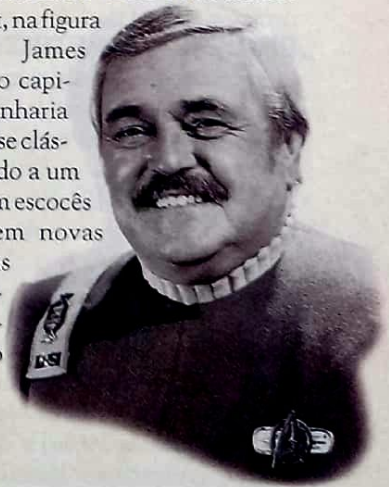
LIVE LONG AND PROSPER: o já antológico cumprimento vulcano que une os dedos da mão direita em sinal de "V" é uma mensagem positiva, traduzida no Brasil como "Vida longa e prosperidade".

M

MAJEL BARRETT: atriz que interpretou a enfermeira Christine Chapel na série clássica, no primeiro e no quarto longas, além de ter feito várias vozes nos desenhos animados; foi também a Primeira Auxiliar no piloto *The Cage*; interpreta ainda Lwaxana Troi, a mãe de Deanna Troi, na *Nova Geração*, além de ser a voz do computador nas duas séries *Star Trek* e em *Deep Space Nine*. É viúva de Gene Roddenberry, com quem teve um filho, e administra o grande império envolvendo a marca.

MANOBRA PICARD: quando ainda à frente da Stargazer, no primeiro contato com uma então desconhecida nave ferengi, Picard resistiu a um ataque-surpresa ordenando uma dobra espacial de micro-segundo, o que fez a nave aparecer em dois lugares ao mesmo tempo, confundindo o atacante e facilitando sua destruição.

MONTGOMERY SCOTT: o comandante Scott, na figura do ator James Doohan, é o capitão de engenharia da Enterprise clássica; chegado a um scotch, é um escocês escolado em novas tecnologias e responsável pela manutenção da nave.



N

NEXUS: uma espécie de holodeck psicológico/metafísico, que surge pela primeira vez no longa *Gerações*; é um lugar no qual se concretizam todos os sonhos e desejos não realizados; mas há algo perigoso no ar...

STAR TREK de A a Z

O

ODO: alienígena que assume qualquer forma; é o último representante de sua espécie, que ele mesmo não sabe qual é por ter sido desde cedo educado por bajoranos, o povo pacífico que vive próximo à base Deep Space Nine, de *A Nova Missão*; interpretado por René Auberjonois, ele é o chefe de segurança da base e precisa dormir em sua forma original, a líquida.

ÓRION: planeta natal dos orianos, tidos pela Federação como ladrões e piratas, pois eles se sentem no direito de pegar simplesmente qualquer coisa; por isso, nunca permitiram a visita de missões diplomáticas em seus mundos.

P

PHASER: armamento básico da Frota Estelar que substituiu o laser; usado em armas portáteis (para defesa pessoal) e em bancos de armazenamento de astronaves (para defesa e ataque durante manobras espaciais).

PINGOS: os famosos "tribbles", pompons fofos e que ronronam, que já foram praga num episódio clássico e num dos desenhos; se eles se alimentam em demasia, reproduzem-se como coelhos.

PRIMEIRA DIRETRIZ: é proibido interferir no desenvolvimento da vida e cultura alienígenas – cada espécie tem o direito inviolável de viver de acordo com a sua evolução cultural natural; esta diretriz tem precedência sobre quaisquer outras considerações e assume a mais alta obrigação moral.

Q

Q: personagem recorrente interpretado por John DeLancie, uma verdadeira pedra no sapato de Picard e que também marcou presença na base Deep Space Nine; é uma entidade supostamente onipresente, que vive em outra dimensão espaço-tempo (o *continuum*), podendo controlar os nossos tempo e espaço com um senso de humor afiado e por vezes destrutivo; conhece Guinan de outras eras.

QUARK: ferengi interpretado por Armin Shimerman, personagem fixo de *A Nova Missão*; ele administra o bar e o cassino da base Deep Space Nine, além de também cuidar das holosuítes, onde nossos prazeres mais imediatos são satisfeitos.

R

RÁDIO SUBESPACIAL: instrumento de comunicação que possibilita contato imediato entre dois pontos do espaço; a transmissão está sujeita a interferências externas e, dependendo de onde está o sinal emissor, pode levar dias até alcançar o local desejado, mesmo em freqüência subespacial.

RODDENBERRY, (WESLEY EU)GENE: criador, produtor e roteirista da série e do conceito da *Jornada nas Estrelas* clássica, tendo também concebido *A Nova Geração*, cujo personagem Wesley Crusher (Wil Wheaton) foi inspirado em um ideal adolescente perseguido pelo próprio Roddenberry (1921-1991); escreveu também o romance derivado de *Jornada nas Estrelas – O Filme*; Roddenberry (acima, com Spock) foi o primeiro roteirista a ter uma estrela na calçada da Hollywood Boulevard, a de número 1.810, em cerimônia realizada em setembro de 1985.

ROMULANOS: povo um tanto hostil que, acredita-se, é descendente dos separatistas vulcanos que partiram em busca de um novo mundo por serem contrários às idéias pacifistas e à disciplina lógica que foram impostas à cultura vulcana.

S

SAREK: pai de Spock, o astrofísico e embaixador vulcano (Mark Lenard) é casado com uma terráquea (Jane Wyatt).

SPOCK: não precisa de maiores apresentações – este capitão vulcano é imediato e oficial de ciências da nave Enterprise original, desde os tempos do capitão Christopher Pike. Vive em sutil conflito entre a lógica de sua educação e instantes sufocados de emotividade.

SULU, HIKARU KATO: o capitão Sulu (George Takei) foi piloto da Enterprise clássica e atualmente é o capitão da USS Excelsior; apreciador de botânica, campeão interplanetário de esgrima, colecionador de armas antigas e especialista em artes marciais.

T

T'PAU: a mulher mais importante de Vulcano, sábia e de lógica incomparável; tem laços estreitos com a família de Spock.

TELETRANSPORTADOR: aparelho de teleportação que desmaterializa qualquer objeto, orgânico ou não, ao "dissolver" a estrutura atômica e rematerializá-la em qualquer outra parte pré-programada.

TRICORDER: aparelho usado basicamente para missões em terra, uma espécie de computador, sensor e gravador; na série clássica, era uma caixa com alça; na *Nova Geração*, cabe na palma da mão e tem uma tela.

U

UHURA, NYOTA: a oficial de comunicações da Enterprise clássica é a comandante interpretada por Nichelle Nichols; ela nasceu nos Estados Unidos da África, e seu nome significa "liberdade" na linguagem swahili; colecionadora de canções e magnífica musicista; ela protagonizou o primeiro beijo inter-racial da TV americana com o capitão Kirk (Shatner) no episódio "Os Filhos de Platão" – a cena foi censurada pelos executivos da rede NBC, o que provocou a decisão da atriz em demitir-se, mas a intervenção de Martin Luther King deu um final feliz ao litígio – o beijo por fim exibido era simulado.

USS EXCELSIOR (NX-2000): faz parte da nova geração de naves estelares, construídas para substituir as naves de classe Constitution (a Enterprise); a nave é dotada com propulsores de velocidade de transdobra, que poderia ser descrita como um pequeno corte através do espaço de dobra; seu comando foi entregue a Sulu, mesmo depois deste ter sido repreendido por ter participado com Kirk da rebelião em Genesis (*Jornada nas Estrelas 3*).

V

V.I.S.O.R.: ou simplesmente *visor*, "Visual Instrument and Sensory Organ Replacement", uma viseira metálica encaixada em volta dos olhos e usada por Geordi LaForge (LeVar Burton), o engenheiro-chefe da *Nova Geração*, cego de nascença; ela permite ao usuário "ver" as ondas do rádio, microondas ou o infravermelho; ele vê mais que o ser humano, mas nunca como o ser humano.

V'GER: entidade misteriosa que ameaça o sistema solar no primeiro longa de *Jornada nas Estrelas*, e que se revela uma espécie de mutação quase orgânica do módulo Voyager 6, lançado pela Terra que nós, leitores, conhecemos para coletar dados e transmiti-los à NASA; desapareceu... talvez num buraco negro.

VOYAGER: terceira série com atores de carne e osso derivada do *Star Trek* original; passa-se no século 24 e acompanha as aventuras da nave USS Voyager, que se encontra perdida num ponto distante da galáxia e na companhia constante de um inimigo, o Maquis; juntos, eles precisam encontrar o caminho de volta ao espaço federado; é a primeira nave da Frota a ser comandada por uma mulher, a capitã Kathryn Janeway (Kate Mulgrew).

VULCANO: planeta classe M, um dos mais importantes da Federação; atmosfera rarefeita, dificultando a respiração de terráqueos, temperaturas altas de dia e baixas de noite; o planeta foi visto apenas uma vez na série clássica, uma rápida vez na *Nova Geração* e nos filmes *1*, *3* e *4* do cinema; refere-se também ao nativo do planeta.

W

WHERE NO MAN HAS GONE BEFORE: segundo piloto da série clássica, exibido no dia 22 de setembro de 1966, foi o que realmente conseguiu fazer a série zarpar; o visual é um pouco diferente, com uniformes e cortes de cabelo nunca mais repetidos, e a ausência do dr. McCoy, ainda não criado; no lugar dele, um tal de dr. Piper (Paul Fix); participação especial de Sally Kellerman.

WILLIAM T(HOMAS) RIKER: comandante interpretado por Jonathan Frakes, primeiro oficial da *Nova Geração*; chamado normalmente de "Número Um" por Picard; já foi namorado, na juventude, de Deanna Troi – agora são apenas amigos; ele comanda as missões em terra; já lhe ofereceram o comando de várias naves, mas ele não abre mão de ser o segundo da Enterprise.

WORF: interpretado por Michael Dorn, é o primeiro klingon a ser aceito pela Federação por ter sido educado por humanos após a morte de seus pais em um massacre; é o chefe de segurança na *Nova Geração*, depois da morte de Natasha Yar; seu avô, coronel Worf, foi o advogado de defesa de Kirk e McCoy quando estes foram acusados de traição e assassinato pelo império klingon no sexto longa.

Y

YAR, NATASHA: a tenente de segurança apenas da primeira temporada da *Nova Geração* foi gratuitamente assassinada por uma criatura de nome Armus; interpretada por Denise Crosby, filha de Bing Crosby, tinha um forte envolvimento com Data, que guarda uma imagem holográfica sua; Denise Crosby reaparece em dois outros episódios da série, numa trama que volta no passado ou na pele de uma filha sua, meio-romulana, de nome Sela.

Z

ZARABETH: é o nome de uma das duas mulheres humanóides que, por "forças ocultas", seduziram o lógico Spock – interpretada por Mariette Hartley, é uma loira aprisionada sozinha na era glacial de um planeta no qual Spock e McCoy vão parar sem preparo físico, o que provoca a vulnerabilidade do vulcano; em outro episódio, Spock revela seu lado humano ao se apaixonar pela botânica Leila Kalomi (Jill Ireland), amiga sua há seis anos mas que nesta história coloca ambos sob o efeito de estranhos esporos, que fazem a pessoa perder totalmente o senso de responsabilidade.

ZONA NEUTRA ROMULANA: espaço que é uma terra-de-ninguém; a Federação e o Império Romulano concordaram que nenhum nave a atravessaria para evitar conflitos e assim melhor defender seus territórios.

Digitalizado com CamScanner

A "CIÊNCIA" DE STAR TREK

Só a imaginação torna possíveis alguns dos achados da série

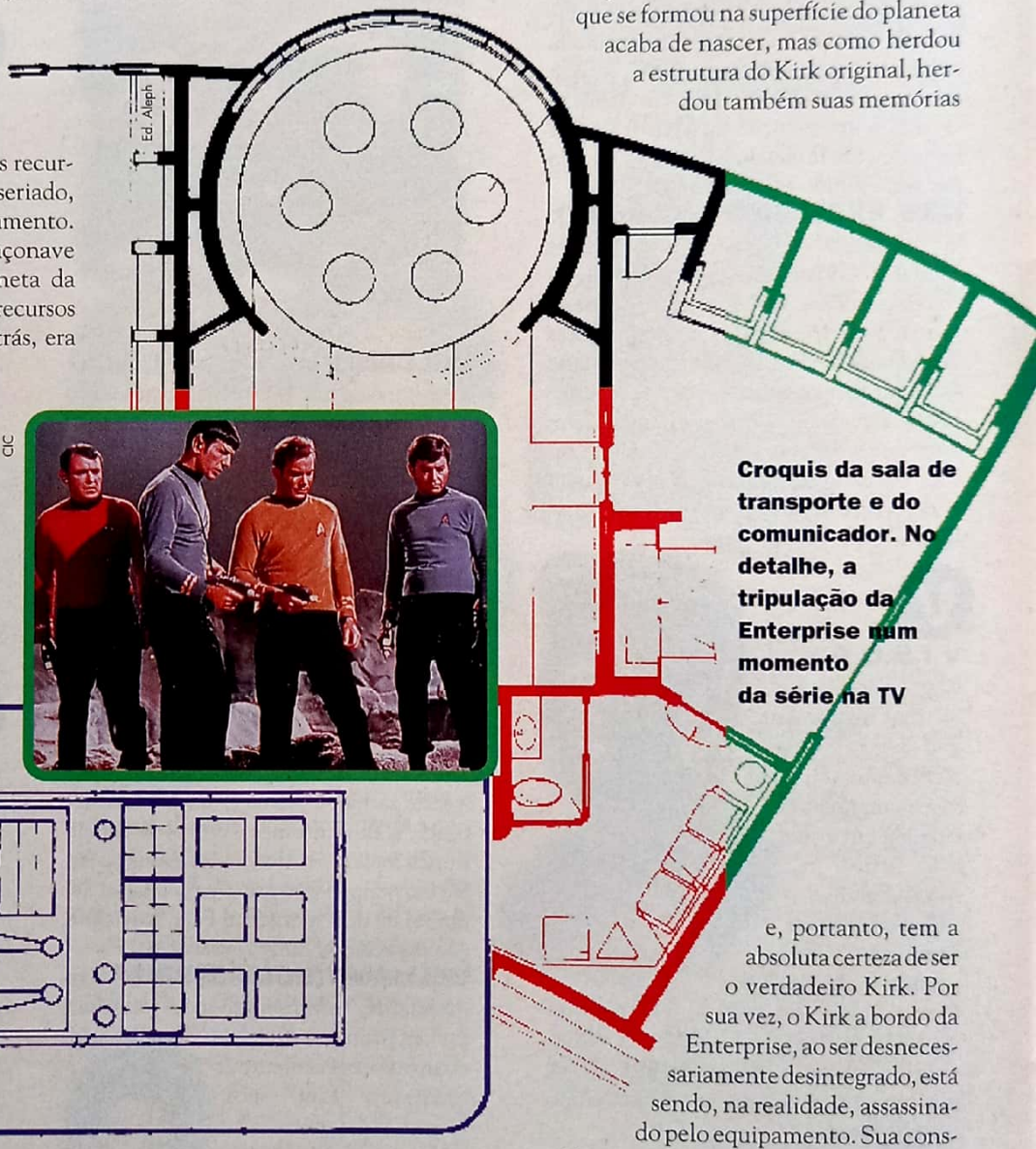
Existem, basicamente, dois tipos de ficção científica. A FC *hard*, que se preocupa com a consistência científica e tecnológica, e a *soft*, cheia de licenças poéticas e concessões, na qual o enredo e a trama psicológica são as peças narrativas fundamentais. Na *soft*, a ciência e a tecnologia são pano de fundo e servem apenas como meios quase mágicos que permitem certos desenvolvimentos da trama. Visto com este critério, o universo de *Jornada nas Estrelas* (*Star Trek*) é, com certeza, muito, mas muito *soft*!

Não podemos nos esquecer de que, apesar de *Star Trek* estar hoje em filmes, livros e histórias em quadrinhos, seu desenvolvimento se deu na televisão, ou seja, para um público cuja média de conhecimento científico, nível cultural e espírito crítico deixava (e deixa) muito a desejar.

O teletransporte, por exemplo, um dos recursos mais fascinantes e comentados do seriado, surgiu por uma simples questão de orçamento. Como fazer com que uma equipe vá da espaçonave Enterprise para a superfície de um planeta da forma mais rápida e barata possível? Pelos recursos de efeitos especiais da TV de 30 anos atrás, era incomparavelmente mais econômico fazer o capitão Kirk e Spock se desintegrarem na sala de teletransporte para serem "reassemblados" no ponto escolhido para o desembarque. Outras opções, como uma nave auxiliar, por exemplo, encareceriam o apertadíssimo orçamento da série clássica.

Nenhum roteirista, porém, deu-se ao trabalho de fazer uma simples conta: no corpo de um ser humano (e de vulcano também), existem aproximadamente 10^{30} (1 seguido de 30 zeros!) partículas subatômicas (prótons, nêutrons, elétrons etc). Para localizar cada uma dessas partículas de maneira a remontar o corpo em outro local, o computador da nave deve processar umas 10^{31} informações. Supondo que um computador do século 23 seja 10 bilhões de vezes mais rápido que um do século 20 (o que já é um exagero), ainda assim seriam necessários 10^{14} segundos, ou seja, a bagatela de 10.000 séculos! Transportezinho demorado, não?

Além disso, o teletransporte gera um paradoxo muito estimulante: um dos princípios fundamentais da mecânica quântica (que é a que funciona quando lidamos com partículas subatômicas) diz que dois sistemas de partículas iguais e possuidoras dos mesmos estados de energia são indistinguíveis. Isso significa que o capitão Kirk que se forma na superfície do planeta é indistinguível do Kirk que foi desintegrado na nave. Até aí tudo bem. Acontece que não há a menor necessidade de se desmontar um Kirk para poder se montar outro. Afinal, partículas subatômicas são encontradas facilmente em qualquer lugar. É só desmontar um pouco de terra ou rocha na superfície do planeta e teremos uma cópia idêntica do Kirk. É aí que começa uma tantalizante questão. O Kirk que se formou na superfície do planeta acaba de nascer, mas como herdou a estrutura do Kirk original, herdou também suas memórias e, portanto, tem a absoluta certeza de ser o verdadeiro Kirk. Por sua vez, o Kirk a bordo da Enterprise, ao ser desnecessariamente desintegrado, está sendo, na realidade, assassinado pelo equipamento. Sua consciência não é transferida para a "xerox molecular" que está na superfície do planeta, mas deixa de existir definitivamente. Isso quer dizer que nosso querido capitão Kirk não morre, na realidade, nas mãos do vilão Soran (no sétimo longa para cinema), mas que já morreu, e como ele suas incontáveis "xerox" posteriores, assassinado pelo engenheiro Scott toda vez que o teletransporte é acionado. Eu é que não entro numa geringonça dessas por todo o ouro do mundo!



Croquis da sala de transporte e do comunicador. No detalhe, a tripulação da Enterprise num momento da série na TV

Outro recurso muito inverossímil do universo *Star Trek* é a velocidade de "dobra espacial", o famoso *warp*. A teoria da relatividade de Einstein (estabelecida no começo deste século) garante que no espaço vazio nada pode se mover com velocidade superior à da luz (300.000 km/s). Mesmo nesta espantosa velocidade, o sistema solar mais próximo ao nosso, a estrela tripla Alfa Centauri (visível nesta época do ano como a estrela mais brilhante abaixo do Cruzeiro do Sul), só seria atingido em mais de quatro anos de viagem.

Na realidade, a mais veloz nave espacial já construída pelo homem chegaria em Alfa Centauri em 40.000 anos. É claro, então, que para poder fazer o capitão. Kirk e sua tripulação viajarem "nas estrelas" era necessário driblar a Teoria da Relatividade: para isso, inventou-se uma dobra no espaço, uma espécie de atalho para cortar caminho em tão gigantescas distâncias. A humanidade provavelmente jamais verá tal milagre, nem do nosso lado, nem recebendo a visita de seres de outros mundos.

CIC

Por falar em outros seres de outros mundos, os alienígenas de *Star Trek*, mais uma vez por questões de orçamento e efeitos especiais, são parecidos com humanóides de forma muita suspeita. Está certo que o princípio da convergência evolutiva afirma que funções similares geram formas similares. O golfinho (mamífero), o tubarão (peixe cartilaginoso) e o ictiossauro (réptil) têm formas muito parecidas apesar de suas origens serem radicalmente diferentes, pois todos se adaptaram à vida aquática. Talvez a inteligência exija um aspecto vagamente humanóide, mas levar essa semelhança ao ponto de permitir cruzamento com humanos é um exagero bem hollywoodiano (Spock é mestiço: o pai, Saarek, é vulcano; a mãe, Amanda, é terrrestre).

Por outro lado, alguns armamentos, sensores, o tricorder e o *phaser* são tecnologicamente plausíveis. Talvez até o holodeck, com algumas diferenças, venha a surgir no futuro. Afinal, a realidade virtual já está num estado de desenvolvimento bem avançado.

Nada disso, porém, invalida o mérito de *Star Trek* como um universo ficcional maravilhoso. Afinal de contas, se encararmos *Jornada nas Estrelas* como uma obra de fantasia em que os ogros são substituídos pelos klingons, as espadas pelos *phasers*, o tapete mágico pelo teletransporte e a donzela em perigo por uma fascinante romulana, podemos nos divertir à beça deixando de lado pruridos acadêmicos.

Toda vez que leio um romance de *Star Trek* em meu escritório, viro meus diplomas de química e física para a parede, relaxo... e aproveito.

Pierluigi Piazzi

Professor de: Teoria Geral dos Sistemas e Cibernética na pós-graduação da PUC-COGEAE-SP; de Informática do curso de Ciências da Computação da UNICEB - Santos; de Física do Anglo Vestibulares - SP; coordenador de Física do Colégio Santa Cecília - Santos. Diretor editorial da Aleph

VOCÊ É ÍNTIMO DO *STAR TREK* CLÁSSICO?

Questionário terminantemente proibido para trekkers, que vão achar tudo manjado demais. A concorrência seria desleal, pois trekker, quando dá de ser fanático, lembra o nome do quinto coadjuvante do terceiro episódio do segundo ano da série. Estas perguntas são para terráqueos ditos normais

1 O alerta vermelho da nave Enterprise indica situação de perigo extremo. Qual é o alerta usado para uma situação de perigo iminente?

2 Qual é o mineral que funciona como principal fonte de energia para a Enterprise?

3 Qual é o jogo predileto de Spock?

4 Qual é a personagem principal que dá nome ao episódio em que um planeta é dominado por crianças doentes, já que todos os adultos morreram?

5 Qual é a nave auxiliar da enterprise que também foi nome de um episódio do primeiro ano da série?

6 Quem Spock tentou salvar ao se amotinar no episódio duplo "A Coleção"?

7 Com que parte de seu corpo Spock consegue tanto ler a mente de qualquer criatura tocada como também imobilizá-la?

8 De que era feita a criatura que aterroriza o planeta Janus VI, uma colônia de mineração, no episódio "O Demônio na Escuridão"?

9 Qual é a atriz que interpreta Edith Keeler, rápido interesse amoroso de Kirk na Nova York de 1930, cenário e época do episódio "A Cidade à Beira da Eternidade"?

10 Qual é o deus grego que cruza o caminho de Kirk no planeta Pollux IV?

11 Qual é a expressão que Uhura solta em um momento de indignação no episódio "O Espelho"?

12 Em que planeta Spock foi diretamente responsável pela morte (falsa, como se sabe) de Kirk?

13 No planeta Argelius Dois, Scotty é acusado de uma série de assassinatos. Quem é o verdadeiro responsável pelas mortes?

14 O que é Nômade?

RESPOSTAS: 1) Alerta amarelo. 2) Cristal de dilítium. 3) Xadrez tridimensional. 4) Miri. 5) Galileu Sete. 6) Capitão Christopher Pike. 7) A ponta dos dedos. 8) Silício. 9) Joan Collins. 10) Apolo. 11) Sucumbuca. 12) Vulcano. 13) O espírito de Jack, o Estripador. 14) Uma perigosa sonda espacial.

MUITO ALÉM DAS ESTREL

Atores que ficam marcados por determinado personagem ou tipo de papel muitas vezes levam uma vida inteira para dissipar esta imagem. Algumas vezes nem conseguem. O elenco original de *Star Trek* entrou no Olimpo dos tipos cinematográficos, mas praticamente ficou fadado a atuar apenas no espaço sideral. O que será que eles estão fazendo de sua arte, aqui e agora, no planeta Hollywood?

CIC

UIP

WILLIAM SHATNER, 64 anos: Antes de o ator canadense dirigir *Jornada nas Estrelas 5*, ele já havia dirigido alguns episódios da telessérie *Carro Comando*, protagonizada por ele (e na qual Nimoy fez uma ponta em uma das histórias). Ele também é apresentador da série *Emergência 190*, em exibição na TV brasileira. Escreveu sua biografia, *Memórias*, em parceria com Chris Kreski, além de ser autor de uma série de best-sellers de ficção científica, *Tek War*, já adaptados para a TV a cabo e lançados em vídeo no Brasil. O primeiro episódio foi dirigido por ele.

LEONARD NIMOY, 64 anos: Desde os anos 70, Nimoy não lança mais coletâneas de suas poesias (inéditas por aqui). Foi a década também em que publicou a biografia *I Am Not Spock* (75). Não está gravando mais, também, suas *covers* de hits dos anos 60. No *Jornada nas Estrelas 6*, foi também produtor executivo e co-roteirista. Dirigiu recentemente *Santo Matrimônio* (94), com Patricia Arquette, e atuou no telefilme *Bonanza: Under Attack* (95), no qual interpreta o irmão de Jesse James, Frank.

DeFOREST KELLEY, 75 anos: Realizou treze longas (inclusive *Sem Lei e sem Alma*, de 57) antes de estrear na série *Star Trek*. Depois disso, só realizou um terrorzinho sobre coelhos gigantes, *Night of the Lepus* (72).

JAMES DOOHAN, 75 anos: Teve uma ponta muito especial na comédia pastelão *Máquina quase Mortífera I* (94), no qual satiriza seu papel na série, e foi o ator principal no filme B de suspense *Visões da Morte* (94). Ambos estão disponíveis em vídeo. Está escrevendo uma biografia em parceria com Peter David, ainda sem nome.

TREKAIADAS

Qualquer fenômeno comercial no universo da TV ou do cinema provoca uma onda paralela por vezes muito mais bombástica do que a que envolve a própria obra: os produtos derivados, o merchandising feroz e sedento que anseia capitalizar em cima do sucesso. A eterna febre *Star Trek* não poderia ser uma excessão.

Para muito além das fitas de vídeo, dos inúmeros livros e dicionários que dissecam todos os aspectos possíveis e imagináveis da série, das trilhas sonoras (inclusive com as sonorizações de *phasers*, portas fechando etc.) e posters e cartões autografados, os produtos com a marca *Star Trek* vão até onde a imaginação mercadológica consegue alcançar. Um dos mais interessantes, e que está chegando ao mercado brasileiro pela editora Aleph – responsável pela publicação por aqui de roteiros e livros referentes –, é o *Dicionário Klingon*, livro e fita cassete (só americana) que transportam o nosso código terráqueo para os anais da linguagem guturral alienígena. Impagável! A relação, porém, vai longe e chega às raias da bizarria: telefones no formato da nave Enterprise, bonecos em tamanho natural dos atores, distintivos em formato de broche, CD-ROM com um manual interativo referente às planilhas técnicas da nave, lancheiras no formato de cabeças de borg, tabuleiro de xadrez com os personagens, walkie talkies no formato de tricorder, camisetas, reproduções minuciosas da nave, talões de cheque falsos, canecas, chaveiros, mochilas, gravatas, audiolivros, luminárias, bonés e uma infinidade de inutilidades essenciais para a vida de qualquer trekker ou simpatizante.

Fotos: Rui Mendes

Nota final: fanáticos, importem quatro revistas em quadrinhos da DC Comics e Malibu Comics que contam uma história reunindo as tripulações da *Nova Geração* e da *Nova Missão*. Já é item de colecionador!

CONTATOS IMEDIATOS

Para os interessados, iniciados ou não, alguns dos contatos possíveis em nosso planeta, talvez perto até de seu espaço nada sideral:

– Academia da Frota Estelar Brasil
Caixa Postal 371 CEP 07111-970
Guarulhos – SP
– Frota Estelar Brasil
Caixa Postal 14.592 CEP 03698-970
São Paulo – SP
– Editora Aleph
Av. Dr. Luiz Migliano, 1.110 / 3º andar
CEP 05711-001
Fone: (011) 843-3202

NICHELLE NICHOLS, 61 anos: A atriz que protagonizou o primeiro beijo inter-racial da TV americana atuou ainda em *Antony and Cleopatra* (81), no qual era o segundo nome feminino da filmagem de uma encenação teatral do texto de Shakespeare. Estrelou ainda no razoável terror *Os Sobrenaturais* (disponível em vídeo), de 1986, no qual interpreta uma oficial militar e contracena com LeVar Burton, o Geordi LaForge da *Nova Geração*. Ela tem um *one-woman show* intitulado *Reflections*, no qual interpreta mulheres famosas como Billie Holiday, Sarah Vaughan, Lena Horne e Mahalia Jackson, entre outras. Lançou a biografia *Beyond Uhura: Star Trek and Other Memories*.

GEORGE TAKEI, 55 anos: Antes de fazer *Star Trek*, participou de um episódio do também clássico *Além da Imaginação*. Durante a série, participou de filmes como *Devagar, Não Corra* (66), último filme de Charles Walters, e *Os Boinas Verdes* (68, disponível em vídeo), direção de John Wayne. Recentemente, atuou no drama de guerra australiano *Juramento de Sangue* (90, também disponível) e em *Oblivion* (94), uma comédia de ficção ambientada no Oeste. Também está lançando uma biografia, *To the Stars: The Autobiography of Star Trek's Mr. Sulu*.

WALTER KOENIG, 58 anos: Atuou ao lado de Nichelle Nichols em *Antony and Cleopatra* (81) e protagonizou o esquecível *Missão Lua – A Viagem do Terror* (89), este disponível em vídeo. Além disso, é da turma das biografias publicadas com *Chekov's Enterprise*. Mais nada.

POSITIVOS E POSITIVISTAS

Ordem e progresso eram o motor da astronave

Audaciosamente indo aonde homem nenhum jamais esteve: nunca o século 19, o século dos grandes desbravadores, de Richard Burton e David Livingstone, entre outros, esteve tão presente como no mote de *Star Trek* e das aventuras da nave espacial Enterprise. A *Jornada nas Estrelas* original, nascida nos anos 60, era uma história do século passado, assim como a conquista da Lua, sua contemporânea. Havia confiança nos homens, havia confiança no futuro, havia confiança no progresso, havia confiança na ciência. E havia algo de engraçado naquilo tudo: uma série de ficção científica cheia de badulaques modernos que parecia folhetim das selvas de jornal velho.

Ordem e progresso eram o motor verdadeiro da astronave, e a aliança entre os homens e os mundos, seu resultado. O capitão James Tiberius Kirk e sua tripulação não tinham, nos anos 60, nenhuma dúvida a respeito de seus atos, conseqüências, motivações. Eram positivistas e positivos: nada dava errado, no final. Eram pessoas inocentes, em um universo inocente, muito bem dividido entre o bem e o mal. Tudo em seu lugar, tudo em sua hora. Sem conflitos. A psicanálise nunca foi bem vista entre as estrelas. E a História, essa confusão esquisita, também não. Cada capítulo inaugurava um novo tempo. Tudo começava sempre de novo. As exceções só confirmavam a regra.

A divisão entre mocinhos e bandidos não tinha um muro bem definido entre os dois (como o mundo real dos anos 60 tinha), porque no espaço, afinal, não há muros de tijolo e pedra. Mesmo assim, havia um muro invisível. Havia fronteiras. Para todos os lados, havia barreiras, alfândegas, afastamentos. De vez em quando, o muro era derrubado, o mal irrompia na Federação, e Kirk e Spock e Magro e Cia. apareciam: o bem ganhava do mal, depois de sempre começar perdendo. Havia a eterna vigilância, preço a pagar pela liberdade. E os klingons, o verdadeiro Império do Mal, estavam ali, na esquina, prontos para consumir tudo em seu belicismo infernal. Os klingons nunca falaram russo, mas quase...

Falo da série de TV porque esta não tinha nuances. Pão, pão, queijo, queijo, e um monte de comida artificial de permeio. No cinema, a coisa mudou de figura, permitindo que o futuro – o amanhã real, não o imaginário dos uniformes, *phasers* e dobras espaço-temporais, seja lá o que isto quer dizer – aparecesse: robôs gigantescos dotados de alma atrás de seu criador, hitlers do passado que retornavam para nos atazanar, filhos desconhecidos que apareciam sem mais e morriam rapidinho, loucos atrás de um deus que está em cada um, baleias extintas e monstruosas nêmesis, prontas a destruir o mundo com seu furor ecológico. O cinema tornou tudo politicamente correto. Na TV, isso nem era preciso: a série já era correta mesmo. No sexto longa para cinema, por exemplo, os klingons perdiam sua força militar. O klingon gorbatcheviano era morto e assumia... uma klingona. Presume-se que para fazer a paz. Kirk e seu incurável donjuanismo venceram afinal. Agora, só falta sua morte.

Marco Chiaretti,
editor-especial
da revista *Superinteressante*

SIPA

Parte do elenco original da série prestigia uma das típicas convenções de *Star Trek* em fevereiro de 92, nos Estados Unidos

50 ANOS DE neo-realismo

O DIA EM QUE A CÂMERA GANHOU AS RUAS

Há meio século estreava um dos filmes mais importantes da história do cinema. Com *Roma, Cidade Aberta*, de Roberto Rossellini, o homem comum iria ocupar um novo espaço nas telas: nascia o neo-realismo

por Federico Mengozzi

The Funny Face Shop. Em meio à alegria dos traços que retratavam os soldados das forças aliadas que liberaram a capital italiana da ocupação alemã surgiu o neo-realismo, esse grito de dor e paixão que se impôs como a corrente cinematográfica mais importante do pós-guerra (a opinião é do historiador francês Georges Sadoul). Era um dia do verão de 1944 quando um certo Roberto Rossellini, 38 anos, cineasta responsável por alguns filmes de propaganda fascista, foi procurar um dos caricaturistas da loja da via Nazionale, um certo Federico Fellini, 14 anos mais jovem, jornalista desempregado, amigo e colaborador do cômico Aldo Fabrizi.

Mais que Fellini, já às voltas com roteiros e um dos três nomes que assinariam *Roma, Cidade Aberta* (*Roma, Città Aperta*), o filme que estreou há 50 anos e marcou a eclosão avassaladora do neo-realismo, Rossellini queria a participação de Fabrizi – isto é, a popularidade do ator – na produção, a ser financiada por uma aristocrata romana. E foi assim. Por uma dessas alquimias escritas nas estrelas, o cartesiano Rossellini combinou com o delirante Fellini e iniciaram uma colaboração que se prolongou até *Europa 51*, quase dez filmes depois, quando se separaram e foram felizes para sempre. Bem, essa é a versão mais glamourosa e, se não é *vera*, é muitíssimo *ben trovata*.

Na verdade, o neo-realismo nasceu das cinzas e escombros de um país que apostou

Fotos publicadas na Enciclopedia del Spettacolo

mal, perdeu tudo, foi ocupado por dois exércitos inimigos e, além do mais, teve a retórica fascista como barreira que impedia vislumbrar o que todos sabiam: a Itália imperial não passava de um celeiro de imigrantes potenciais. Cinecittà, o estúdio criado no final dos anos 30, existia para isso mesmo, para perpetuar grandes ilusões, ocultando-as sob adaptações líricas, dramas históricos e filmes de telefones brancos. *Roma, Cidade Aberta* era uma resposta de momento – com os meios à disposição – à comédia de enganos que durante 20 anos, e mais, procurou ocultar a voz que clamava dos campos e das ruas.

O furor da censura

Rossellini não inventou o neo-realismo, simplesmente deu continuidade a uma das vertentes da cultura italiana. De Giuseppe Verga a Alberto Moravia, o realismo é uma constante na literatura da Itália e viceja sob nomes como verismo em terrenos banhados pela liberdade de expressão. Mesmo no cinema, houve precursores como *Sperduti nel Buio* (*Perdidos nas Trevas*, 1914), de Nino Martoglio, típica história de uma seduzida e abandonada que opõe o mundo do fausto ao da miséria. Ou, cronologicamente mais próximo, *Ossessione* (*Obsessão*, 1942), o filme de estréia de Luchino Visconti, adaptação de *The Postman Always Rings Twice*, de James Cain, que levou as câmeras às ruas, contou histórias de gente como a gente e, por isso, atraiu o furor da censura fascista.

Por meio de Visconti, vinham as lições de Jean Renoir, de quem foi assistente, e outros mestres do realismo francês, como Julien Duvivier e Marcel Carné – de quem, por sua vez, Michelangelo Antonioni foi assistente. Havia também a presença dos filmes soviéticos e, por incrível que pareça, do próprio cinema do regime, em títulos antiretóricos como *Uomini sul Fondo* (*Homens no Fundo*, 1941), de Francesco De Robertis, e *O Coração Manda* (*Quattro Passi fra le Nuvole*, 1942), de Alessandro Blasetti. Até mesmo a palavra neo-realismo já existia e, segundo o crítico Umberto Barbaro, deveria designar um cinema autêntico por sua visão humana e também politicamente engajado, que expressasse idéias revolucionárias.

Rossellini não era um cidadão acima de qualquer suspeita quando rodou em condições precárias o clássico filme sobre a Resistência italiana. Não era um fascista de

No sentido horário: *Roma, Cidade Aberta* (1945), de Roberto Rossellini; *Ladrões de Bicicletas* (1948), *Umberto D* (1951) e *Sciuscià* (1946), todos de Vittorio De Sica

50 ANOS DE neo-realismo

Ao lado, *La Terra Trema* (*A Terra Treme*, 1947), de Luchino Visconti; acima, *Paisà* (1947), de Roberto Rossellini

carteirinha, mas não podia negar seu namoro com o regime. Entrou no cinema pela amizade com Vittorio Mussolini, o filho do *duce*. Vittorio se interessava por cinema, era ligado à Alleanza Cinematografica Italiana e logo deu um jeito para que o amigo colaborasse em *Luciano Serra, Pilota* (*Luciano Serra, Piloto*, 1938), de Goffredo Alessandrini, típico filme de propaganda fascista. Na seqüência, dividiu a direção de *La Nave Bianca* (*O Navio Branco*, 1941), de De Robertis, e fez mais dois filmes de guerra: *Un Pilota Ritorna* (*O Piloto Retorna*, 1942) e *O Homem da Cruz* (*L'Uomo della Croce*, 1943).

Estudos ainda imaturos, obras de apologia política, ainda distantes das provas que fariam de Rossellini um dos mais respeitados, e inconformados, artistas de seu tempo. O homem que proclamou o fim do cinema e ousou abraçar a televisão. O mestre reconhecido de uma geração que se reconheceu numa filmografia pautada pela inquietude. Um personagem que, por acaso, carregava dentro de si também um autor. Os sinais de *Roma, Cidade Aberta* estão até mesmo nesses filmes, principalmente na atenção que dá aos pequenos personagens, no registro do cotidiano, na atenção à realidade circundante. Para o crítico Gianni Rondolino, o fascismo de Rossellini sempre foi pouco apaixonado – por ironia, mais tarde ele seria chamado de comunista.

Roma, Cidade Aberta é produto de um quadro histórico específico, resultado de um processo que envolveu também o artista e o obrigou a se adaptar a uma situação que mudava. Para não ser convocado pelos fascistas – e não poderia dizer não a quem tanto devia –, refugiou-se numa casa de pessoas do povo, juntamente com o roteirista Sergio Amidei e o dirigente comunista Celeste Negarville. As histórias sobre a Resistência não paravam de chegar, como aquela do fuzilamento de don Giuseppe Morosini, um padre de bairro, pelos alemães. O neo-realismo começava a encontrar seu marco fundamental mais pelo encontro de Amidei e Rossellini que pelo de Fellini e Rossellini. Em 1956, o diretor recordou aqueles tempos.

Linguagem arrumada

"Começamos a filmar dois meses depois da liberação de Roma, apesar da falta de filme. Rodamos nos ambientes nos quais se passaram os fatos por nós reconstruídos. Para poder começar o trabalho, tive de vender minha cama, um armário... No início o filme era mudo, não por gosto, mas por necessidade. O metro de filme custava 60 liras no mercado negro, e se tivéssemos de registrar também os sons, deveríamos gastar para cada cena mais liras. Sem contar que as autoridades aliadas tinham dado permissão para rodar um documentário. Quando o filme foi montado e terminado, os atores dublaram a si mesmos."

Aldo Fabrizi interpretou don Morosini e sugeriu um episódio que testemunhou: a morte de uma mulher grávida e mãe de cinco filhos pelos alemães. O episódio seria incluído com Anna Magnani no papel e se transformaria em cena antológica. *Roma, Cidade Aberta* estreou no dia 24 de setembro de 1945, conseguiu um extraordinário sucesso – campeão de bilheteria na temporada 1945/46 – e seis meses depois estava no cinema World, em Nova York, com o título *Open City*. Aquele filme que veio das ruas impressiona um público habituado à linguagem arrumada dos grandes estúdios. Êxito imediato, com direito a indicação para o Oscar e, depois, distinção no Festival de Cannes.

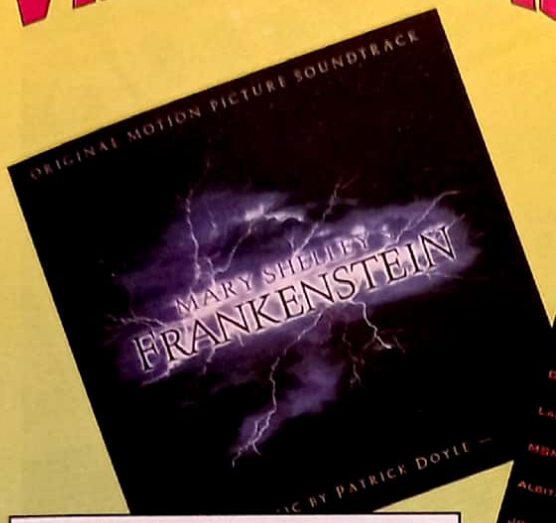
O neo-realismo entrava para a história do cinema e inaugurava o primeiro dos cinco anos, mais ou menos até 1950, de hegemonia no cinema italiano. Depois de gerar frutos importantes como *Paisà* (*idem*, 1947), do próprio Rosselini; *Ladrões de Bicicletas* (*Ladri di Biciclette*, 1948), de Vittorio de Sica; e *La Terra Trema* (*A Terra Treme*, 1947), de Luchino Visconti, acabou por se diluir na fórmula e produziu comediazinhas populistas como a série *Pão, Amor e Fantasia* (*Pane, Amore e Fantasia*, 1953), de Luigi Comencini. Ficavam longe os dias em que o neo-realismo, como disse Fellini, "revelava uma Itália que não conhecíamos, porque por vinte anos fomos prisioneiros de um regime político que nos vendou os olhos".

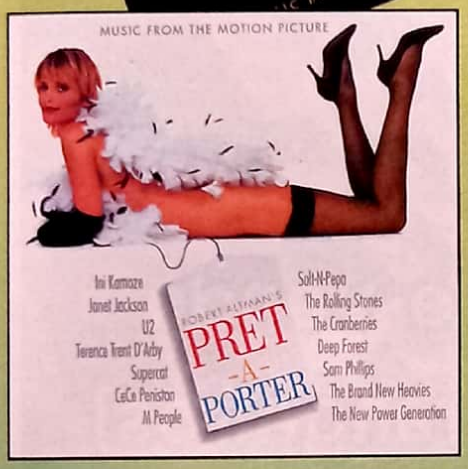
Influenciou até mesmo o cinema americano: *Marty* (1955), de Delbert Mann, Oscar de melhor filme, é um filhote neo-realista – , mas perdeu a força em meio às contradições. A Itália também era outra, vivia o *miracolo* dos anos 50. Rossellini conquistou Ingrid Bergman e se recusou a ser neo-realista para sempre. De Sica sucumbiu ao poder dos dólares de Carlo Ponti e se dedicou a fazer filmes para Sophia Loren. Visconti deu um tempo com a pobreza e voltou às origens aristocráticas. Fellini desviou-se do rigor neo-realista para ser o mais fulgurante diretor de cinema do pós-guerra.

E o neo-realismo saiu por aí, para ver seus procedimentos imitados sobretudo pelas cinematografias do Terceiro Mundo.

PROMOÇÃO

VIAJE PELAS TRILHAS SONORAS





RESPONDA E GANHE

Responda corretamente as perguntas abaixo, escreva o seu slogan para a Revista SET e envie o mais rápido possível para: "Promoção Viaje Pelas Trilhas Sonoras". As 25 primeiras cartas que chegarem e tiverem o maior número de respostas corretas e o melhor slogan ganharão um kit com 4 CD's das seguintes trilhas sonoras: O MÁSCARA, FRANKSTEIN, PRET A PORTER e O ESPECIALISTA.

NUMA FOLHA À PARTE, RESPONDA AS PERGUNTAS AO LADO E ENVIE PARA O ENDEREÇO INDICADO NO REGULAMENTO.

NÃO SE ESQUEÇA DE NUMERAR AS RESPOSTAS.

1) Qual é o único filme do diretor Tim Burton que não contou com uma trilha sonora assinada por Danny Elfman?
A) Batman B) O Estranho Mundo de Jack C) Ed Wood

2) Elliot Goldenthal foi indicado ao Oscar 95 de melhor trilha sonora por Entrevista com o Vampiro. Ele também é responsável pela trilha de:
A) Garotos de Programa B) Drugstore Cowboy C) Coração Selvagem

3) Que compositor trabalhou com o francês Michel Deville em O Marido da Cabeleireira?
A) Philip Glass B) Michael Nyman C) Mark Isham

4) O polonês Zbigniew Preisner musicou a trilogia (A Liberdade É Azul, A Igualdade É Branca, A Fraternidade É Vermelha). Que filme americano, de 1994, também contou com sua trilha sonora?
A) Quando um Homem Ama uma Mulher B) O Jardim Secreto C) Atraídos pelo Destino

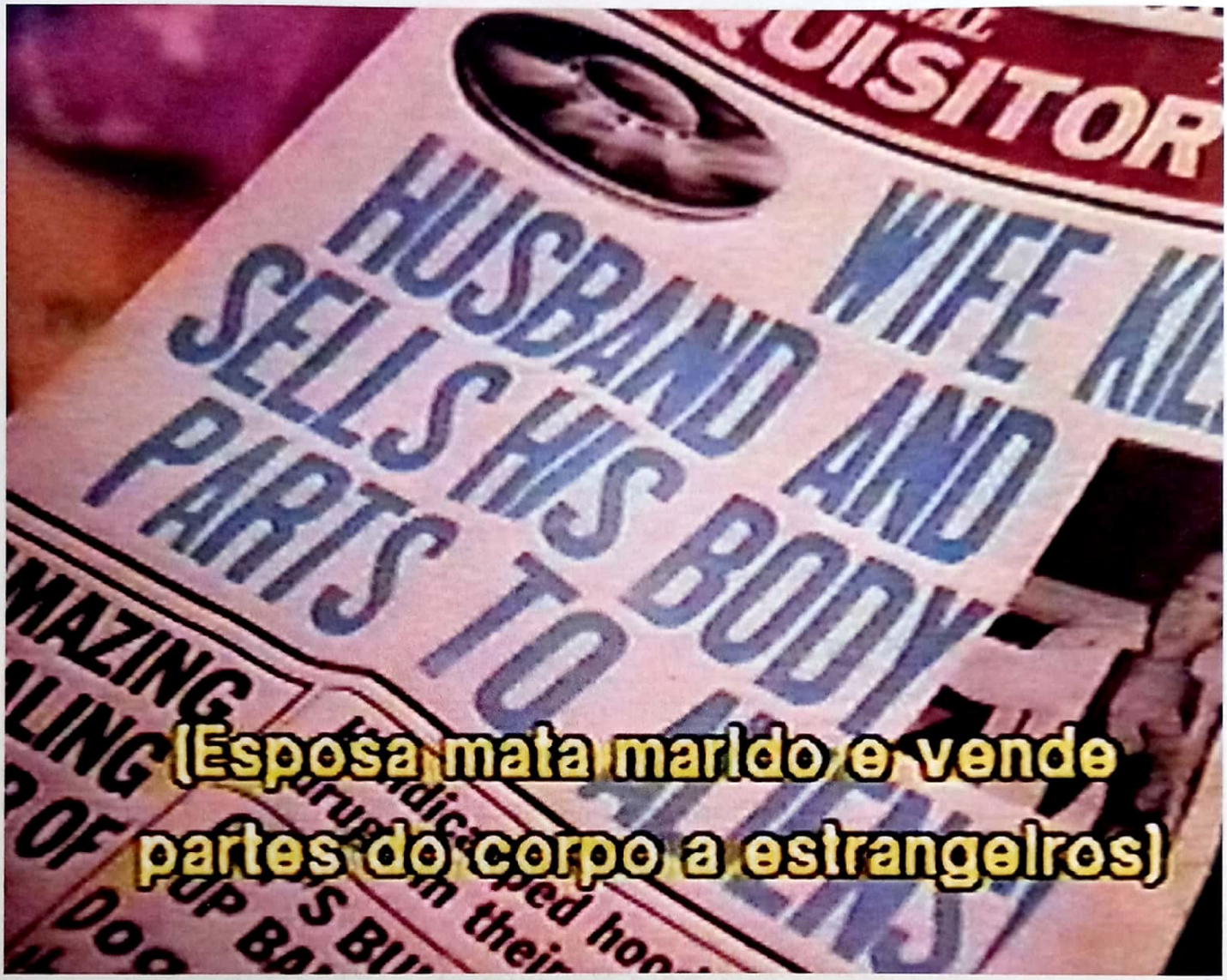
5) Qual trilha contou com um cover de um sucesso dos Talking Heads?
A) Três Formas de Amar B) Kalifornia C) Jamaica Abaixo de Zero

REGULAMENTO

1- Esta promoção é de cunho artístico-cultural, aberta a todas as pessoas moradoras em território nacional, sem qualquer modalidade de sorte ou pagamento pelos participantes, nem vinculação destes à aquisição ou uso de qualquer bem, direito ou serviço;
2 - A seleção dos ganhadores será feita através da data de postagem no Correio, do maior percentual de acertos conseguidos nas respostas e da originalidade do participante da criação de um slogan. A data máxima para o envio das respostas é 05/05/95.
3 - As respostas do teste e o nome dos ganhadores serão publicados na edição nº 96 da Revista SET, nas bancas dia 05/06/95. Os ganhadores serão avisados antecipadamente por telefone;
4 - As respostas deverão ser enviadas para a PROMOÇÃO VIAJE PELAS TRILHAS SONORAS, Av. das Nações Unidas, 5777, 4º andar, CEP 05479-900, São Paulo, SP, acompanhadas dos dados completos do participante (nome, endereço, telefone, cidade, estado e idade) e um slogan para a Revista SET;
5 - O participante pode enviar quantas cartas quiser, mas apenas uma delas será premiada;
6 - Serão selecionados 25 ganhadores que receberão como prêmio 4 CD's de trilhas sonoras.

REVISTA SET CINEMA & VÍDEO

Sony Music



A TRAIÇÃO DA T

Os erros de legendagem de cinema e vídeo no Brasil escondem um trabalho frenético e mal-remunerado. Quem paga o pato é o espectador incauto, que ouve uma coisa que não entende e lê outra que não faz o mínimo sentido

Só um coração de pedra não se deixaria tocar pelo desconcertante drama vivido por um personagem de *Parente É Serpente*, de Mario Monicelli: num belo café italiano, ele quer pedir a grappa – o destilado italiano de casca de uva – mas, indefeso, vê formar-se, na legenda, a palavra garapa. O mandante deste crime é um só: o sistema de tradução e legendagem praticado no Brasil. Sobre ele, chovem reclamações de traduções esquartejadas em filmes e vídeos.

Na SET de fevereiro deste ano, o crítico Lauro Machado Coelho indignou-se contra a legendagem de *Júlio César* (1953), de Joseph L. Mankiewicz, da Continental: a distribuidora traduz "ides of March" ("idos de março") por "olhos de março", por exemplo. O pior é que mesmo um erro destes pode virar fichinha. "Vi um filme francês dos anos 70 que citava um liceu chamado Pepino Curto" – recorda-se Coelho. Não se tratava de uma escola de horticultura, e sim de uma ligeira distorção do nome de um rei franco – Pepino, o Breve (715-768).

"Num dos filmes de O Gordo e O Magro, alguém grita 'Ollie!' (abreviação de Oliver, o nome do Gordo), e na legenda aparece um 'Olhe!'" – espanta-se o jornalista Fernando Zamith.

Estas duas últimas pérolas, como se viu, não identificam os filmes em que se achavam incrustadas. Não se trata de simples esquecimento: Zamith é do tipo que desafia o interlocutor a se lembrar, por exemplo, do número do bilhete que premia Humphrey Bogart em *O Tesouro de Sierra Madre* (1948). (O número é 3721). Acontece que a já extensa coleção de absurdos em legendas expande-se mais rápida que a peste – e sem que a maioria dos espectadores se dê conta. "80% das traduções são feitos nas coxas" – avalia o próprio decano dos tradutores de cinema no Brasil, o legendário S. (de Sigismundo) da Rocha Spiegel, 76 anos.

Há 35 anos, Spiegel traduz filmes do inglês, francês, italiano, espanhol e alemão – e até em holandês e sueco, se dispuser de roteiros em inglês. Com este arsenal, Spiegel, que viveu na Europa dos 13 aos 20 anos, trabalha preferencialmente para a UIP (distribuidora da Paramount e da Universal).

Rui Mendes/Azul

Regiane Maria Capalbo em sua "baia": "sem spotting list, ou se apela para um gringo ou inventa-se"

Úlcera Profissional

Seu comprometimento definitivo com a tradução aconteceu há quinze anos, quando ele se aposentou e rompeu o caso que mantinha com uma úlcera profissional, criada na dedicação ao posto de chefe nacional de publicidade de multis. Neste tempo todo, em seu apartamento no bairro de Ipanema, no Rio, ele abrasileirou mais de 1.700 filmes: *Se Meu Fusca Falasse* (1969), *Sissi, a Imperatriz* (1956), *Loucuras de Verão* (1973), *A Viagem do Capitão Tornado* (1991) etc. Mas também derrapou: "No filme *Jesus de Nazaré*, traduzi Saint James por São Jaime. Um frade me espinafrou no jornal: James, na verdade, é o apóstolo Tiago".

Spiegel exige dez dias úteis para a tradução de um filme. "Só acelero quando trabalho para a mostra do Banco Nacional", revela. Spiegel cobra baseado na tabela do Sindicato Nacional dos Tradutores: R$ 50 por parte de filme (um longa tem geralmente dez partes).

Em São Paulo, uma profissional top de cinema como Marina Fragano, 40 anos, vinte de profissão e um menu que inclui inglês, francês, italiano e espanhol (é dela a tradução do iraniano *Através das Oliveiras*), ganha cerca de R$ 440 por longa-metragem. Mas o trabalho varia muito. "Um filme de terror tem uns 400 diálogos; já uma comédia, cheia de duplos sentidos, chega a 1.200, 1.300", calcula (na outra ponta da escala, um pornô se resolve com 60 falas). Marina traduz um longa em quatro dias. Vídeo, mesmo, ela só pega na baixa do mercado de cinema.

Também pudera. Paga-se, pela tradução de vídeo, de R$ 120 a R$ 150. Mas apenas esta tabela de pobreza não explica as pérolas. A cadeia de nacionalização de um filme guia-se pelo clássico conceito de pastelaria. Começa com a distribuidora enviando para o Brasil o master, a cópia do filme no original; junto, pode vir o spotting list, um script com os diálogos, em inglês, localizados por cena (caso contrário, o profissional terá que se virar "de ouvido"). Aí, o filme enrosca – por semanas ou meses – na Alfândega. Os distribuidores, nesta altura, já estarão com datas reservadas no circuito exibidor (no caso de cinema) ou para lançamento (vídeo); já terão comprado espaços na mídia para excitar os consumidores – e nada de o filme ser liberado.

O resultado é aflição pura – e açoite para compensar o atraso. "Às vezes, temos que traduzir e legendar um vídeo em dois dias" – testemunha Tânia Mara Morais, 30 anos, supervisora do departamento de tradução da Videolar, em São Paulo, uma das maiores processadoras de fitas da América Latina (15.000 cópias de fitas por dia). A triste constatação: "A qualidade oscila de acordo com o prazo dado pelo cliente".

Mais do que provável que uma hora o óleo desta pastelaria se queime. "Sem o spotting list, você pode apelar para um gringo", registra Regiane Maria Capalbo, 33 anos, há nove no ramo. "Se nem o gringo conseguir decifrar alguma fala, o tradutor vai acabar inventando". A Videolar tenta cercar o problema com um treinamento-padrão para os iniciantes (ali classificados como C), os quais são ainda monitorados por um profissional da casta A.

Não Basta Traduzir

Vítimas ou picaretas, não há como fugir: dos profissionais desta área – free lancers, quase todos – o *métier* exige uma especialização a mais. O motivo: seja o filme protagonizado por um brutamontes monossilábico ou por um francês existencialmente verborrágico, não tem discussão – cada legenda tem que se encaixar em um máximo de duas linhas; cada linha não pode ter mais que 35 toques (cinema) ou 30 (vídeo); a duração máxima de cada legenda é de quatro segundos. Mas não basta traduzir. É necessário executar-se a marcação, operação pela qual se faz as legendas coincidirem com o tempo dos diálogos originais.

"A maioria dos clientes, principalmente os pequenos, nunca confere a tradução", revela um profissional de uma empresa do ramo, pedindo sigilo sobre sua identidade. "Nós checamos todo o trabalho", afirma Carlos Alberto Fernandes Lopes, 36, geren-

te de produção da CIC Vídeo.

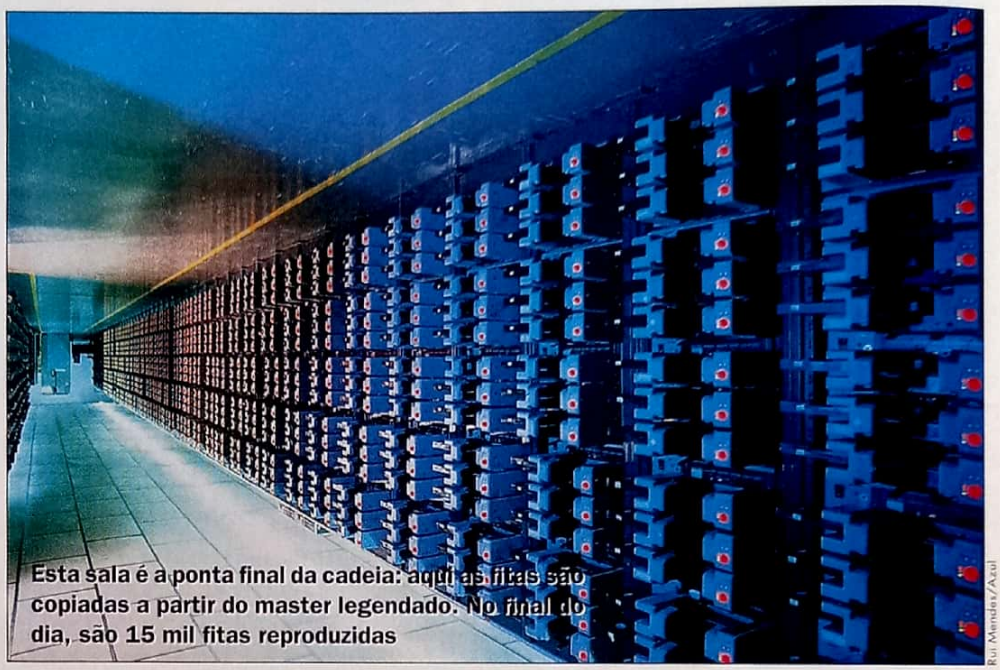
Mas uma política adotada por algumas *majors* – entre as quais a própria CIC Vídeo, e, no cinema, a UIP, a Warner e a Columbia – no mínimo dificulta o controle da tradução. Trata-se da operação de trazer os filmes ou fitas já legendados do exterior, num trabalho feito por brasileiros obviamente distanciados da realidade nacional e que demanda, por isso, uma atualização. "Em alguns títulos, como *Jurassic Park*, nós solicitamos uma pré-aprovação", revela Lopes, da CIC. "Não temos tempo para uma segunda revisão", admite Telma Gadioli, gerente de marketing da Columbia TriStar, que lançou o filme *Frankenstein de Mary Shelley* com legendas como "Por favor, venha lá fora" (?).

Ritmo de Pastelaria

O arfante ritmo de pastelaria impede que se barre algum absurdo nesta fase, quando se está a um passo de imprimir o trabalho na película ou na fita. Três empresas fazem legendagem de cinema no Brasil: Titra e Líder, no Rio, e, em São Paulo, a Curt-Alex (uma associação entre a Alex argentina e a Kodak brasileira).

A Titra, trinta anos, é tida como heróica tiranossaura: ela legenda os filmes um a um, num arcaico sistema de carimbo a ácido. Este retira da película a gelatina onde estão fixadas as imagens, gerando legendas, portanto, por transparência. Já a Líder, 41 anos, e a caçula (nove anos) Curt-Alex utilizam o processo ótico: as legendas são gravadas fotograficamente em uma película à parte. A seguir, faz-se o sanduíche, isto é, a junção de três películas: a do filme original, a das legendas e a sonora.

Em vídeo, o sistema emprega disquetes, nos quais são gravadas as legendas já adequadas ao tempo dos diálogos. Estas são transferidas para o master do vídeo através de uma operação que dispara simultaneamente disquete e fita.



Esta sala é a ponta final da cadeia: aqui as fitas são copiadas a partir do master legendado. No final do dia, são 15 mil fitas reproduzidas

Rui Mendes/Azul

Um novo processo de legendagem foi experimentado em alguns filmes da Mostra de Cinema do Espaço Banco Nacional de 1994, no Rio. "Testamos um painel computadorizado, italiano, que exibia as legendas ao pé da tela", conta Adhemar de Oliveira, coordenador do evento. Entre as vantagens, está a de se poder corrigir legendas, já que estas não estarão impressas na película. Esta agilidade é fundamental num evento com mais de 200 títulos, dos quais os destinados à tradução são entregues aos melhores profissionais – fritos, desta vez, numa versão *cult* daquela insana pastelaria.

Ou seja, numa frente isolada, a tradução e legendagem nacionais aportaram, finalmente, no Primeiro Mundo. Não seria hora de copiar um outro avanço, o recall, através do qual a indústria recolhe produtos distribuídos com defeito e os devolve, íntegros? Com isto, o personagem de Monicelli deixaria de vagar fora do filme, gritando "Per Dio, una grappa – mai una garapa" (ele não está pedindo "mais uma garapa", e sim suplicando "nunca, jamais" o caldo de cana).

Nei Bomfim

COMO ERA LOUCO O MEU INGLÊS

Uma pequena seleção dos termos da língua de Shakespeare que mais têm embaraçado os tradutores/traidores

EVENTUALLY – Já se viram cenas em que este advérbio – algo como "naturalmente, mais tarde, com o tempo; ao final de um processo" – gerou falas do tipo "Fulano estava muito mal no hospital e eventualmente veio a falecer".

GIVE ME FIVE – O emprego desta expressão nunca rendeu a algum personagem a entrega de cinco unidades de seja lá o que for – na realidade, ele está apenas chamando um aperto de mão ("cinco dedos"), no amigável "toca aqui".

I'LL GIVE YOU A RING – Ninguém está prometendo um anel de presente a outro personagem, como pode parecer, e sim, um trivial telefonema (ring).

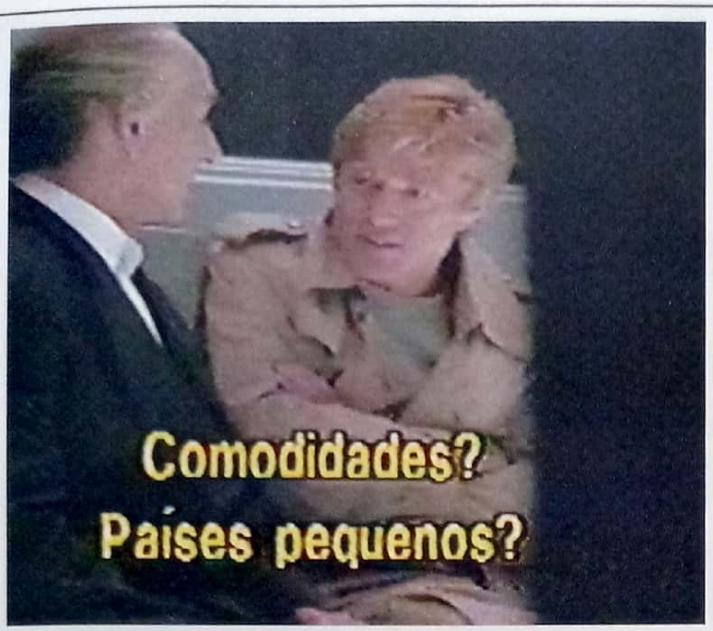
PRESS CONFERENCE – Não se trata de nenhuma conferência para a qual a imprensa se dirija em peso (em busca de uma boca livre, quem sabe) – é apenas a velha entrevista coletiva.

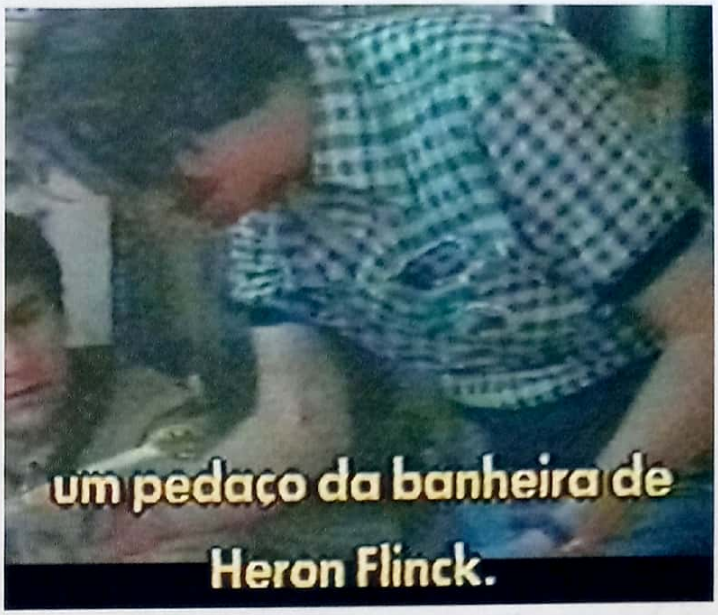
SIX PACK – É a expressão com que se pede uma daquelas embalagens com meia dúzia de cervejas – e não "seis pacotes de cerveja" como às vezes sai nos filmes.

SODA – "Refrigerante". Em legendas, provoca surdez em barman e catatonia em freguês: este pede uma "soda", o barman lhe enfia uma coca – e nem ao menos se explica, já que o cliente engole satisfeito.

THE TELEPHONE IS DEAD – Já se matou muito telefone por conta desta expressão, nas traduções nacionais, em vez do mais civilizadamente usual "O telefone está mudo".

Imagens eletrônicas Tadeu C. Pereira/Azul





CRIMES LEGENDÁRIOS

Alguns exemplos da tradicional arte de deturpar os diálogos dos filmes

• Em *Quebra de Sigilo* (92, CIC), o mocinho Marty (Robert Redford) pergunta ao vilão Cosmo (Ben Kingsley), em conversa sobre golpes a bancos: "Commodities?" – e ganha a legenda "Comodidades?".

• Taxista de *Taxi Driver* (76, Tocantins) tenta convencer Travis (Robert De Niro) de que tem um pedaço da banheira de Errol Flynn, mas o nome do galã acaba amarfanhado pela estranha grafia "Heron Flinck".

• Manchete de tablóide em *Tomates Verdes Fritos* (91, Europa) diz: "Mulher mata marido e vende pedaços de seu corpo para ETs", mas a legenda ignora desenho com disco-voador junto ao título e traduz *aliens* (alienígenas) por "estrangeiros".

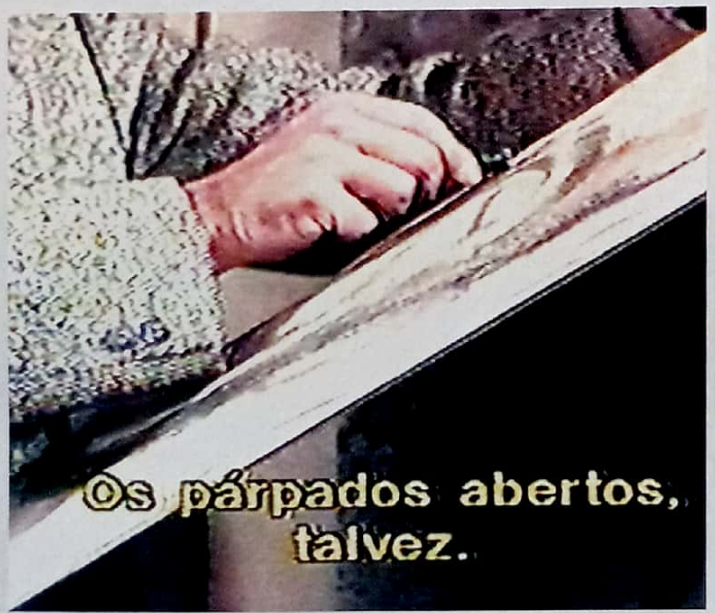
• O pintor de *O Terceiro Tiro* (55, CIC) diz ao xerife que o rosto por ele retratado tem *raised eyelids*, mas, em vez do bom português "pálpebras levantadas", o tradutor preferiu o espanhol "*parpados* (pálpebras) abertos".

• Em *Parente é Serpente* (93, Look), ouve-se um personagem chamar, num café, uma dose da italianíssima grappa – o destilado de casca de uva –, mas seu pedido se materializa, graças à legenda, na brasileiríssima "garapa".

• Perde-se uma tirada em *Louca Corrida do Ouro* (85, Polevídeo) graças à legendagem, que omite o nome de Doc Holliday quando o mocinho diz, em confissão: "Ele realmente gostava de cavalos – por que você acha que ele estava no OK Corral?".

• A tradução de *O Jornal* (94, CIC) torna os jornalistas uns insubordinados, ao converter *story* (matéria jornalística em geral) em "artigo" (opinativo), quando o chefão acabou de esculhambar a redação por causa de um excesso de opinião.

• A tentativa de Emma Thompson em *Em Nome do Pai* (93, CIC) de inocentar terceiros ("*My statement, my Lord, that vindicates all this people*") virou, na tradução: "Um depoimento que reivindica a toda esta gente"(?).



*Os vídeos usados nesta reportagem foram gentilmente cedidos pela 2001

EPIDEMIA

O EBOLA ATAC

O filme foi feito a toque de caixa para aproveitar o *frisson* causado pelo artigo da revista *New Yorker* que relata os efeitos devastadores do vírus, nesta produção chamado Motaba

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

A crise começou a se formar em outubro de 1992, quando a revista semanal *New Yorker* publicou um artigo do colaborador Richard Preston a respeito da luta de uma equipe militar de análise biológica para evitar que um vírus letal e altamente contagioso escapasse ao controle dos cientistas num laboratório em Frederick, Maryland – a poucos quilômetros, vale dizer, da Casa Branca.

Se o tal vírus vazasse para fora do laboratório e contaminasse um grande centro urbano – como a capital americana, por exemplo –, os danos poderiam ser catastróficos, com a população dos Estados Unidos e do resto do mundo ameaçada por uma força da natureza mil vezes mais forte que o vírus da gripe que matou 20 milhões de pessoas em 1918.

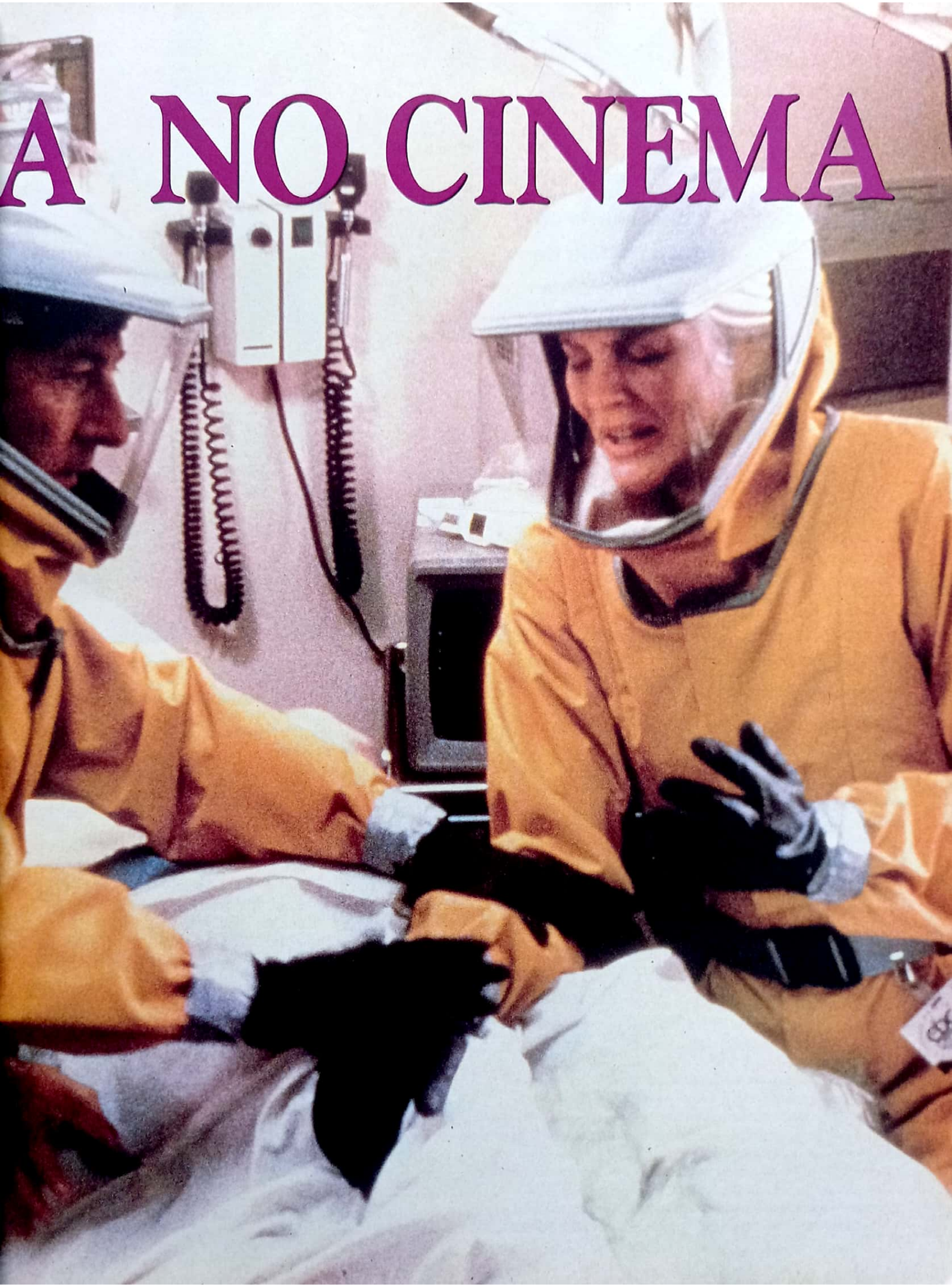
Ali havia um filme, e dos bons, concluiu Hollywood. E imediatamente armou-se um leilão em torno dos direitos do artigo de Preston, com a produtora Lynda Obst, alinhada à 20th Century Fox, vencendo a peleja ao pagar 400 mil dólares ao autor. Lynda pôs o projeto – batizado *Crisis in the Hot Zone*, o mesmo título da matéria publicada na *New Yorker* – em desenvolvimento, convocando Robert Redford e Jodie Foster para os papéis principais e Ridley Scott para a direção.

Ao mesmo tempo, outro produtor, Arnold Kopelson, vencedor do Oscar de Melhor Filme em 1986 por *Platoon* e recém-vitorioso com o mega-sucesso de *O Fugitivo*, não se dando por vencido na luta pelo artigo de Preston, acelerou seus esforços para montar na Warner Bros. seu próprio filme protagonizado por um vírus letal, apelando para dois bons aliados: a ficção e a astúcia de uma raposa felpudíssima.

Sem poder contar com as informações de Robert Preston, Arnold inventou. Se no

Fotos Warner

Ao verem os efeitos do Motaba, Rene Russo e Dustin Hoffman entram em pânico e iniciam a guerra para destruí-lo


A NO CINEMA

EPIDEMIA

script do filme de Obst o inimigo era o vírus Ebola – o mesmo nome de um rio africano –, no de Kopelson o vírus chama-se Motaba, como um rio no Zaire. Acrescentou-se um romance entre os personagens do protagonista Dustin Hoffman e de Rene Russo, no filme dois cientistas recém-divorciados, e uma conspiração governamental. Só era preciso, agora, meter as caras para sair na frente da Fox, para que seu filme chegasse às telas antes.

E assim foi: Arnold começou a gastar os US$ 60 milhões da produção de *Epidemia* três semanas antes do que deveria, mesmo sem ter um script pronto. Para minar o campo de Obst, ciente de que os investidores de *Crisis in the Hot Zone* eram majoritariamente italianos, Kopelson publicou nos *trades* internacionais anúncios de página dupla alardeando o início de seu *Epidemia* – enquanto, a essa altura, o filme de Obst soçobrava, vítima de incompatibilidades entre Redford (cujo papel aumentava a cada nova versão do script), Foster (cujo papel diminuía na mesma proporção) e Scott (num dado momento, Jodie teria reclamado que Ridley não sabia lidar com atores). Resultado, os italianos puxaram o carro, o filme de Obst foi cancelado. E o filme de Kopelson estreou em março, sem competição alguma.

Os moradores da cidade fictícia de Cedar Creek, na Califórnia, passam a morrer da mesma forma que os africanos – sangrando por todos os orifícios

Quando volta de uma missão na África, onde foi investigar um vírus novo e misterioso que está dizimando a população de um vilarejo, o coronel Sam Daniels (Dustin Hoffman) comunica a seu superior, o general Billy Ford (Morgan Freeman), que os Estados Unidos precisam entrar em prontidão contra uma possível ameaça do novo vírus. A reação do general, no entanto, surpreende Daniels: Billy o desliga da pesquisa.

Não precisa ser Sherlock para imaginar o desenrolar da trama: o vírus chega aos

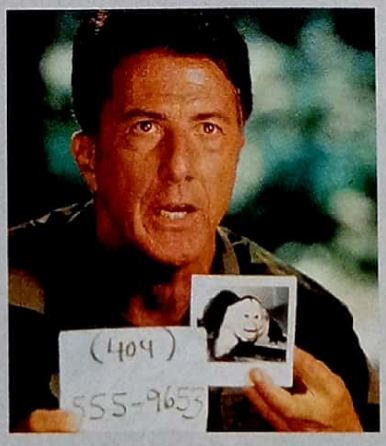
ENTREVISTA

Dustin Hoffman

"Esse negócio existe mesmo"

O produtor Arnold Kopelson propôs inicialmente seu papel a Harrison Ford. Será uma surpresa para o público vê-lo num papel atípico?

Será uma surpresa positiva, porque esse não é o tipo de filme que estou acostumado a fazer, pois tem cenas de ação – embora eu não considere *Epidemia* um filme de ação-aventura. Por outro lado, me ver em cenas que seriam feitas por Harrison Ford tem um sabor especial. A cena em que eu preciso pular do helicóptero e aterrissar no navio em movimento, por exemplo, no início descrevia o personagem descendo no navio "em meio a um tufão". Se fosse Harrison Ford, você já sabe que ele vai conseguir pular no barco e aterrissar são e salvo. Mas no meu caso, não se sabe o que vai acontecer.



Você espera receber convites para trabalhar em mais filmes como esse?

Tenho certeza de que se o filme fizer sucesso os estúdios começarão a propor papéis que nunca me ofereceram antes. Como aconteceu com John Travolta: ninguém oferecia nada a ele, de repente... ele não é mais ou menos talentoso ou versátil que antes, mas é preciso que um diretor demonstre isso, sempre foi assim.

Você pesquisa minuciosamente tudo a respeito do personagem e do filme antes de filmar. O que aprendeu de especial na preparação de *Epidemia*? E o quanto afetou seu dia-a-dia?

Não acho que tenha mudado, pois minha pesquisa não foi tão minuciosa assim, porque não tive o tempo que queria ter tido. Sinto-me como qualquer outra pessoa: tem coisas por aí de meter medo e você fica preocupado. Não vou trabalhar na África, nem em outras partes do mundo, a não ser que tenha a certeza de poder levar congelado um pouco do meu próprio sangue, porque transfusões hoje são um negócio muito arriscado. Infelizmente, no caso da ameaça do vírus, acho que é uma bomba-relógio. O desastre de Three Mile Island aconteceu duas semanas antes da estréia de *Síndrome da China*. Quer dizer, uma coisa como essa mostrada em *Epidemia* pode vir a acontecer. Algo como a "bactéria comedora de carne" pode ser tratado com antibióticos, já um vírus não pode. Se você pega pneumonia virótica, não há remédio que resolva, porque o DNA está na célula, e se você matar o DNA mata a célula também. O hantavírus – que é o que meu personagem combate no início do filme – é um vírus verdadeiro que matou cerca de duas dúzias de índios no Novo México há três anos. Rápido, em duas ou três semanas, de hemorragia por todos os orifícios do corpo. E nunca acharam um antídoto. E por que esse vírus se espalhou dessa maneira? Porque naquela época choveu mais que de costume, um determinado tipo de árvore deu mais flores que de costume, os ratos que se alimentavam dessas flores comeram mais flores, se proliferaram mais e evacuaram mais, e quando as pessoas limpavam a evacuação morriam depois de aspirar os gases vindos dessa sujeira. Esse negócio existe mesmo.

Estados Unidos, os moradores da cidadezinha imaginária de Cedar Creek, na Califórnia, passam a morrer da mesma forma que os africanos contaminados – sangrando por todos os orifícios do corpo –, e Daniels começa a desconfiar que o General Ford está querendo é ocultar uma mancada antiga do Exército, que, revelada, pode jogar toneladas de lama no ventilador.

O diretor alemão Wolfgang Petersen comanda em ritmo de ação-aventura um filme que, oficialmente, está sendo comercializado como um thriller médico. Nas mãos de Petersen, Hoffman não está muito diferente de um Harrison Ford – aliás, a primeira opção para o papel –, saltando de helicópteros, correndo de um lado para outro. A intriga político-militar tem seu charme, embora Donald Sutherland , no papel do mais diabólico dos milicos, pareça estar lutando contra as restrições do papel. Eventualmente, *Epidemia* cai no sentimentalismo fácil: as cenas das famílias contaminadas de Cedar Creek parecem telenovela mexicana.

SET

Outbreak, EUA, 1995 ■ DIREÇÃO: Wolfgang Petersen ■ ROTEIRO: Laurence Dworet e Robert Roy Pool ■ FOTOGRAFIA: Michael Ballhaus ■ MONTAGEM: Neil Travis ■ MÚSICA: James Newton Howard ■ Com Dustin Hoffman, Rene Russo, Morgan Freeman, Kevin Spacey, Cuba Gooding, Jr., Patrick Dempsey, Donald Sutherland ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner.

Hoffmam e Russo: vítimas de uma conspiração governamental. Abaixo, Petersen

ENTREVISTA

Wolfgang Petersen

Paranóia da destruição

Na época do lançamento de *Na Linha de Fogo*, você reclamava do fardo de ter que comandar um orçamento de 40 milhões de dólares. As coisas melhoraram desde então?

Não (*risos*)! O fardo é ainda maior agora, porque, como todos nós sabemos, *Epidemia* é um filme numa escala ainda muito, muito maior – portanto, um filme mais caro que *Na Linha de Fogo*. Além do mais, esse filme teve um peso adicional, porque, pelo menos no início, estávamos competindo com o projeto da Fox, *Crisis in the Hot Zone*, e isso nos colocou debaixo de tremenda pressão extra: além da preocupação com o orçamento, precisávamos decidir o que fazer em relação a esse outro projeto. Estaríamos prontos para rodar a tempo? Estaríamos apressando tudo em demasia? Mas, como todos nós sabemos, tudo isso acabou em relativamente pouco tempo, e antes mesmos de iniciarmos nossa filmagem o projeto da Fox já havia sido deixado de lado.

O sucesso de filmes como *Epidemia* não se nutriria do medo que as pessoas têm de um vírus invisível que pode destruir a humanidade, da paranóia da destruição?

Um desastre como o que mostramos em *Epidemia* pode *realmente* vir a acontecer. Nossa história, embora seja fictícia, tem base na realidade. É só você abrir os jornais ou ligar a televisão e ver histórias sobre o hantavírus, sobre a "bactéria comedora de carne", sobre o perigo cada vez maior de vírus que escapam da floresta amazônica. Tanto que abrimos o filme com aquela pequena frase, dizendo que o maior perigo de destruição da humanidade não é a guerra nuclear, mas sim o vírus.

Essa correria inicial atrapalhou a produção?

Nosso filme poderia muito bem ter-se beneficiado de mais uma ou duas semanas de pré-produção. Por outro lado, o prazer incrível de trabalhar com atores como Donald Sutherland, Rene Russo, Morgan Freeman, Kevin Spacey, J.T. Walsh e Cuba Gooding Jr. superou tudo isso. Amo trabalhar com atores.

Se comenta o crescente número de diretores europeus – especialmente alemães – trabalhando em Hollywood. Destes, você tem sido provavelmente o mais bem-sucedido, artística e comercialmente. Qual é o segredo?

Não sei o que dizer. Acho que se deve, em primeiro lugar, ao fato de que *gosto* de estar aqui – moro em Los Angeles desde 1987, entendo como as coisas funcionam aqui, entendo a maneira das pessoas trabalharem. E os cineastas alemães parecem se entender às mil maravilhas com as pessoas da indústria daqui. Desde os anos 20 e 30 há esse casamento bem-sucedido entre Hollywood e cineastas europeus, especialmente de língua alemã. Eu diria que Hollywood não teria sido a mesma sem pessoas como Billy Wilder, que se tornaram uma parte tão importante da história do cinema americano. Além disso, minha origem européia talvez faça com que meus filmes tenham um quê diferente. E talvez seja esse exatamente o ingrediente que torna esse casamento tão feliz.

STREET FIGHTER

O videogame que virou mania mundial chega às telas com o belga Jean-Claude Van Damme interpretando o coronel Guile

Fotos Columbia TriStar

Maquete de uma futura cidade governada pelo vilão Bison

Start

A idéia parecia das melhores: traduzir para o cinema um videogame de megasucesso (já são mais de doze milhões de unidades vendidas), utilizando Jean-Claude Van Damme, o príncipe dos filmes de ação, no papel principal. Não tinha como dar errado, uma vez que, além de contar com o apelo de Van Damme, o filme já sairia com um público embutido, o mesmo que transformara o videogame num best-seller: a garotada adolescente. Além disso, foi essa mesma garotada adolescente que escolheu Van Damme para o papel através de uma pesquisa que perguntava qual ator gostariam que fizesse o coronel Guile – deu o belga na cabeça. E para puxar ainda mais o interesse da platéia, Guile passou de major no videogame para coronel, podendo assim comandar um exército maior.

Play

Os realizadores esqueceram, no entanto, de um pequeno detalhe. Nem sempre uma forma de entretenimento pode ser adaptada sem seqüelas. Vide o confuso e sem graça *Super Mario Bros.*, que, mesmo apoiado por uma campanha fenomenal dos estúdios Disney, não provocou o menor interesse no tal público cativo. Seria apenas a forçação de barra de se querer dramatizar um jogo pouco ou nada mais complicado do que apertar botões e reagir a estímulos da tela? Ou será algo mais profundo: a perda total do elemento interativo que permite à pessoa interferir na ação?

Estreando como diretor, o roteirista Steven de Souza (o mesmo da série *Duro de Matar* e de *Predador*, *Comando para Matar* e *48 Horas*) nos dá uma história não mais que pífia sobre um comandante de uma força multinacional, o Coronel Guile (Van Damme), na missão de resgatar 63 reféns em poder do maléfico Bison (Raul Julia).

O VIDEOGAME

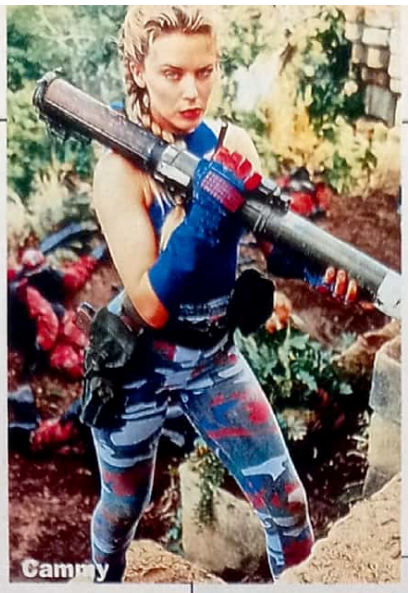
Um clássico japonês para o mundo

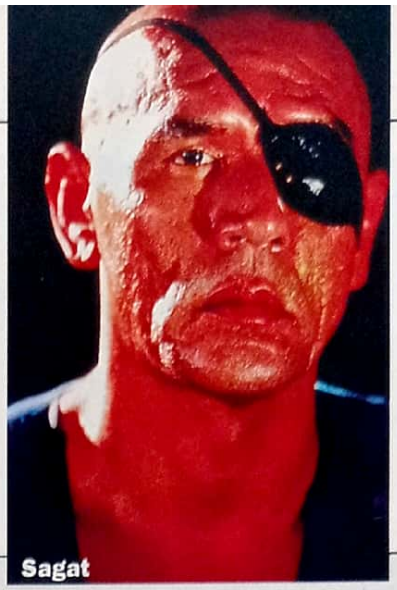
Street Fighter, ou Combate de Rua. O nome já diz tudo neste que é o mais popular videogame de luta em todo o mundo. A história original, publicada como um mangá (os gibis japoneses), tinha o essencial para se transformar num fenômeno: lutadores de rua de vários lugares do mundo, honestos e criminosos, se enfrentam para ver quem é o melhor. Um enredo que inclui amizades, inimizades e rivalidade total, temperada com a magia das artes marciais. Você já viu essa história antes, entre outros filmes em *O Grande Dragão Branco* (com o próprio Van Damme).

O primeiro Street Fighter foi para os fliperamas japoneses em 1990 e passou a rolar nos Estados Unidos, Brasil e o resto do mundo em 1991. Já trazia sua característica principal: era tecnicamente difícil, o que transformava toda luta numa surpresa e qualquer campeão num possível derrotado, quer jogando contra a máquina, quer encarando um adversário real. Hoje, já são seis versões lançadas e a sétima está saindo com o filme, em lançamento mundial.

Só nos EUA, segundo a softwarehouse Capcom, a fabricante, já foram vendidas 200 mil máquinas de fliperama da série e o faturamento atingiu US$ 500 milhões, só no fliperama, desde 1991. Em todo o mundo, Street Fighter já vendeu doze milhões de cartuchos de suas diversas versões domésticas. A versão mais quente, lancada em 1993, elevou o faturamento da Capcom para mais de US$ 600 milhões e chamou a atenção de Hollywood para o fenômeno, que, aliás, demorou para chegar às telas.

Paulo Montóia, editor de Ação Games


Cammy


Sagat

Bison

Chega a ser doloroso para o público ter que acompanhar esta última aparição na tela de Raul Julia. No papel de Bison, espécie de Hitler latino que é o arquiinimigo de Van Damme, Julia é a melhor coisa do filme, mas seu aspecto físico, alquebrado pela doença, nos dá apenas uma sombra da persona robusta e potente a que nos acostumamos.

Para Van Damme, pontos negativos: apesar das cenas de ação em que pode exibir seus mais importantes atributos – os músculos e a forma física – , o Coronel Guile de Jean-Claude é um estudo de falta de expressividade, tão sem emoção quanto uma pedra. E Kyle Minogue, coitadinha, a parceira de Van Damme nas artes marciais, poderia muito bem ter ficado em casa.

Game Over

Numa listagem compilada pela revista *Entertainment Weekly*, o fraco desempenho de *Street Fighter* na bilheteria ficou evidente. O filme foi considerado um dos maiores perdedores da temporada de Natal/94 nos Estados Unidos, com uma renda marcadamente inferior ao seu custo de produção, orçada em US$ 35 milhões. As filmagens duraram 69 dias e foram realizadas na Tailândia e na Austrália, sendo que o exército tailandês emprestou armamento pesado, que incluiu helicópteros, tanques e bombardeiros. Apesar do gordo orçamento, *Street Fighter* até o início do ano não tinha gerado mais de US$ 29 milhões e meio na bilheteria. Vale lembrar que, segundo os executivos dos estúdios, um filme começa a dar lucro quando sua bilheteria chega a três vezes o custo da produção.

José Emilio Rondeau

Street Fighter, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Steven E. de Souza, a partir do videogame Street Fighter II ■ FOTOGRAFIA: William A. Fraker ■ SUPERVISOR DE MONTAGEM: Dov Hoenig ■ SUPERVISOR DE EFEITOS ESPECIAIS: Brian Cox ■ MÚSICA: Graeme Revell ■ Com Jean-Claude Van Damme, Raul Julia, Ming-Na Wen, Damian Chapa, Kylie Minogue, Simon Callow Roshan Seth, Wes Studi, Byron Mann ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 97 min.

BANDIDOS E MOCINHOS

Coronel Guile/Van Damme: usa sua força bruta para restabelecer a paz e a ordem em Shadaloo, país fictício do Sudoeste da Ásia que se encontra em guerra civil.

Cammy/Kylie Minogue: espiã inglesa e parceira de Guile na luta contra as forças do mal.

General M. Bison/Raul Julia: ditador megalomaníaco de Shadaloo, e mandante do rapto de 63 trabalhadores.

Chun-Li/Ming-Na Wen: repórter de TV sensual que tem seus próprios motivos para acabar com Bison e para isso usa seus dons marciais.

Victor Sagat/Wes Studi: contrabandista de armas que abastece o exército de Bison e controla as gangues do Sudoeste da Ásia.

Chun-Li

Abaixo, uma amostra do tipo de inimigo que Van Damme enfrenta na fita

Nos Estados Unidos ninguém fica sem HBO.

√O maior canal de TV por assinatura do mundo. √25 milhões de assinantes em 35 países.
√Mais de 95 filmes por mês. √Filmes, shows e séries exclusivos na sua TV.
√Som original com legendas. √48 horas de filmes por dia, em dois canais.*

* Assinantes da HBO recebem na HBO 2 a mesma qualidade de programação, com seis horas de atraso. Restrições técnicas em algumas operações.

O que você está esperando?

McCANN

Assine já.* Quem não tem está fora do ar.

* Consulte seu operador local de TV por assinatura.

BARCELONA

Comédia sofisticada conquista a crítica com política e paixões

Barcelona, de Whit Stillman, foi um dos maiores e mais surpreendentes sucessos entre os independentes americanos durante o ano passado. Rendeu mais que o dobro de seu modesto custo de produção – de US$ 3,2 milhões – e atingiu maior receptividade junto ao público que o primeiro filme do diretor, *Metropolitan*, indicado ao Oscar de roteiro original e considerado pela crítica de Nova York o melhor filme de diretor estreante de 1990.

Confirmou também junto à crítica o estilo sutil e sofisticado que Stillman elabora ao escrever diálogos e criar situações cômicas. *Metropolitan* era uma visão mordaz dos jovens adultos da classe alta de Nova York, enquanto *Barcelona* acompanha as (des)venturas românticas e políticas de dois primos americanos, um representante comercial e um militar, na Barcelona de 1983, época do fim da Guerra Fria.

O tom dos filmes é de crítica social, irônica e *cool*. Foi comparado a Woody Allen. Mas carrega mais a visão de mundo e a dimensão humana de outro diretor por ele admirado, François Truffaut.

Com Allen, a maior identificação pode ser a de se referir sempre a experiências e mundos conhecidos e íntimos através de personagens um tanto complexados e inarticulados. ™ Filho de político influente no governo Kennedy, Stillman viveu sua infância e adolescência entre Washington e Nova York. Em 1980, Stillman se mudou para Barcelona onde trabalhou como ator no segundo filme de Fernando Trueba, *Sedução* (1992) e como agente de vendas de filmes espanhóis no exterior.

Barcelona reflete suas experiências a partir do poder comercial e bélico dos EUA, que lhe possibilitaram voltar a trabalhar com dois atores que lançou em seu primeiro filme, Taylor Nichols e Chris Eigeman.

De Truffaut, Stillman "herdou" a capacidade de fundir tenuemente, mas de forma perspicaz, a interferência de fatos políticos e sociais na vida das pessoas. *Barcelona* ocupa-se com os devaneios de dois americanos muito diferentes entre si com duas espanholas idem. Se em boa parte do tempo a trama armada parece se resumir a uma ciranda de paixões autobiográfica, no final uma sombra terrorista explode para catalisar mudanças radicais na vida dos personagens.

O filme alcança um equilíbrio sóbrio e maduro entre diálogos afiados e inteligentes, situações de humor peculiar, registro histórico de uma fobia ideológica e personagens arrogantes e/ou mal resolvidos. Um raro exemplo de sutileza e perspicácia em tempos de superexposição da violência. Resta saber até onde o espectador quer abdicar de um cinema esteticamente mais ambicioso para ficar com um mosaico tão particular a ponto de levá-lo a questionar a importância/necessidade de ele estar compartilhando desta experiência.

Christian Petermann

Barcelona, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Whit Stillman ■ FOTOGRAFIA: John Thomas ■ MONTAGEM: Christopher Tellefsen ■ MÚSICA: Marc Suozzo ■ Com Taylor Nichols, Chris Eigeman, Tushka Bergen, Mira Sorvino ■ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ■ DURAÇÃO: 100 min.

Look Filmes

Chris Eigeman, como o primo Fred, aproveita uma pausa na "realidade política" para tentar conquistar Mira Sorvino

Jennifer Jason Leigh abusa na interpretação de Dorothy Parker, enquanto Scott se contém como Robert Benchley

O CÍRCULO VICIOSO – A VIDA DE DOROTHY PARKER

Alan Rudolph faz um *Moderns* nova-iorquino com excesso etílico

A escritora Dorothy Parker (1893-1967) parecia viver em eterno estado de embriaguez, pelo menos de acordo com a interpretação, digamos, "inebriante" de Jennifer Jason Leigh, que entra em cena no filme de Alan Rudolph como se emergisse de um cálice de dry martini.

Sem dúvida, é uma das maiores lições de *overacting* da história do cinema. Ou isso ou Dorothy era mesmo todo aquele exagero em forma de voz rascante, olhos grogues e andar trôpego que a atriz exibe à exaustão. Pois o filme de Rudolph, uma espécie de versão nova-iorquina de um outro filme seu, *Moderns*, sobre a Paris dos anos loucos, ressente-se e muito dos maneirismos de sua atriz principal: a partir dela, tudo parece igual, enfadonho.

O círculo vicioso do título era a mesa redonda do hotel Algonquin, em torno da qual as cabeças mais brilhantes e ferinas dos anos 20 se reuniam para destilar veneno, poesia, pensamentos lapidares e acidez cômica, em geral contra a mediocridade do próximo. Neste ponto, palmas para a interpretação mais contida de Campbell Scott como Robert Benchley, o humorista que se tornou uma espécie de amor platônico de Dorothy.

O resto são frases brilhantemente esparsas, fastio boêmio e uma Dorothy bêbada e avançada na idade, entrando de vez em quando na narrativa com um poemeto de sua autoria. Pouco para quem já descreveu, como Rudolph, a atmosfera de alegria furiosa e alta depressão que era a marca do mundo parisiense de *Moderns*, na mesma década.

Cadão Volpato

Fotos: PlayArte

Mrs. Parker and the Vicious Circle, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Alan Rudolph ■ ROTEIRO: Randy Sue Coburn e Alan Rudolph ■ MONTAGEM: Suzy Elmiger ■ FOTOGRAFIA: Jan Kiesser ■ MÚSICA: Mark Isham ■ Com Jennifer Jason Leigh, Campbell Scott, Matthew Broderick, Andrew McCarthy, Tom McGowan, Nick Cassavetes ■ DISTRIBUIÇÃO: PlayArte ■ DURAÇÃO: 158 min.

Gregoire Colin, abaixo, como um monge macedônio. Acima, o fotógrafo Serbedzija retorna ao lar

Fotos: Lumiere

ANTES DA CHUVA

Diretor estreante seduz e manipula o espectador com boas intenções

Milcho Manchevski, radicado nos EUA, voltou certa vez ao seu país natal, a Macedônia, e saiu de lá com o embrião de *Antes da Chuva* na cabeça. As filmagens deste seu primeiro filme foram realizadas durante a semana em que a Macedônia declarou sua independência da implodida Iugoslávia.

Antes da Chuva, portanto, nasceu por motivação política, a de conscientizar o espectador de um caldeirão social ebuliente. Não o faz com um discurso político tradicional, mas com uma narrativa episódica, emotiva e plástica. Isto talvez explique o sucesso do filme junto à crítica e ao público (recebeu o Leão de Ouro em Veneza-94 – dividindo-o com Alqing Wansul –, ganhou o Prêmio Popular da 18ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo e foi indicado ao Oscar 95 de filme estrangeiro).

Manchevski, formado em História da Arte e Arqueologia na Macedônia e em Cinema nos EUA, ganhou o MTV Award de melhor clip de rap em 1992, por "Tennessee", do Arrested Development. Sua experiência com clips, publicidade e curtas experimentais o levou a conceber as três histórias do filme – que se justapõem e no final se fundem – com um visual estetizante, às vezes elaborado e autêntico (no que se refere à cultura macedônia). São histórias que não falam necessariamente do conflito, mas que investigam com sensibilidade, e certa superficialidade, o efeito da violência nas pessoas inocentes. A segunda, por exemplo, se passa em Londres. A circularidade das situações e a ênfase nas paixões dos personagens tornam a trama universal.

Manchevski sabe dar o seu recado seduzindo o espectador. Realiza em seu primeiro trabalho em longa-metragem um cinema belo em intenções, mas que por fim nos deixa com um gosto amargo de oportunismo na consciência. Há certa manipulação emotiva por parte do diretor ao comentar seu filme com músicas do grupo Anastasia, de beleza melancólica e reflexiva. Uma estréia segura, que comprova a capacidade do diretor em reunir com coesão ingredientes de impacto garantido.

Ch. P.

Before the Rain, Inglaterra/França/Madedônia, 1994 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Milcho Manchevski ■ FOTOGRAFIA: Manuel Teran ■ MÚSICA: Anastasia ■ Com Katrin Cartlidge, Rade Serbedzija, Gregoire Colin ■ DISTRIBUIÇÃO: Lumiere ■ DURAÇÃO: 115 min.

6 DIAS, 6 NOITES

Trama em quatro paredes confirma predileção de diretora pelo intimismo

Realizadora francesa intimista por excelência, Diane Kurys ganhou o prêmio Louis Delluc com seu filme de estréia, o autobiográfico *Peppermint Soda* (1977), mas seu maior sucesso foi *Entre Nous* (1983), com Miou-Miou e Isabelle Hupert, inspirado na vida de sua mãe. O atual *6 Dias, 6 Noites*, selecionado oficialmente para o Festival de Veneza, confirma a sua predileção por temas fortes e pessoais.

A ação se passa nos dias atuais. Chove muito em Paris. Bom pretexto para ambientar a trama entre quatro paredes. Alice (Anne Parillaud, em ascensão desde *Nikita*, 1990) é uma artista plástica que começa vida nova ao lado do jovem Franck (Patrick Aurignac), mas é surpreendida no dia da mudança por sua irmã Elsa (Beatrice Dalle, em interpretação das mais sensuais – seria uma Brigitte Bardot dos anos 90), que chega de mala e cuia após abandonar o marido e suas filhas. Pode ser?

Instala-se um triângulo amoroso anticonvencional. Alice parece cair numa síndrome sensual de Lewis Carrol – é envolvida no lance lúdico da sedutora e mentirosa irmã que lhe rouba o amante sem a menor cerimônia. São seis dias dedicados à loucura das paixões. Tudo num labirinto em que os personagens chegam a perder a identidade.

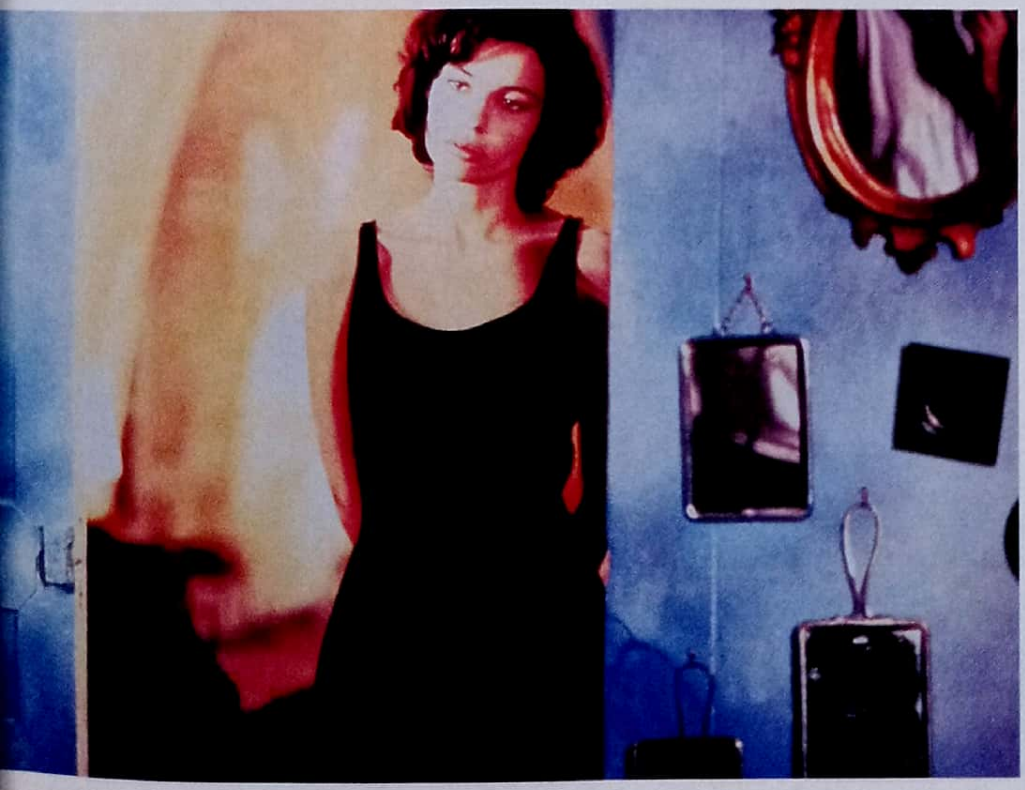
Notável a fusão de planos gerais de Paris e Nova York, preparando o final-surpresa.

Jairo Ferreira

A La Folie, França, 1994. DIREÇÃO: Diane Kurys ■ ROTEIRO: Diane Kurys e Antoine Lacomblez ■ FOTOGRAFIA: Fabio Conversi ■ MONTAGEM: Luc Barnier ■ MÚSICA: Michael Nyman ■ Com Anne Parillaud, Beatrice Dalle, Patrick Aurignac, Alain Chabat, Bernard Verley. DISTRIBUIÇÃO: Lumiere ■ DURAÇÃO: 98 min.

Fotos: Lumière

Parillaud, acima, e Dalle: as irmãs que disputam o mesmo homem



PROMOÇÃO

VIAJE PELAS TRILHAS SONORAS II

GANHADORES

CD PLAYER SONY

Helcio Hirao - São Paulo - SP

KITS COM 3 CDs

Marlon Gomes - São Bernardo do Campo - São Paulo

Francisco Rômulo de Andrade Oliveira - São Paulo - SP

Anna Carla Dos Santos Rocha - Niterói - Rio de Janeiro

Antonio Marcelo Azevedo Alexandre
São Carlos - São Paulo

Luciano Mader Siqueira - Curitiba - Paraná

Vanderlei Paganini - São Paulo - SP

Mônica A. H. Carvalho de Sant'Anna
Vitória - Espírito Santo

Odaiza Vasconcellos Peixoto
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ

Mônica Iris Leon - São Paulo - SP

José Edmilson da Silva - São Paulo - SP

Josemar do Nascimento Salles - Porto Alegre - RS

Waldomiro Reis Junior - Ipatinga - Minas Gerais

Denise de Almeida Nery Aboud
Brasília - Distrito Federal

Djalma Jardim Grandizolli - São Paulo - SP

Izaura Regina Azevedo Rocha
Juiz de Fora - Minas Gerais

Roberval Barreto - São Paulo - SP

Marcelo Aparecido Martiniano - São Paulo - SP

Oscar Wolff - São Paulo - SP

Cesar Adames - São Paulo - SP

Marco Antonio Cid Teixeira - Rio de Janeiro - RJ

William Petrauskas - Campinas - São Paulo

Carlos Eduardo Calabrez - São Paulo - SP

Inês de Almeida Nery - Brasília - Distrito Federal

Gisele Avelino Correa - São Paulo - SP

RESPOSTAS

1.C - 2.B - 3.D - 4.A - 5.B

REVISTA SET

Sony Sony Music

À BEIRA DA LOUCURA

John Carpenter volta às telas com o melhor do gênero terror

A safra dos filmes de terror tem andado bem fraquinha. E neste início de ano, o retorno de Freddy Krueger às telas conseguiu acalmar um pouco os ânimos dos fãs do gênero. Esta tarefa agora cabe a John Carpenter e seu *À Beira da Loucura*, horror psicológico que mistura realidade e fantasia para confundir o espectador.

Se Carpenter, que já realizou os ótimos *Haloween – A Noite do Terror* e *O Enigma de Outro Mundo*, e deixou a desejar com *Memórias de um Homem Invisível*, desta vez não vai decepcionar, porque tem de tudo: gore, monstros apavorantes, homens deformados, vovozinhas maldosas, efeitos especiais e, é lógico, uma história legal.

Tudo começa quando é publicado o último livro de Sutter Cane (Jurgen Prochnow), *The Hobb's End Horror*, um romance tão aterrador que incita os leitores a um comportamento desorientado – paranóia e esquizofrenia são os sintomas mais comuns. Com a publicação do livro em dezoito países, a demência se alastra descontroladamente.

À véspera de entregar seu novo manuscrito, *In the Mouth of Madness*, Sutter desaparece misteriosamente. Preocupado com as conseqüências da não publicação do livro – anunciado com estardalhaço em campanha nacional –, o editor Jackson Harglow (Charlton Heston numa ponta honrosa) contrata o investigador John Trent (Sam Neill) para encontrá-lo. Descrente do poder de sugestão das obras, Trent acha que tudo não passa de uma grande armação da editora para vender ainda mais a imagem do escritor. É convencido, então, pela agente Linda Styles (Julie Carmen) a ler os romances e a conhecer um pouco a personalidade de Cane. É a partir daí que Trent encontra seu destino.

A fim de provar sua teoria, Trent parte em busca de Hobb's End, local onde todos os horrores imaginados pelo autor acontecem. Apesar de não constar em nenhum mapa, Hobb's End existe e é povoado pelas criaturas demoníacas de Cane. Sem saber se tudo não passa de um pesadelo ou de uma realidade alternativa, Trent luta para não perder sua sanidade e impedir que Cane leve à loucura toda a humanidade.

Num final empolgante, Carpenter, assim como seu personagem Sutter Cane, coloca uma dúvida terrível ao espectador: e se fosse mesmo possível que um autor de livros de terror alterasse toda a nossa passiva e comportada realidade?

Deborah Peleias

Abaixo, Sam Neill ainda mantém uma postura sã; acima, já não sabe o que é fantasia ou realidade

In the Mouth of Madness, EUA, 1995 ■ DIREÇÃO: John Carpenter ■ ROTEIRO: Michael De Luca ■ FOTOGRAFIA: Gary B. Kibbe ■ MONTAGEM: Edward A. Warschilka ■ MÚSICA: John Carpenter ■ SUPERVISOR DE EFEITOS ESPECIAIS: Bruce Nicholson, para IL&M ■ Com Sam Neill, Jurgen Prochnow, Julie Carmen, David Warner, Charlton Heston ■ DISTRIBUIÇÃO: PlayArte ■ DURAÇÃO: 94 min.

Fotos: PlayArte

Columbia Bueno Vista

TEMPO DE VIOLÊNCIA – PULP FICTION

A genialidade maior de *Tempo de Violência* não está na estrutura do filme nem nos diálogos cheios de ritmo. O grande barato é a maneira como Quentin Tarantino distribui os papéis, entregando personagens complexos a atores tidos como superficiais e incapazes de mais do que um sorriso magnético e um andar atraente. Ter John Travolta como Vincent Vega, o capanga-*junkie*-europeizado-fã-de-Modesty Blaise é uma tacada de mestre tão grande quanto convocar Bruce Willis para ser Butch, o boxeador sem brilho. O filme também pertence a Samuel L. Jackson, pois são dele os diálogos mais longos e mais substanciais e os olhos mais hipnotizantes e assustadores do filme. *J.E.R.*

(Pulp Fiction, EUA, 1994) Direção: Quentin Tarantino. Com John Travolta, Bruce Willis, Samuel L. JAckson, Uma Thurman. Columbia Buena Vista.

O INDOMÁVEL

Paul Newman protagoniza um operário sessentão, de bom coração, mas incapaz de desatar o nó que deu nas emoções, enquanto leva uma vida modorrenta numa cidadezinha eternamente coberta de neve, tristeza e frustração. Para companheiros tem apenas uma ex-professora e atual governanta (Jessica Tandy, em seu derradeiro papel), o patrão sacana (Bruce Willis, absolutamente impecável) e a sofrida mas resignada mulher do patrão (Melanie Griffith). No inverno de sua carreira, Newman surpreende como Donald "Sully" Sullivan, provando mais uma vez sua paixão pelos personagens que representa. *J.E.R.*

(Nobody's Fool, EUA, 1994) Direção: Robert Benton. Com Paul Newman, Jessica Tandy, Bruce Willis, Melanie Griffth. Paris.

ADORÁVEIS MULHERES

Clássico da literatura, escrito por Louisa May Alcott em 1868, filmado primeiramente em 1933 com Katharine Hepburn no papel que hoje ficou com Winona Ryder. A história, açucarada em excesso nesta nova versão, mostra as dificuldades passadas por quatro irmãs deixadas sozinhas com a mãe (Susan Sarandon) na Nova Inglaterra, depois de o pai partir para lutar na Guerra Civil norte-americana. *J.E.R.*

(Little Women, EUA, 1994) Direção: Gilliam Armstrong. Com Winona Ryder, Susan Sarandon, Trini Alvarado, Clare Danes, Kirsten Dunst, Gabriel Byrne. Columbia Tri Star.

LENDAS DA PAIXÃO

O diretor Edward Zwick (*Tempo de Glória*) pode até ter mirado em "grande épico americano", mas acertou mesmo em "dramalhão folhetinesco" neste longa centrado no conflito de três irmãos (Brad Pitt, Aidan Quinn e Henry Thomas) que, no começo deste século, disputam o coração de uma mesma donzela (Julia Ormond). *J.E.R.*

(Legends of the Fall, EUA, 1994) Direção: Edward Zwick. Com Anthony Hopkins, Brad Pitt, Aidan Quinn, Henry Thomas, Julia Ormond. Columbia TriStar.

CARO DIÁRIO

Centrado em três momentos da vida de um diretor, este filme representa a maturidade cinematográfica de Nanni Moretti (*A Missa Acabou* e *Palombella Rossa*). O primeiro segmento é a declaração de amor do cineasta a uma Roma que só quem nasceu ou viveu nela muito tempo pode conhecer, o segundo serve para mostrar as dificuldades do processo criativo e, no terceiro, mais cômico e dramático, conta de maneira leve e contundente a experiência de passar por uma legião de médicos, baterias de exames e especialidades médicas para descobrir que se tem uma espécie de câncer facilmente eliminado com uma operação. A.G.

(Caro Diario, Itália, 1993) Direção: Nanni Moretti. Com Nanni Moretti, Jennifer Beals, Alexander Rockwell, Renato Carpentieri. Look Filmes.

ED WOOD

Filme mais pessoal de Tim Burton, que apresenta um mundo de artistas, boêmios, visionários e charlatães pretendentes ao prêmio máximo oferecido por Hollywood: a fama e a fortuna sem restrições. Tudo isso a partir da vida do pior cineasta de todos os tempos, Ed Wood, interpretado por Johnny Depp. Mas o melhor do filme é Martin Landau: ele dá uma interpretação cheia de dignidade a um personagem rico em tragédia, Bela Lugosi. *J.E.R.*

(Ed Wood, EUA, 1994) Direção: Tim Burton. Com Johnny Depp, Martin Landau, Sarah Jessica Parker, Patricia Arquette. Columbia Buena Vista.

PRÊT-À-PORTER

Robert Altman errou a mão neste seu ambicioso painel do mundo da moda. Talvez influenciado pela aparente superficialidade do tema, tenha decidido pelo clima de comédia de boulevard. O roteiro, pródigo em escorregões, flagrantes amorosos, encontros e desencontros, situações ridículas e qüiproquós variados, gira em torno da morte acidental por asfixia de Olivier de la Fontaine (Cassel), presidente da Câmara Sindical de Alta Costura, cuja única testemunha é um misterioso e atrapalhado italiano vindo de Moscou (Mastroianni). M.M.

(EUA, 1994) Direção: Robert Altman. Com Sophia Loren, Marcello Mastroianni, Julia Roberts, Jean-Pierre Cassel, Tim Robbins, Kim Basinger, Stephen Rea, Anouk Aimée. Columbia Buena Vista.

BOLSA DE CINEMA

O segundo longa de Quentin Tarantino desponta como um novo *cult* para a crítica

	Inácio Araujo Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luiz Zanin Oricchio Estado de S. Paulo	Carlos Eli de Almeida O Globo	Hugo Sukman Jornal do Brasil	Rubens Ewald Filho HBO	Christiane Couto MTV	Cleber Eduardo Diário Popular	Alessandro Giannini Jornal da Tarde	José Emílio Rondeau SET	Média
Tempo de Violência – Pulp Fiction (Columbia Buena Vista)	7	9	8	10	8	10	10	9	9	9	8.9
Arquitetura da Destruição (Mostra Internacional)	9	10	8	–	–	–	–	6	10	–	8.6
Quiz Show – A Verdade dos Bastidores (Columbia Buena Vista)	7	8	6	–	–	9	9	–	8	8	7.8
Ed Wood (Columbia Buena Vista)	–	9	7	–	4	9	9	–	8	8	7.7
Vem Dormir Comigo (HVC)	–	–	6	7	–	5	–	9	9	–	7.2
Rosas Selvagens (Look)	–	4	7	8	6	9	7	6	8	7	6.8
Adoráveis Mulheres (Columbia TriStar)	–	–	5	7	–	6	–	7	6	7	6.3
O Novo Pesadelo – O Retorno de Freddy Krueger (Paris)	–	–	–	7	6	–	–	6	5	–	6.0
Debi & Lóide – Dois Idiotas em Apuros (Top Tape)	9	–	3	6	4	–	7	4	–	7	5.7
Zona Mortal (UIP)	–	6	–	6	4	6	–	4	–	–	5.2

DORIS DAY

A VIRGEM PROFISSIONAL

Ela foi a "senhorita requeijão" de Hollywood, sinônimo de pureza e candura, mas a sua vida não é exatamente o que se pode chamar de um mar de rosas. Doris colecionou homens e filmes errados, embora tenha se revelado boa atriz quando pôde contar com roteiros e diretores inteligentes

LFI

Pobre Doris Mary Anne von Kappelhoff – sim, esse era o seu nome verdadeiro –, virou definitivamente uma peça de época. Pelo menos idade para ser "de época" ela tem... 71 anos no próximo dia 3 de abril. Mesma data e idade de outro "monstro" cinematográfico, Marlon Brando.

Mas antes de ser peça de museu, Doris foi uma garotinha loura, sardenta e sonhadora em sua cidade natal, Cincinnati, no Estado de Ohio. Seu sonho era ser uma nova Ginger Rogers. Aos 13 anos de idade, em 1937, foi convidada para um teste em Hollywood, mas os deuses devem ter achado que apenas uma Ginger Rogers no cinema bastava. Doris sofreu um acidente de automóvel exatamente na véspera de embarcar para a cidade dos sonhos. Acabou com fraturas múltiplas – uma delas exposta, na perna esquerda – e os médicos disseram que ela poderia ficar paralítica. Não ficou, como todo mundo sabe, mas amargou dois anos de gessos e cirurgias e, enquanto se recuperava, ouvia muita música, principalmente os discos de Ella Fitzgerald, e foi tomando gosto pelo canto.

Passado o pesadelo, Doris sentiu que ia ser "agora ou nunca". Já que não iam vê-la dançar, iam ter que ouvi-la cantar. Cantou em público pela primeira vez num programa de rádio local e ninguém quis que ela parasse. Filha de um maestro alemão – que abandonou a família para fugir com uma amante –, Doris tinha música e ritmo no sangue.

Eram os anos 40 e as *big bands* estavam no auge. Lá se foi a jovem Doris para Chicago, cantar na banda de Bob Crosby – irmão do então celebérrimo Bing Crosby –, e em seguida na de Les Brown, um dos mestres do gênero. Só que no meio do caminho tinha um trombonista: Al Jorden, 23 anos e bonitão. Doris apaixonou-se e casou, em 1941. A lua de mel virou fel rapidinho: Jorden era ciumento e descontrolado, e por qualquer coisinha descia a mão na jovem esposa. Resumo da ópera: o casal teve um filho, Terry, e Doris conseguiu o divórcio. Al queria matar a ex-mulher mas acabou morto em um acidente de automóvel.

Foi preciso mais um casamento fracassado – dessa vez com o saxofonista George Weidler – para que Doris entendesse, de uma vez por todas, que tinha destino de estrela. Voltou para a orquestra de Les Brown, gravou um punhado de sucessos, entre eles "Sentimental Journey", que foi sua marca registrada por muito tempo – e um dia, em 1948, foi levada por uma dupla de amigos compositores para um teste na Warner Brothers, com o diretor Michael Curtiz. Bastaram dois filmes na Warner, *Romance em Alto Mar* e *Meus Sonhos te*

Pertencem, para ela se tornar uma estrela.

Aí chegamos a Doris Day que realmente interessa. A estrela de dezoito filmes na Warner – entre 1948 e 1955 – , alguns na Metro e outros tantos na Universal, onde lá finalmente foi entronizada como Miss Cream Cheese – ou "senhorita requeijão" – , a mais perfeita tradução de pureza e candor, que nem Mary Pickford, no cinema mudo, ou Julie Andrews, em seus dias de *Noviça Rebelde*, conseguiram superar.

Mas será que toda essa gente que sempre adorou chamar Doris Day de Debbie Lloyd a conheceu realmente como atriz? Basta ver dois filmes para saber do que ela era realmente capaz quando bem dirigida e com um roteiro inteligente.

Em *Ama-me ou Esquece-me*, produção da Metro de 1955, ela faz a cantora dos anos 20 Ruth Etting, garota que teve de amargar a chamada "vida fácil" antes de fazer sucesso e teve uma ligação amorosa com um gângster ciumento e violento, vivido na tela por James Cagney. Doris nunca esteve tão intensa e sexy.

Já em *O Homem que Sabia Demais*, Hitchcock safra 1956, ela dá a medida exata do terror que uma loura pode sofrer nas mãos do mestre do suspense.

Reina

No final dos anos 50, começo dos 60, Doris Day era uma das maiores campeãs de bilheteria de Hollywood. Mas, como não se pode ter tudo na vida, tinha sempre a tiracolo outra mala sem alça, o ex-agente de atores Marty Melcher, com quem se casou em 51. Ele não só a fez trabalhar como um camelo até o dia de sua morte, em 1968, como cuidou de gastar cada centavo ganho pela sua "mina de ouro". Resultado, todo aquele sucesso como a "virgem profissional" das comédias ingênuas dos anos 60 – *Confidências À Meia-Noite*, *Carícias de Luxo*, *Volta Meu Amor*, com os bonitões Rock Hudson, Cary Grant e James Garner – escorreu pelo ralo e virou um monte de dívidas. Doris se viu falida e teve de fazer o que mais detestava: estrelar um seriado de televisão. Isso sem falar que, em 1969, seu filho Terry se envolveu com a família Manson, aquele bando de *junkies* metidos a hippie que assassinou um grupo de pessoas em Beverly Hills, entre elas a atriz Sharon Tate, mulher do diretor Roman Polanski.

Aí Doris parece que desistiu de tudo. Deixou o cinema, saiu da TV, parou de cantar. Pelo menos em público. Escreveu uma autobiografia, *Doris Day Her Own Story* e se limitou a fazer declarações sobre a religião de que é devota, Ciência de Cristo.

Durante esse tempo de aposentadoria, muito se falou do mito Doris Day. Que ela era frígida, pão dura e até sapatão. Pura bobagem. Porque mesmo que ela fosse tudo isso, como resistir a ela cantando "Que Sera, Sera", em *O Homem Que Sabia Demais* ou bancando a machona em *Ardida Como Pimenta*? E só para encerrar, a melhor piada que a define de uma vez por todas, contada pelo pianista Oscar Levant – e algumas vezes também creditada a Groucho Marx: "Estou no cinema há tanto tempo que conheci Doris antes que ela ficasse virgem".

Mário Mendes

Doris, no destaque e com o filho Terry e o marido Marty Melcher, em 1953, no set de filmagens de *Ardida como Pimenta*: "mina de ouro"

DORIS DAY

Atriz e cantora, nascida Doris Mary Anne von Kappelhoff a 3 de abril de 1924 em Cincinnati, Ohio, EUA.

UIP

1948: ROMANCE EM ALTO MAR (*Romance on the High Seas*, de Michael Curtiz) ■ 1949: MEUS SONHOS TE PERTENCEM (*My Dream Is Yours*, de Michael Curtiz); MADEMOISELLE FIFI (*It's a Great Feeling*, de David Butler) ■ 1950: ÊXITO FUGAZ (*Young Man With a Horn*, de Michael Curtiz); NO, NO, NANETTE (*Tea for Two*, de David Butler); CONQUISTANDO WEST POINT (*The West Point Story*, de Roy Del Ruth) ■ 1951: DILEMA DE UMA CONSCIÊNCIA (*Storm Warning*, de Stuart Heisler); ROUXINOL DA BROADWAY (*Lullaby of Broadway*, de David Butler); MEUS BRAÇOS TE ESPERAM (*On Moonlight Bay*, de Roy Del Ruth); SONHAREI COM VOCÊ (*I'll See You in My Dreams*, de Michael Curtiz); ESTRELAS EM DESFILE (*Starlift*, de Roy Del Ruth) ■ 1952: THE WINNING TEAM (de Lewis Seiler); PARIS EM ABRIL (*April in Paris*, de David Butler) ■ 1953: LUA PRATEADA (*By the Light of the Silvery Moon*, de David Butler); ARDIDA COMO PIMENTA* (*Calamity Jane*, de David Butler) ■ 1954: COM O CÉU NO CORAÇÃO (*Lucky Me*, de Jack Donohue); CORAÇÕES ENAMORADOS* (*Young at Heart*, de Gordon Douglas) ■ 1955: AMA-ME OU ESQUECE-ME (*Love Me or Leave Me*, de Charles Vidor) ■ 1956: O HOMEM QUE SABIA DEMAIS* (*The Man Who Knew Too Much*, de Alfred Hitchcock); JULIE (de Andrew L. Stone) ■ 1957: UM PIJAMA PARA DOIS* (*The Pajama Game*, de George Abbott e Stanley Donen) ■ 1958: UM AMOR DE PROFESSORA (*Teacher's Pet*, de George Seaton); O TÚNEL DO AMOR (*The Tunnel of Love*, de Gene Kelly) ■ 1959: A VIUVINHA INDOMÁVEL (*It Happened to Jane*, de Richard Quine); CONFIDÊNCIAS À MEIA-NOITE (*Pillow Talk*, de Michael Gordon) ■ 1960: JÁ FOMOS TÃO FELIZES (*Please Don't Eat the Daisies*, de Charles Walters); A TEIA DE RENDA NEGRA (*Midnight Lace*, de David Miller) ■ 1962: VOLTA MEU AMOR (*Lover Come Back*, de Delbert Mann); CARÍCIAS DE LUXO* (*That Touch of Mink*, de Delbert Mann); JUMBO (*Billy Rose's Jumbo*, de Charles Walters) ■ 1963: O TEMPERO DO AMOR (*The Thrill of It All*, de Norman Jewison); ELE, ELA E A OUTRA (*Move Over Darling*, de Michael Gordon) ■ 1964: NÃO ME MANDEM FLORES (*Send Me No Flowers*, de Norman Jewison) ■ 1965: FAVOR NÃO INCOMODAR (*Do Not Disturb*, de Ralph Levy) ■ 1966: A ESPIÃ DAS CALCINHAS DE RENDA (*The Glass Bottom Boat*, de Frank Tashlin) ■ 1967: CAPRICHO (*Caprice*, de Frank Tashlin) ■ 1968: A INDOMÁVEL (*The Ballad of Josie*, de Andrew V. McLaglen); ONDE ESTAVAS QUANDO AS LUZES SE APAGARAM? (*Where Were You When the Lights Went Out?*, de Hy Averback); WITH SIX YOU GET EGGROLL (de Howard Morris)

Columbia Pictures

DUSTIN HOFFMAN

Ator, nascido a 8 de agosto de 1937 em Los Angeles, Califórnia, EUA.

1967: THE TIGER MAKES OUT (de Arthur Hiller); A LOUCA CORRIDA DOS MILHÕES* (*Madigan's Million*, de Stanley Prager); A PRIMEIRA NOITE DE UM HOMEM* (*The Graduate*, de Mike Nichols) ■ 1969: PERDIDOS NA NOITE* (*Midnight Cowboy*, de John Schlesinger); JOHN E MARY (*John and Mary*, de Peter Yates) ■ 1970: PEQUENO GRANDE HOMEM* (*Little Big Man*, de Arthur Penn) ■ 1971: O INIMIGO OCULTO (*Who Is Harry Kellerman and Why Is He Saying Those Terrible Things About Me?*, de Ulu Grosbard); SOB O DOMÍNIO DO MEDO* (*Straw Dogs*, de Sam Peckinpah); ALFREDO, ALFREDO (de Pietro Germi) ■ 1973: PAPILLON* (de Franklin J. Schaffner) ■ 1974: LENNY* (de Bob Fosse) ■ 1976: TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE* (*All the President's Men*, de Alan J. Pakula); A MARATONA DA MORTE* (*Marathon Man*, de John Schlesinger) ■ 1978: LIBERDADE CONDICIONAL (*Straight Time*, de Ulu Grosbard); O MISTÉRIO DE AGATHA* (*Agatha*, de Michael Apted) ■ 1979: KRAMER VS. KRAMER* (de Robert Benton) ■ 1982: TOOTSIE* (de Sydney Pollack) ■ 1985: A MORTE DO CAIXEIRO-VIAJANTE (*Death of a Salesman*, de Volker Schlöndorff, para a TV); PRIVATE CONVERSATIONS: ON THE SET OF DEATH OF A SALESMAN (de Christian Blackwood, documentário) ■ 1987: ISHTAR* (de Elaine May) ■ 1988: RAIN MAN* (de Barry Levinson) ■ 1989: NEGÓCIOS DE FAMÍLIA* (*Family Business*, de Sidney Lumet); CAMINHOS CRUZADOS* (*Common Threads: Stories from the Quilt*, de Robert Epstein e Jeffrey Friedman, documentário, como narrador) ■ 1990: DICK TRACY* (de Warren Beatty) ■ 1991: BILLY BATHGATE – O MUNDO A SEUS PÉS* (*Billy Bathgate*, de Robert Benton); HOOK – A VOLTA DO CAPITÃO GANCHO* (*Hook*, de Steven Spielberg) ■ 1992: HERÓI POR ACIDENTE* (*Hero*, de Stephen Frears) ■ 1995: OUTBREAK (de Wolfgang Petersen)

JESSICA LANGE

Atriz, nascida a 20 de abril de 1949 em Cloquet, Minnesota, EUA.

Brigitte Lacombe/UIP

1976: KING KONG* (de John Guillermin) ■ 1979: O SHOW DEVE CONTINUAR* (*All That Jazz*, de Bob Fosse) ■ 1980: A OCASIÃO FAZ O LADRÃO* (*How to Beat the High Co$t of Living*, de Robert Scheerer) ■ 1981: O DESTINO BATE À SUA PORTA* (*The Postman Always Rings Twice*, de Bob Rafelson) ■ 1982: TOOTSIE* (de Sydney Pollack); FRANCES* (de Graeme Clifford) ■ 1984: MINHA TERRA, MINHA VIDA* (*Country*, de Richard Pearce) ■ 1986: UM SONHO, UMA LENDA (*Sweet Dreams*, de Karel Reisz); CRIMES DO CORAÇÃO* (*Crimes of the Heart*, de Bruce Beresford) ■ 1988: QUANDO ME APAIXONO* (*Everybody's All-American/When I Fall in Love*, de Taylor Hackford); A CASA DE KATE É UM CASO* (*Far North*, de Sam Shepard) ■ 1989: MUITO MAIS QUE UM CRIME* (*Music Box*, de Constantin Costa-Gravas) ■ 1990: MULHER ATÉ O FIM* (*Men Don't Leave*, de Paul Brickman) ■ 1991: CABO DO MEDO* (*Cape Fear*, de Martin Scorsese) ■ 1992: O PIONEERS! (de Glenn Jordan, para a TV); SOMBRAS DO MAL* (*Night and the City*, de Irwin Winkler) ■ 1994: BLUE SKY (de Tony Richardson, filmado em 1991) ■ 1995: LOSING ISAIAH (de Stephen Gyllenhaal); ROB ROY (de Michael Caton-Jones)

*disponível em vídeo

É PAU. É PEDRA.

É O FILME.

Com mil pterodátilos carecas! Esse Spielberg conseguiu de novo. Desta vez ele transformou um grande sucesso em desenho animado num sucesso ainda maior em filme. Um sucesso que faturou nada menos que 35 milhões de dólares logo na primeira semana de exibição nos cinemas americanos. E, tudo isso, graças à combinação perfeita de um roteiro sensacional com os efeitos especiais mais incríveis que você já viu e mais um elenco de primeira, com John Goodman, Rick Moranis, Elizabeth Perkins, Rosie O'Donel e Elisabeth Taylor. Portanto, é melhor você sair feito um velociraptor para a locadora mais próxima da sua casa. Porque se você der uma de Tartarugossauro, alguém vai alugar The Flintstones antes de você.

AMBLIN ENTERTAINMENT

CIC

UNIVERSAL

Uma produção HANNA-BARBERA/AMBLIN ENTERTAINMENT
Um filme de BRIAN LEVANT "THE FLINTSTONES" KYLE MacLACHLAN HALLE BERRY E ELIZABETH TAYLOR
Música DAVID NEWMAN Figurino ROSANNA NORTON Montagem KENT BEYDA, A.C.E.
Desenho de Produção WILLIAM SANDELL Direção de Fotografia DEAN CUNDEY, A.S.C.
Produção Executiva WILLIAM HANNA JOSEPH BARBERA KATHLEEN KENNEDY DAVID KIRSCHNER GERALD R. MOLEN
Roteiro TOM S. PARKER & JIM JENNEWEINe STEVEN E. de SOUZA Produção BRUCE COHEN Direção BRIAN LEVANT
EFEITOS VISUAIS ESPECIAIS INDUSTRIAL LIGHT & MAGIC
ORIGINAL SOUNDTRACK ON MCA CDS AND CASSETTES PERSONAGENS ANIMATRONIC JIM HENSON'S CREATURE SHOP.

A UNIVERSAL PICTURE © 1994 UNIVERSAL CITY STUDIOS, INC. & AMBLIN ENTERTAINMENT, INC. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. THE FLINTSTONES & FLINTSTONES CHARACTERS® & TM HANNA-BARBERA PRODUCTIONS, INC. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

DENISON RIO • Z Y D

Dulce Damasceno de Brito

QUEM VALE MAIS: A LOIRA OU A MORENA?

Fotos: Arquivo de Dulce Damasceno de Brito

Carmen Miranda, loira, com Groucho em *Copacabana* (1947); Ingrid Bergman, morena, com Gary Cooper em *Mulher Exótica* (1945)

O cinema consagrou as loiras como os maiores símbolos sexuais, irresistíveis e perfeitas fisicamente, embora com o estigma de pouco inteligentes. Em 1925, a escritora americana Anita Loos (1893-1981) lançou um livro revolucionário desmistificando a suposta burrice das loiras: *Gentlemen Prefer Blondes* (*Os Homens Preferem as Loiras*), que virou musical da Broadway e teve duas versões cinematográficas – a primeira, ainda silenciosa, em 1928, com Ruth Taylor e Alice White, e a segunda, em 1953, com Marilyn Monroe e Jane Russell. No papel da sensual caçadora-de-marido-rico Lorelei Lee, a fabulosa Marilyn Monroe entrou para a história de Hollywood interpretando a canção "Diamonds Are a Girl's Best Friend", depois repetida por Jane com peruca loira em deliciosa imitação. Em 1955, tentou-se, sem sucesso, um tipo de seqüência para a história de Anita Loos agora chamada *Gentlemen Marry Brunettes* (*Os Homens Casam-se com as Morenas*), com Jane Russell desta vez amiga de uma ruiva, Jeanne Crain. A verdade é que, no duelo dos tipos, as loiras ainda estão em alta, apesar de, na maioria, fazerem papéis de amantes, não de esposas. Recentemente aconteceu um curioso caso de *miscasting* não aceito pelo público, nem pela crítica: no filme *Intersection – Uma Escolha, Uma Renúncia*, a loira Sharon Stone, legalmente casada com o arquiteto Richard Gere, era desprezada por ele em favor da amante morena Lolita Davidovich.

Também a nossa Carmen Miranda passou por uma divertida experiência. Em *Copacabana*, produzido em 1947, ela fazia duas personagens: uma cantora latina explosiva, agenciada por Groucho Marx, e uma francesa romântica e sexy chamada Mademoiselle Fifi. Para este papel mais sofisticado, Carmen aparecia de peruca loira. Achou-se tão glamourosa que resolveu, dali por diante, clarear os cabelos também na vida real, ela, que passara anos sendo apontada como uma típica morena brasileira. O inverso aconteceu com Ingrid Bergman. A divina sueca "importada" por Hollywood tinha um tipo loiro suave, requintado, que não admitia personagens vulgares. Para interpretar a fogosa aventureira de *Mulher Exótica* (*Saratoga Trunk*) em 1945, com Gary Cooper, precisou aparecer morena, acentuando, assim, o ar de mistério e sensualidade que deveria cercar a deliciosa Clio que vinha de Paris para abalar os alicerces de Nova Orleans.

Afinal, quem vale mais: morenas exuberantes e charmosas como Hedy Lamarr, Ava Gardner, Elizabeth Taylor, Jacqueline Bisset, Cher, Joan Collins, Raquel Welch e Sophia Loren ou loiras super-sensuais como Jean Harlow, Marlene Dietrich, Marilyn Monroe, Farrah Fawcett, Kim Novak, Daryl Hannah, Kim Basinger, Michelle Pfeiffer e Melanie Griffith? No caso de *classe não tem cor*, tanto a loira Grace Kelly como a morena Audrey Hepburn esbanjavam charme de grandes *ladies*, em pé de igualdade, tanto nas carreiras cinematográficas como na vida real. E existe ainda alguém como a mercenária Madonna, que continua faturando horrores tanto como loira quanto como morena.

O balanço final é animador. Não há melhores, nem piores. Cada uma tem o seu valor, tanto na preferência do público, como no interesse dos produtores cinematográficos. A idéia de Anita Loos não se justifica na Holywood atual, onde acaba de ser divulgado que, pelo seu novo filme *Strip-Tease*, Demi Moore receberá o cachê de 12 milhões de dólares, tornando-se, assim, a estrela mais bem paga do cinema mundial. Morena de olhos verdes, ela já apareceu loira na tela, como *A Mulher do Açougueiro* (1991), mas foi ao natural que conquistou o cobiçado solteiro Bruce Willis, com quem já teve três filhas. Do lado das loiras, espera-se que Sharon Stone repita o estouro de *Instinto Selvagem* com seu novo trabalho ao lado de Robert De Niro em *Casino*, cujo diretor Martin Scorsese declarou: "Sharon possui uma fantástica garra de atriz, apesar da aparente fragilidade das loiras. Frente às câmeras lembra uma atleta olímpica!"

VÍDEO SET
EDITORA AZUL
ABRIL

THE FLINTSTONES – O FILME ★★★

O desenho de 1960 é mais legal

A transposição para o cinema com atores de carne-e-osso da família pré-histórica, criada por William Hanna e Joseph Barbera em 1960, tem muitos méritos e alguns senões.

Os méritos ficam por conta dos efeitos animatrônicos, visuais e físicos utilizados para recriar os objetos-animais domésticos. O trabalho mais complicado foi dar movimentos à Bronto-Grua (mais ou menos do tamanho de uma locomotiva), que Fred Flintstones usa no trabalho, e ao Dino, o cão de estimação.

Já os senões não depõem contra o filme. O primeiro fica por conta do personagem Betty Rubble: para quem gosta do desenho, a escolha de Rosie O'Donnell para interpretar Betty não foi das mais felizes. E, segundo, o filme parece ser mais longo do que é – daria mais certo se fossem dois episódios.

Em resumo: *The Flintstones* é divertido pelos efeitos e pela fidelidade aos detalhes da animação, principalmente na edição sonora. Mas a história – que começa com a adoção de Bam-Bam pelos Rubble e a promoção de Fred a um cargo executivo na pedreira – passa quase desapercebida.

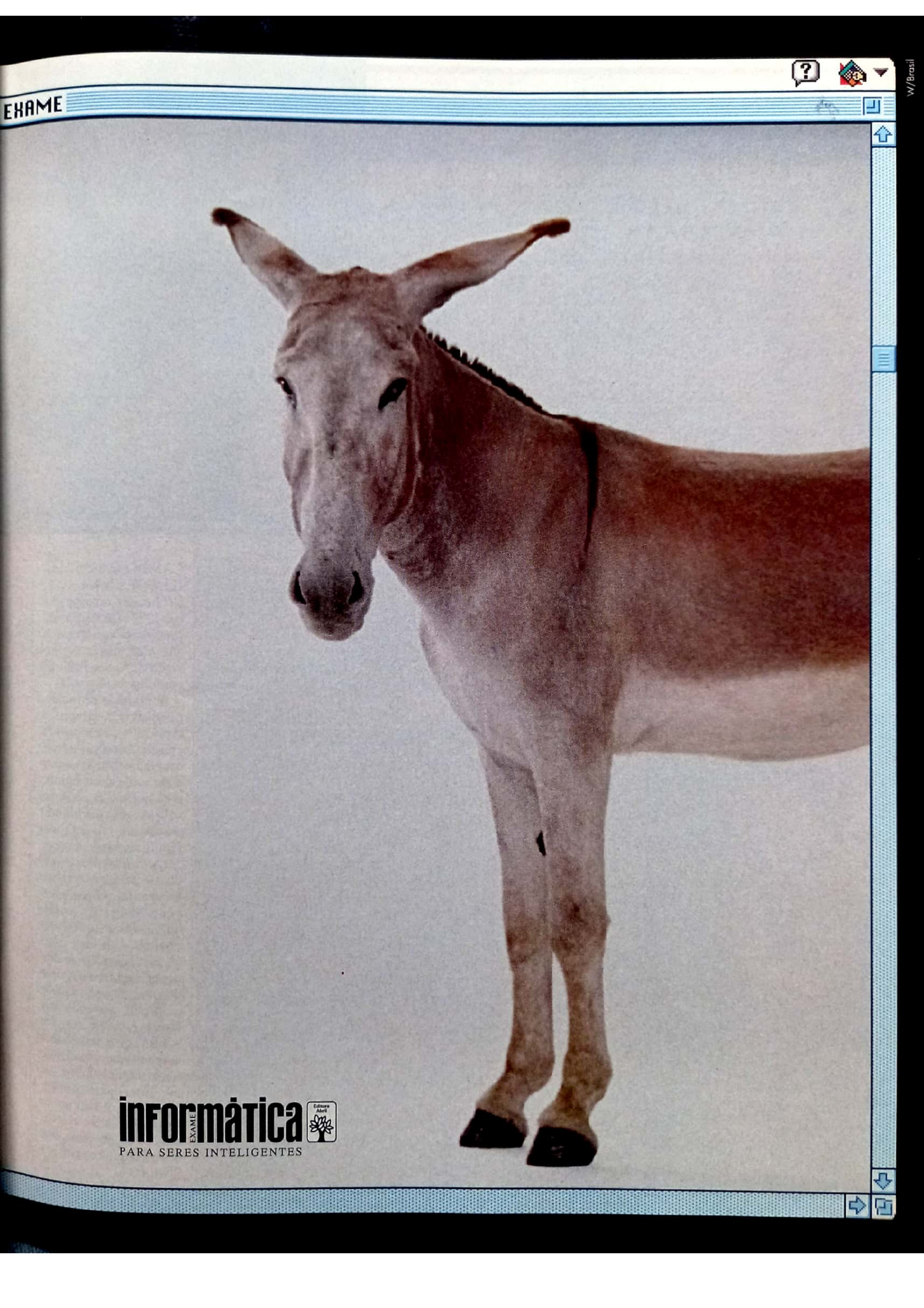
(The Flintstones, EUA, 1994) Direção: Brian Levant. Com John Goodman, Rick Moranis, Elizabeth Perkins, Rosie O'Donnell, Kyle MacLachlan, Halle Berry, Elizabeth Taylor. 91 min. CIC.

DEBORAH PELEIAS

Fred (John Goodman) vibra ao exercitar seu hobby predileto: boliche com pedra

VOCÊ É DO TIPO QUE ABAIXA AS ORELHAS TODA VEZ QUE O ASSUNTO É COMPUTADOR?

LEIA INFORMÁTICA EXAME.



informática EXAME
PARA SERES INTELIGENTES
Editora Abril

DRAMA

FELLINI OITO E MEIO ★★★★★

A arte como um sentido para a vida

Aos 32 anos de idade, *Oito e Meio de Fellini* não foi afetado pela passagem do tempo. Outros filmes de Federico Fellini hoje estão datados. Mas este enorme painel de uma crise artística e pessoal, balanço de toda uma vida, mantem intactos o frescor de sua inventividade, a força das soluções visuais e dramáticas. Impregnado de uma poesia desmesurada, não raro grotesca, o filme nos faz o coração vir à boca a cada seqüência: do claustrofóbico início dentro do túnel, que Woody Allen homenageou em *Memórias* (1980), ao lírico final, em que a ciranda dos palhacinhos, puxada pelo protagonista quando menino, simboliza as pazes feitas com o passado. A cena mostra que, da própria incapacidade em realizá-lo, o filme acabou nascendo – é um final a que a música de Nino Rota dá um realce encantatório.

Uma fantástica galeria de personagens desfila pelo hotel no qual, reunido com sua equipe, o diretor Mastroianni se debate com uma crise de inspiração: técnicos desarvorados; atrizinhas afoitas; um pomposo crítico francês, sátira do pedantismo dos *Cahiers du Cinéma*; o cardeal decrépito, símbolo dos traumas religiosos de Fellini; a espantosa figura da prostituta Saraghina, saída das lembranças do passado; a mulher e a amante, opostas e complementares, ponto nevrálgico da crise emocional do personagem, com raízes profundas nas relações com a mãe, em mal liqüidadas fantasias de infância. Sonhos que têm seu ponto alto na seqüência da revolta no harém, sufocada a chicote ao som da "Cavalgada das Valquírias", materialização das fantasias machistas que todo homem tem dentro de si.

Balanço poético de uma carreira, profunda reflexão sobre a arte como um sentido para a vida, consolidação de uma escrita cinematográfica de tirar o fôlego – câmera inquieta, atores que circulam freneticamente pela imagem, composição de personagens que vai do sublime ao burlesco –, *Oito e Meio* foi o oitavo filme e meio de Fellini (o "meio" é um episódio de *Amori in Città*). E, com *Amarcord*, é o pináculo da obra múltipla desse grande gênio do cinema.

(Otto e Mezzo, Itália, 1963) Direção: Federico Fellini. Com Marcello Mastroianni, Claudia Cardinale, Anouk Aimée, Barbara Steele. 135 min. LK-Tel/Columbia.

LAURO MACHADO COELHO

Mastroianni interpreta um cineasta em crise artística e

TIO VÂNIA EM NOVA YORK ★★★

Louis Malle lê Anton Chekhov através de David Mamet

Louis Malle (*Adeus Meninos*) volta a trabalhar com o ator e dramaturgo Wallace Shawn e o diretor de teatro André Gregory, parceria que marcou o aqui inédito *My Dinner with André* (1981), um teatro filmado com roteiro original escrito pelos atores – uma conversa a dois que leva quase duas horas. Agora Malle se dá exatas duas horas para ousar mais uma vez e colocar sua câmera a serviço de outro registro teatral. E um deveras especial.

Ele filma com economia e distanciamento o diretor Gregory ensaiando – à frente de alguns convidados – a peça *Tio Vânia*, de Anton Chekhov, com o seu grupo de atores (no qual Shawn é justamente Vânia) e num belo teatro em ruínas em Manhattan. Gregory fez ensaios abertos dessa peça entre 1969 e 1992, levando a cabo a sua concepção de arte comunitária. Aqui, Gregory faz de conta que rege, mas é Malle quem conduz o filme em closes e pausas, sendo muito fiel ao texto original, relido de forma necessariamente reduzida, coloquial mas reverente por David Mamet (*Oleanna*). Parece um Mamet puro.

O filme, soma incrível de talentos, complementa-se com o ótimo elenco, no qual se destaca a bela Julianne Moore (*Short Cuts*), que foi a melhor atriz de 1994 segundo os críticos de Nova York. Malle é seco e impiedoso em *timing* e objetividade ao passar o clima de decadência da peça de Chekhov. Uma lenta ode à Arte.

(Vanya on 42nd Street, EUA, 1994) Direção: Louis Malle. Com Wallace Shawn, Julianne Moore, George Gaynes, Brooke Smith, André Gregory. 120 min. Betta.

CHRISTIAN PETERMANN

Betta

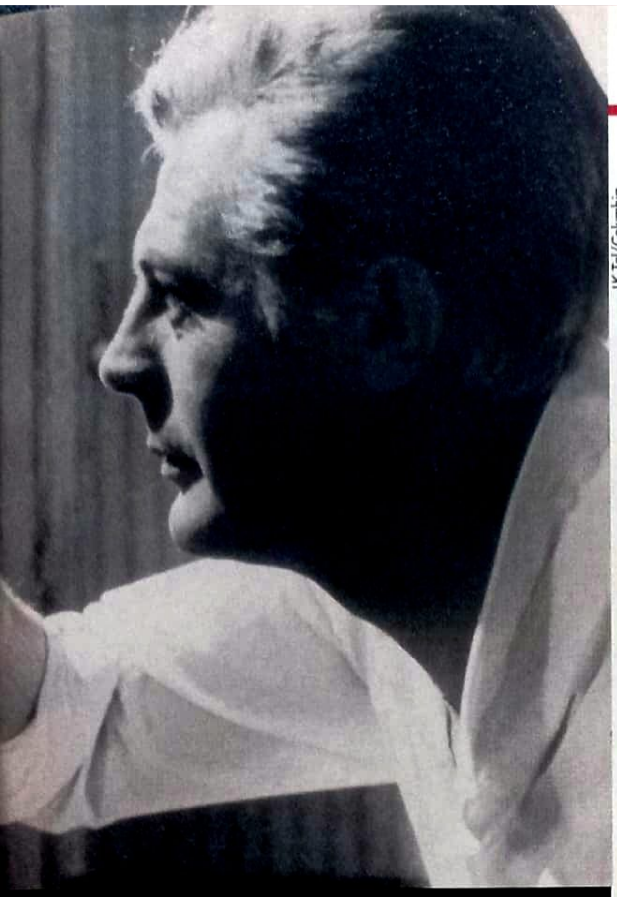
Julianne Moore: talento e beleza

CAMPO DAS ILUSÕES ★★★

(Il Grande Cocomero, Itália, 1993) Direção: Francesca Archibugi. Com Sergio Castellitto, Anna Galiena, Laura Betti. 99 min. Europa/Carat.

A amizade do neuropsiquiatra Dr. Arturo com Pippi, sua paciente cuja epilepsia nervosa é fruto do mau relacionamento dos pais, é um caminho para que ele também resolva seus problemas emocionais. Assim como Pippi tem medo de crescer, o casamento do médico se desfez pois ele foi incapaz de assumir a responsabilidade da vida familiar. O que ambos necessitam é de uma espécie de "talismã" que lhes permita enfrentar o risco de viver, e que é simbolizado pela horta de melancias. O filme de Archibugi é arrastado e um tanto superficial; mas é bem intencionado e, vez ou outra, comovente. Recebeu o David de Donatello (o Oscar italiano) de melhor filme, ator (Castellitto) e roteiro (da diretora).

L.M.C.



UK-Tel/Columbia

pessoal, alter ego de Federico Fellini

O GUARDIÃO DA MONTANHA ★★★★

Pacto estético com o espectador

Há filmes que exigem um pacto com o espectador, um exercício de paciência, atenção e sensibilidade. Filmes cujo prazer pressupõe um olhar livre. Filmes que buscam na radicalização tempo-espacial um envolvimento absoluto com cenário e personagens.

Bastam os quinze minutos iniciais de *O Guardião da Montanha* para afastar de vez o espectador viciado no ritmo *speed* do cinema e da TV descartáveis. Afinal, o diretor Mario Brenta é discípulo direto de Ermanno Olmi (*A Árvore dos Tamancos*), cultor também de tempos largos e generosos, do rosto comum e sem carisma, da ficção gêmea do documentário e da responsabilidade no ato de filmar.

Adaptação livre de um romance de Dino Buzzati, o filme narra a história de Barnabo, guarda fronteiriço de uma região árida e montanhosa da Itália, que é acusado de covardia e omissão ao assistir impotentemente à execução de um colega por contrabandistas. No cenário desolado, a miséria física e existencial de bandidos e vigilantes se confundem.

Quase não há diálogos em *O Guardião da Montanha*. Os atores parecem arraigados ao seu habitat natural e cuidadosamente observados por uma câmera, quase sempre, imóvel. Importa ao realizador a confirmação da exigüidade humana diante da força da natureza em seu estado bruto. Copérnico confrontado.

Um filme especial, cuja beleza pode ser traduzida em equilíbrio, fineza e um obsessivo respeito para com o objeto filmado.

(Barbabo delle Montagne, Itália/França/Suíça, 1994) Direção: Mario Brenta. Com Marco Pauletti, Duilio Fontana, Carlo Caserotti, Alessandra Milan. 124 min. Alpha.

CARLOS REICHENBACH

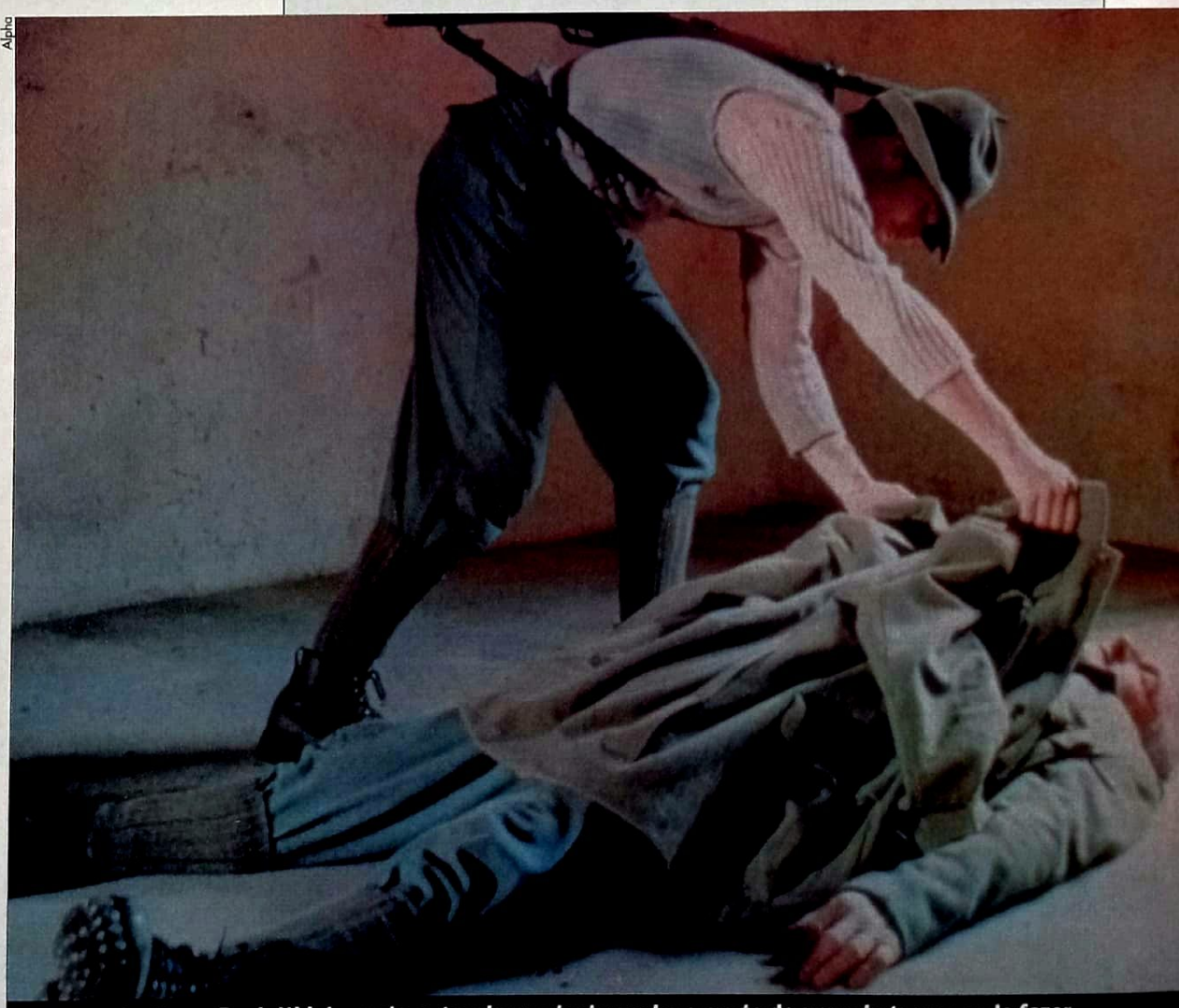
ANGIE ★★

(EUA, 1994) Direção: Martha Coolidge. Com Geena Davis, James Gandolfini, Aida Turturro, Stephen Rea. 105 min. Abril.

Dá para imaginar a esguia e sofisticada Geena Davis (*Thelma e Louise*) no papel de uma histriônica italiana do Brooklin? Nem mesmo com um forçado sotaque macarrônico. Mas ela interpreta Angie, trintona que engravida de um namorado do bairro (Gandolfini) ao mesmo tempo em que se apaixona por um sedutor advogado irlandês (Rea, de *Traídos pelo Desejo*) e tem um filho com problema ósseo. Apesar de tratar de temas caros ao universo feminino, a diretora Martha Coolidge não conseguiu a mesma delicadeza e coerência de *As Noites de Rose* (1991) e produz um dramalhão arrastado, com boas idéias e péssima realização. Indicado mesmo só para os fãs de Geena.

F.G.

Alpha



O estreante Marco Pauletti interpreta o guarda que testemunha a morte de um colega sem nada fazer

Chazz Palminteri: um segundo pai para Brancato

DESAFIO NO BRONX ★★★★

De Niro conta um conto

A estréia de Robert De Niro na direção mostra que ele é do ramo. Em nenhum momento o ator solta os fios da trama ou libera o espetáculo da obrigação de entreter, ao mesmo tempo em que conduz a narrativa sem os artifícios típicos dos estreantes ansiosos. Baseado na peça de Chazz Palminteri (esplêndido no filme, mas fadado a interpretar o eterno gângster que repetiu com nuances em *Tiros sobre Broadway*, de Woody Allen), *Desafio...* é, na verdade, a história de duas paternidades.

No Bronx dos anos 60, onde até andar nas ruas parecia perigoso, um motorista de ônibus (De Niro) tenta manter o filho (interpretado em duas fases pelos estreantes Francis Capra e Lillo Brancato) longe do perigo. Este, por sua vez, é ligado na figura de Sonny (Palminteri), conquistando a amizade do gângster depois que se recusa a testemunhar contra ele. Salta aos olhos o talento de De Niro na direção dos atores, quase todos novatos. Neles se divide a alma do filme, um belo conto sobre as encruzilhadas da vida.

(A Bronx Tale, EUA, 1993). Direção: Robert De Niro. Com Robert De Niro, Chazz Palminteri, Lillo Brancato, Francis Capra, Taral Hicks, Joe Pesci. 122 min. Play Arte.

CADÃO VOLPATO

NARCOS ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Itália/Espanha, 1992) Direção: Giuseppe Ferrara. Com Juan José Pinero, Joel Maldonado, Luis Castillo. 105 min. Europa/Carat.

Se ao falar do tráfico de drogas na Colômbia o italiano Giuseppe Ferrara queria repetir o escândalo provocado por *O Caso Aldo Moro* (86), errou feio na dose. Baseado em fatos verídicos, o filme é uma espécie de *Os Bons Companheiros* ambientado em Medellín (mas rodado na Venezuela). Três jovens trabalham para chefões do submundo colombiano, entre eles Pablo Escobar (fácil de identificar, embora não seja citado nominalmente), até caírem na real. Exceto por uma boa solução visual aqui e ali, as louváveis intenções tropeçam no elenco semi-amador (dublado em inglês!) e em um roteiro primário demais para o contexto que pretende retratar.

SÉRGIO RIZZO

ANNA E O REI DO SIÃO ★★★

(Anna and the King of Siam, EUA, 1946) Direção: John Cromwell. Com Irene Dunne, Rex Harrison, Linda Darnell, Lee J. Cobb. 128 min. Abril/Fox.

Laureado com três Oscar (fotografia, cenografia e direção de arte em preto e branco), o filme envelheceu justamente na ambientação (feita em estúdio com poucas externas) e na atuação afetada de Harrison, estreando em Hollywood. Ele é o rei Mongkut do Sião, que em 1860 manda vir da Inglaterra a viúva Anna Owens (Dunne) para ensinar inglês às suas várias esposas e seus 67 filhos. Extraído do livro de Margaret Landon que em 1956 seria a base do musical *O Rei e Eu*, o roteiro expõe o embate entre o racionalismo ético de Anna e a teimosia injusta do rei sem clichês triunfalistas, mas insiste em soluções graciosas que hoje soam anacrônicas.

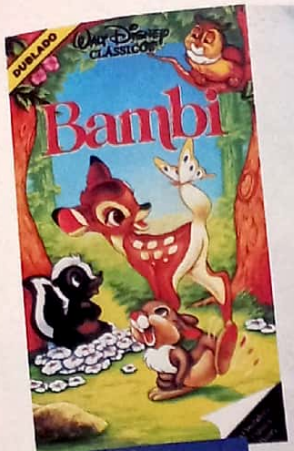
A.S.

O SHEIK ★★

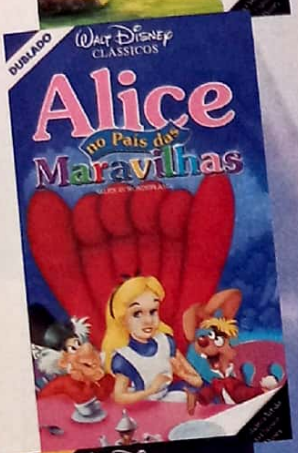
(The Sheik, EUA, 1921) Direção: George Melford. Com Rudolph Valentino, Agnes Ayres, Adolphe Menjou. 80 min. Continental.

Apesar de desgastado pelo tempo, *O Sheik* permite avaliar ou reavaliar o mito Rudolph Valentino (1895/1926), um dos mais populares galãs de Hollywood. É compreensível que as mulheres, desconhecendo então aspectos de sua homossexualidade, ficassem deslumbradas pela sua presença. Esse *latin lover* nascido na Itália era sempre apresentado em climas exóticos como o deste filme, conciliando com astúcia gestos galantes com expressões voluptuosas. É o que faz como Ahmed, o sheik que passa de sedutor a seduzido no caminho de Diana (Ayres), uma inglesa voluntariosa e ousada, que está fazendo turismo. Nessa aventura romântica do cinema mudo (mas com uma trilha musical nem sempre oportuna), só o carisma de Valentino ainda brilha.

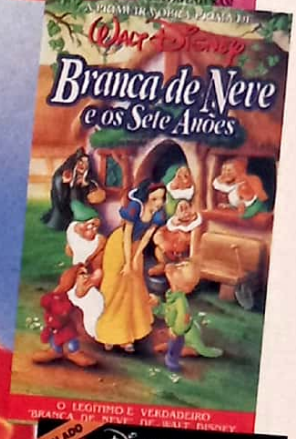
A.S.

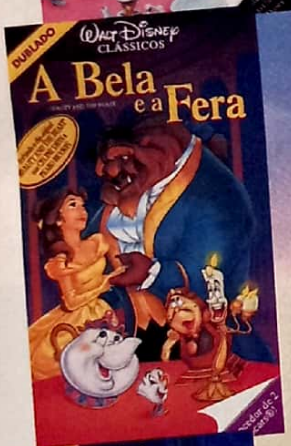


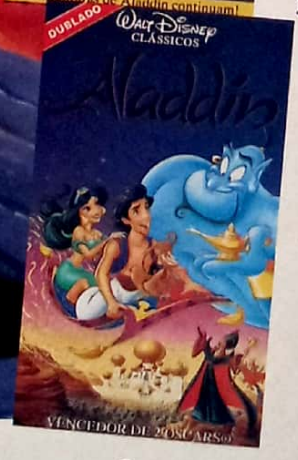
CHEGOU O REI LEÃO DA Disney PARA COROAR SUA COLEÇÃO



Na JOINTVIDEO você encontra a mais nobre e esperada produção da Disney: O Rei Leão. Uma lição de ternura e coragem, um filme que já nasceu coroado de sucesso. Receba, sem demora (*), e fuja da cansativa e muitas vezes frustrante procura de loja em loja. Envie o cupom para a JOINTVIDEO ou peça pelo telefone - ligação gratuita pelo DDG 0800 12 0811. Rápido e fácil e você ainda pode pagar com o seu cartão de crédito.







(*) Entrega gratuita, de moto, para São Paulo e Gde.São Paulo. Para as demais regiões do País, remessas via SEDEX A COBRAR ou débito no cartão de crédito.

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

ST-94

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . AVENTURA . FILME DE ARTE
WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA

FONE: (011)290.0811 - FAX: (011)267.6120
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP

CUPOM DE PEDIDO

☑ SIM, desejo adquirir esta(s) fita(s) de vídeo na(s) quantidade(s) abaixo relacionada(s) por R$ 25,00 cada:

☐ O REI LEÃO ☐ A PEQUENA SEREIA - O PRESENTE DE ARIEL ☐ O RETORNO DE JAFAR ☐ ALADDIN ☐ BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
☐ ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS ☐ A BELA E A FERA ☐ BAMBI ☐ PINÓQUIO Total do pedido ____ fitas/Custo total R$ ____

Forma de pagamento: • Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado

• Cartão de crédito - validade: ___/___/___
☐CREDICARD ☐DINERS ☐ SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS ☐VISA
Nº do Cartão:

SEDEX: ☐Débito automático ☐A cobrar

Nome: _____
R.G.: _____ C.I.C.: _____
End.: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____ Fone: (___)
ASSINATURA _____

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

Videolançamentos

Top Tape

O MAPA DO CORAÇÃO ★★★★

Armadilhas do destino

O diretor Vincent Ward (*Navigator*, *O Intruso*) aprimora seu estilo de grandes e longos planos, nos quais os personagens agem como marionetes de um destino lúdico e implacável, neste romance ambientado nas frias terras do Canadá. Avik (Scott Lee, de *Dragão – A História de Bruce Lee*) é o pequeno esquimó arrancado de sua aldeia por um oficial militar (Bergin) para tratar de uma tuberculose. No hospital, conhece Albertina (Parillaud, de *Nikita*), filha de índios, também em tratamento. Mas a censura cristã da instituição separa os dois.

Rejeitado como um "branco", sem lugar no mundo, Avik torna-se piloto na Segunda Guerra e reencontra a amiga de infância, agora esposa do oficial que lhe salvou. Mas a paixão talhada tem que ser consumida, e os dois se apaixonam. É difícil descrever o código mágico que o casal cria para se comunicar: a cada vôo, Avik usa espelhos e reflexos como sinais para Albertina, num efeito visual estonteante. É nessa arte de criar e interpretar códigos que o ser humano consegue sobreviver às armadilhas do destino. Tanto nos filmes de Vincent Ward como na vida.

(Map of the Human Heart, Canadá/França/Austrália/Inglaterra, 1993) Direção: Vincent Ward. Com Jason Scott Lee, Anne Parillaud, Patrick Bergin, John Cusack, Jeanne Moreau. 126 min. Top Tape.

FÁTIMA GIGLIOTTI

Scott Lee é o herói romântico que cria um belo código para se comunicar com a amada

TEM DIAS DE LUA CHEIA ★★★

(Il y a des Jours... et des Lunes, França, 1992) Direção: Claude Lelouch. Com Gérard Lanvin, Annie Girardot, François Huster, Philippe Léotard. 113 min. Abril/Belas Artes.

É o dia da mudança no horário de verão: pessoas se atrasam, perdem aviões ou compromissos, acidentes acontecem nas estradas. É também noite de lua cheia, que – como diz uma das personagens – tem efeitos imprevisíveis sobre o comportamento humano. E é como se esse dia, tão fora de esquadro, criasse uma brecha através da qual fosse possível observar o descontrole na vida de um vasto grupo de personagens, apresentado em seqüências rápidas e deliberadamente fragmentárias. Casais se desentendem, tensões inúteis vêm à tona, até mesmo um crime acontece de forma gratuita – tudo porque, sem terem tempo de tomar nas mãos as rédeas de seus destinos, os indivíduos sentem-se logrados pela vida que lhes tirou uma hora justo na primavera para só restituí-la no inverno. O dia passa, mas a desolação permanece.

L.M.C.

Warner

Isabella Rossellini transmite a felicidade de ver o marido (Bridges) vivo

SEM MEDO DE VIVER ★★

A transitoriedade da vida

É difícil acreditar que o australiano Peter Weir, diretor de filmes delicados e envolventes como *A Testemunha*, pudesse realizar erros tão abissais em sua carreira. *Sem Medo de Viver* é baseado em romance do roteirista Rafael Yglesias. Conta a história de Max (Bridges), sobrevivente de um acidente aéreo que acredita ter adquirido total imunidade à morte.

Abandona temporariamente a mulher (Rossellini) e se aventura por situações de perigo para testar até onde se estendem os seus "poderes". Vai atrás de Carla (Perez, indicada ao Oscar de atriz coadjuvante), que perdera o filho no mesmo acidente, e com ela acaba vivendo um pequeno romance. Weir tenta envolver o filme em um clima de magia e profunda reflexão sobre a transitoriedade da vida. Não dá certo.

(Fearless, EUA, 1993) Direção: Peter Weir. Com Jeff Bridges, Isabella Rossellini, Rosie Perez, Tom Hulce, John Turturro. 122 min. Warner.

ALESSANDRO GIANNINI

A ESTRADA DE SANTA FÉ ★★★

Personagens históricos

O terceiro filme de Errol Flynn com o diretor Michael Curtiz é um faroeste com figuras históricas e reprodução semificcional de fatos reais, sem tomar partido de uma ou de outra das facções envolvidas, e sim concentrando-se mais em abundantes cenas de ação, de romance e de comicidade.

Flynn interpreta James (Jeb) Stuart, oficial graduado em West Point que, juntamente com o futuro general George Armstrong Custer (Reagan!), persegue o abolicionista John Brown (Massey), cujo fervor antiescravagista esbarrava em métodos violentos beirando o fanatismo. Massey é um ator imponente, de rosto marcante, mas com tendência ao exagero, o que é enfatizado no filme pelos enquadramentos e a iluminação.

As cenas de perseguição e o enforcamento são os pontos altos do filme. A "mocinha" Olivia de Havilland circula na história quase sempre de saia-calça e camisa. O melhor do elenco é o excepcional Van Heflin, como um seguidor de John Brown.

(Santa Fe Trail, EUA, 1940) Direção: Michael Curtiz. Com Errol Flynn, Olivia deHavilland, Ronald Reagan, Raymond Massey, Van Heflin. 110 min. Century.

CARLOS M. MOTTA

Century

Momento épico em Santa Fé: romantismo e fatos reais

OS PISTOLEIROS DO OESTE ★★

(Lonesome Dove, EUA, 1994) Direção: Simon Wincer. Com Robert Duvall, Tommy Lee Jones, Danny Glover, Diane Lane, Robert Urich, Frederic Forrest, Anjelica Huston, D.B. Sweeney, Rick Schroder. 145 min. Betta.

Nada melhor que o mugir incessante das vacas para fazer a gente dormir. Recomendado como sonífero, este épico arrastado sobre a conquista da América pelos rancheiros consegue empanar a reputação de todo bom ator que se meteu nele – e a lista é grande. Duvall e Jones são os xerifes aposentados, muito diferentes entre si, que resolvem levar o gado para onde ele jamais esteve. Enfrentam tempestades de areia, índios e mexicanos, para depois obrigar o espectador a fazer todo o percurso de volta. Forrest (*A Rosa*) interpreta um índio renegado!

C.V.

O PISTOLEIRO MARCADO ★★

(Young Billy Young, EUA, 1969) Direção: Burt Kennedy. Com Robert Mitchum, Angie Dickinson, Robert Walker, David Carradine. 85 min. New Line/Studio T.

Robert Mitchum vive aqui Kane, que vai impor a lei na cidade em que, no passado, viu morrer seu único filho. Movido pela vingança, ele leva um jovem vaqueiro, Billy (Walker, filho de Jennifer Jones e de Robert Walker), ingênuo e trapalhão. É claro que este sai enriquecido dessa convivência com o amadurecido Kane. O filme é convencional, cresce com as intervenções de Angie Dickinson (Lily), mas fica arrastado devido a certo deslumbramento do diretor com os amplos planos externos.

A.S.

Warner

O vulto de Wyatt Earp (Costner, à frente) em cena de grande impacto visual

WYATT EARP ★★★

Faroeste analítico

O Brasil acredita na infalibilidade dos EUA. Quando um filme fracassa por lá, logo corremos atrás de uma explicação para isso. Resultado: o filme é mal lançado, fracassa e todos chegamos à conclusão de que a América novamente tinha razão.

Ora, o que nos interessa em *Wyatt Earp* é exatamente aquilo que desagradará aos norte-americanos: o olhar cruel para o Oeste e seus mitos; a maneira como o grande sonho da colonização se degrada; a relativização do caráter heróico de certos personagens (Wyatt Earp, sobretudo).

Faroeste analítico, *Wyatt Earp* detém-se sobre suas personagens e, mais do que isso, sobre vários momentos da conquista do Oeste. É um olhar questionador lançado tanto à história quanto ao mito. Isso se faz com sensibilidade, clareza e talento (sem falar nos bons atores, Kevin Costner à frente). É um filme para ser reavaliado.

(EUA, 1994) Direção: Lawrence Kasdan. Com Kevin Costner, Dennis Quaid, Gene Hackman, Jeff Fahey, Mark Harmon, Michael Madsen, Catherine O'Hara, Bill Pullman, Isabella Rossellini, Tom Sizemore, JoBeth Williams, Mare Winningham, Annabeth Gish. 195 min. Warner.

INÁCIO ARAUJO

Mundial/Look

Zed (Eric Stoltz) e o inglês pirado (Gary Kemp) dão início ao assalto no banco: tensão e sangue

PARCEIROS DO CRIME ★★★★

Cães parisienses

Parceiros do Crime é o filme de estréia de Roger Avary, ex-companheiro de Quentin Tarantino (aqui apenas co-produtor) numa locadora de vídeos e que trabalhou ao lado do amigo nos argumentos de *Amor à Queima Roupa* e *Tempo de Violência – Pulp Fiction*.

Em *Parceiros*, Eric Stoltz interpreta Zed, *expert* em arrombar cofres, que vai a Paris para ajudar o amigo Eric (Anglade, em grande interpretação), soropositivo, a participar de um assalto a banco. Zed se envolve com a *call girl* Zoe (a gracinha Julie Delpy, de *A Igualdade É Branca*) e descobre que ela trabalha no banco que vai ser pilhado.

Não há como não lembrar de alguns elementos de *Cães de Aluguel*, como o amigo sádico que põe tudo a perder e o banho de sangue que se segue ao assalto. A diferença é que Avary dá preferência ao tratamento visual. Os diálogos são quase pífios se comparados às melhores cenas do filme: os personagens de *Nosferatu* (o clássico filme de Murnau) "participando" da transa entre Stoltz e Delpy, e a noitada em Paris regada a drogas e homossexualismo. Nem a forçada cena final chega a atrapalhar o filme.

Uma dica: repare no inglês da gangue pirado por drogas – é ninguém menos que Gary Kemp, que em remotos tempos brincava de ser *pop star* no grupo Spandau Ballet.

(Killing Zoe, EUA, 1994) Direção: Roger Avary. Com Eric Stoltz, Jean-Hugues Anglade, Julie Delpy, Gary Kemp. 96 min. Mundial/Look.

SÉRGIO MARTINS

PERIGO NO DESERTO ★★

(Indian Wells/Fugitive Nights, EUA, 1993) Direção: Gary Nelson. Com Sam Elliott, Teri Garr. 93 min. 20/20 Vision.

Telefilme com jeito de piloto de série que não vingou. Depois de se aposentar do Departamento de Polícia de Los Angeles, onde trabalhou por mais de vinte anos, uma ex-policial torna-se detetive particular em cidade do interior. No seu primeiro caso – descobrir as infidelidades de um marido bonachão –, ela acaba se envolvendo com o crime internacional e pede a ajuda de um detetive local. O forte dessa produção é também seu principal problema: para explorar o carisma e a combustão entre Sam Elliott e Teri Garr, o filme se concentra demais no relacionamento entre eles e de menos na trama e na ação. Um tédio só.

F.G.

RAPIDINHO NO GATILHO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Lightning Jack, Austrália, 1994) Direção: Simon Wincer. Com Paul Hogan, Cuba Gooding Jr., Beverly D'Angelo, Kamala Dawson, Pat Hingle, Roger Daltrey. 93 min. Abril.

Hogan, o astro de *Crocodilo Dundee* (1986), assina o roteiro e é co-produtor deste faroeste cômico em que interpreta um pistoleiro obcecado por conseguir uma "boa manchete" na imprensa do Velho Oeste. Mas como a rapidez de seus neurônios não corresponde à de seu gatilho, é seu parceiro mudo (Gooding Jr., de *Os Donos da Rua*) quem vai lhe salvar ao mesmo tempo a pele e a fama. Ainda que a dupla produza gags absolutamente previsíveis, é possível se divertir aqui e ali com seqüências em que a espontaneidade do elenco fala mais alto.

S.R.

UM PAI FUJÃO ★★

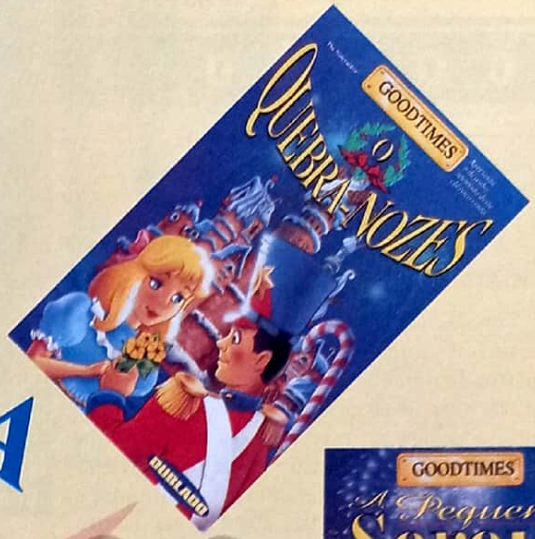
INÉDITO NO CINEMA

(Father Hood, EUA, 1993) Direção: Darrell James Roodt. Com Patrick Swayze, Halle Berry, Michael Ironside, Diane Ladd. 95 min. Abril.

Assim não dá. Mesmo no papel de um assaltante procurado pela polícia – gênero dublê de Elvis, com costeletas longas e cabelo *démodé* – , que abandona os filhos num internato estadual, Swayze (*Ghost*) consegue ser o bom mocinho deste drama *on the road*. É que quando suspeita de maus tratos, ele "seqüestra" os filhos e atravessa o país fugindo da polícia, até aceitar a ajuda de uma jornalista para desmascarar a instituição. O péssimo roteiro não explorou o potencial aventureiro e humano da história, para forçar a barra com o herói sem carisma de Swayze e com diálogos vazios, problemas agravados pela produção sem glamour. Perda de tempo.

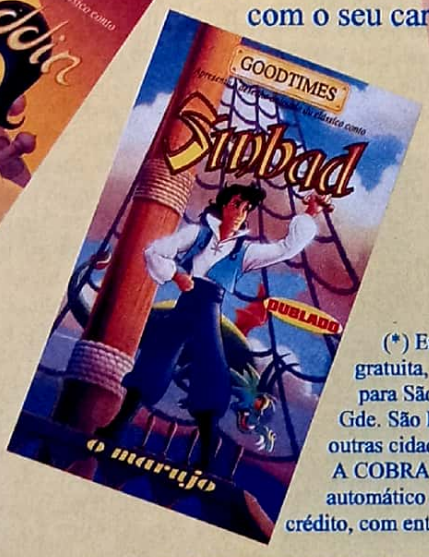
F.G.

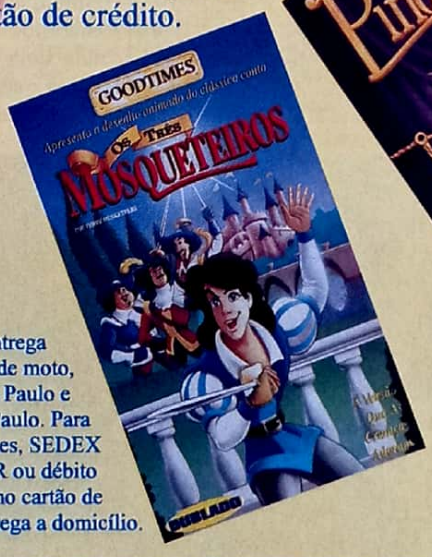
ÊNFASE COMUNICAÇÕES



FITA A R$ 18,00 É BRINCADEIRA?

A JOINTVIDEO tem incríveis produções da Goodtimes a um preço baixo de verdade. É sério. Dá pra realizar o sonho da criançada mais rápido do que você imagina. Preencha o cupom ou faça seu pedido por telefone e receba sem sair de casa (*). Ligações gratuitas pelo DDG 0800 12 0811. Acredite, se puder e pague, se quiser com o seu cartão de crédito.





(*) Entrega gratuita, de moto, para São Paulo e Gde. São Paulo. Para outras cidades, SEDEX A COBRAR ou débito automático no cartão de crédito, com entrega a domicílio.

ST-94

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . ERÓTICO . AVENTURA . FILME DE ARTE
WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA
FONE: (011)290.0811 - FAX: (011)267.6120
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP

CUPOM DE PEDIDO

☑ SIM, desejo adquirir esta(s) fita(s) de vídeo na(s) quantidade(s) abaixo relacionada(s) por R$ 18,00 cada:

☐ LEO - O REI LEÃO ☐ A BELA E A FERA ☐ O QUEBRA NOZES ☐ A POLEGARZINHA ☐ SINBAD - O MARUJO ☐ PINÓQUIO
☐ ALADDIN ☐ OS TRÊS MOSQUETEIROS ☐ A PEQUENA SEREIA Total do pedido ____ fitas/Custo total R$ ____

Forma de pagamento: • Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado

• Cartão de crédito - validade: ___/___/___
☐CREDICARD ☐DINERS ☐SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS ☐VISA
Nº do Cartão: ____

SEDEX: ☐Débito automático ☐A cobrar

Nome: ____
R.G.: ____ C.I.C.: ____
End.: ____
Bairro: ____ Cidade: ____
Estado: ____ CEP: ____ Fone: (____) ____
ASSINATURA ____

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

COMÉDIA

Charles, Flynn Boyle e Baldwin: intimidades entre amigos que buscam o amor e o riso

TRÊS FORMAS DE AMAR ★★★

Sexualidade em cima do muro

Três Formas de Amar sugere um triângulo estudantil forçado (por ficarem no mesmo quarto de república) entre um nerd machista e crescido com esteróides (Stephen Baldwin), um homossexual indeciso e enrustido (Josh Charles, que contracenou com Baldwin em *Cruzando a Fronteira*) e uma estudante insegura de nome ambíguo, Alex (Lara Flynn Boyle, de *Twin Peaks*, que surpreendentemente é quem se sai melhor). Por se tratar de um filme *teen*, elogia-se o alto astral com que o diretor conduz a história. É uma obra que seduz com facilidade o espectador médio por inclusive não transgredir o código vigente. O clímax físico, um interlúdio a três perto do final, é plasticamente belo e pudico.

Mas se a trilha pop (New Order, Duran Duran, U2, Bryan Ferry e outros) dá aquela injeção digerível de ritmo MTV, o roteiro na verdade mais sugere do que mostra, mais discute do que resolve. Em cima do muro, assim como o personagem homossexual, o filme defende o "cada um por si" como forma de se satisfazer pessoalmente. E o roteiro do estreante Andrew Fleming é por vezes pretensioso (cita *Uma Mulher para Dois*, de François Truffaut), ridículo (quando o gay tenta seduzir o amigo) ou caricato (o outro gay interpretado por Alexis Arquette, irmão de Rosanna e Patricia, assumido). A controvérsia está colocada: entretenimento eficiente, ideologia quase reacionária.

(Threesome, EUA, 1994) Direção: Andrew Fleming. Com Josh Charles, Stephen Baldwin, Lara Flynn Boyle, Alexis Arquette. 93 min. LK-Tel/Columbia.

CHRISTIAN PETERMANN

O LADRÃO DE MILAGRES ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Le Miraculé, França, 1987) Direção: Jean-Pierre Mocky. Com Michel Serrault, Jean Poiret, Jeanne Moreau. 85 min. Cannes.

A exploração comercial do sentimento religioso é o tema desta sátira de Jean-Pierre Mocky. Para o santuário de Lourdes, descrito como um mafuá em que até a confissão pode ser feita em cabines eletrônicas, convergem os patifes mais variados. De um lado, o trambiqueiro Papu que, tendo sido atropelado, simula uma paralisia para ganhar o seguro, mas faz a romaria para fingir uma cura milagrosa que lhe renda mais uns trocados. Do outro, o dono da agência de seguros, que tenta desmascarar seu embuste. Entre eles, o representante da prefeitura de Lourdes, que precisa de um novo milagre, mesmo falso, para reativar a decrescente popularidade do lugar de peregrinação. Como todo filme feito de pequenas gags em rápida sucessão, *O Ladrão de Milagres* tem nível desigual de inspiração e um ritmo nem sempre homogêneo. É bem-sucedido, porém, quando apela para um tom surrealista que frisa convenientemente o caráter iconoclasta da denúncia que faz.

L.M.C.

New Line

Forqué rouba o espetáculo como a atriz que se apaixona pelo sedutor Sanz

POR QUE CHAMAM AMOR QUANDO QUEREM DIZER SEXO? ★★★

Kika é estrela de um *peep show*

INÉDITO NO CINEMA

É incrível como o cinema espanhol ficou marcado pela figura de Pedro Almodóvar. Esta comédia romântica dirigida e co-escrita por Manuel Gomez Pereira bebe direto na fonte estética do diretor, assim como também compartilha o seu humor marginal e negro. Mesmo sendo anterior, a presença da atriz Veronica Forqué nos leva a lembrar um pouco de *Kika*, último filme de Almodóvar. O filme de Pereira não é tão ácido e delirante, mergulha fundo num romantismo quase de Cinderela, mas é brega e canastrão o bastante para conquistar o fã almodovariano.

Forqué ilumina o filme e o tira de todas as escorregadas melodramáticas com um personagem encantador, humano e grande. É agridoce demais acompanhar a vida de uma atriz pornô, Gloria, que se especializou há muitos anos em performances em *peep shows* e que vê seu mundo desmoronar e ficar pequeno ao se apaixonar por seu novo e jovem *partner* (Jorge Sanz, de *Os Amantes* e *Sedução*), que se descobre ser filho de pessoas influentes. Forqué faz o espectador abstrair o fato de ser um filme um tanto esquemático e previsível, para conduzir a emoção da trama até um final que pode mexer com os mais românticos. Como Kika ou como Gloria, ela é um excelente motivo para se alugar uma fita.

(¿Por que lo llaman amor cuando quieren decir sexo?, Espanha, 1993) Direção: Manuel Gomez Pereira. Com Veronica Forqué, Jorge Sanz, Rosa Maria Sarda, Fernando Guillén, Fernando Valverde. 108 min. New Line.

CHRISTIAN PETERMANN

LK-Tel/Columbia

DISPOSTO A TUDO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(I'll Do Anything, EUA, 1994) Direção: James L. Brooks. Com Nick Nolte, Albert Brooks, Julie Kavner, Joely Richardson, Tracey Ullman, Whitni Wright, Rosie O'Donnell, Woody Harrelson. 115 min. LK-Tel/Columbia.

Se ainda não tivesse seu lugar na história de Hollywood pelos cinco Oscar de *Laços de Ternura* (1983), o diretor e produtor James L. Brooks mereceria conquistá-lo pela condição *sui generis* de *Disposto a Tudo*. Superprodução rodada como um musical, o filme teve todas as seqüências musicais retiradas da versão final depois da má recepção do público em exibições-teste. Assistir ao resultado da cirurgia equivale a ouvir um disco de vinil tocado num aparelho de agulha defeituosa. Nolte faz um ator fracassado que, com a prisão da ex-mulher (Ullman), assume a guarda da filha de 6 anos (a estreante Wright). Motorista de um produtor (Brooks), cai nas graças de uma executiva do estúdio (Richardson), que tenta colocá-lo numa refilmagem de *O Galante Mr. Deeds* (1936), de Frank Capra. Do naufrágio, sobrevive apenas Julie Kavner, como a amante e braço direito de Brooks.

S.R.

Continental

GOLPE DE TIRAS ★★★★

(Les Ripoux, França, 1984) Direção: Claude Zidi. Com Philippe Noiret, Thierry Lhermitte, Regine. 110 min. Alpha.

O inspetor René Boisrond (Philippe Noiret em performance de muita verve) não é exatamente um policial corrupto, como faz crer o título original de *Golpe de Tiras*, saborosa comédia policial que muitos indicam como o melhor filme do diretor francês Claude Zidi. Um policial provinciano e ingênuo (Lhermitte) chega a Paris e é iniciado nas artes e manhas pelo velho *bon vivant*. Choque entre teoria e prática: o discípulo irá superar o mestre? O roteiro do diretor aborda com sagacidade a questão da ética na polícia. Excelentes gags verbais. Hilariante a seqüência em que os policiais são perseguidos por bandidos.

Jairo Ferreira

LK-Tel/Columbia

Mr. Saturday Night (Crystal) em um cassino de Las Vegas: início de carreira

MR. SATURDAY NIGHT – A ARTE DE FAZER RIR ★★★ EM BUSCA DO OURO PERDIDO ★★

Billy Crystal em dose dupla

De uns tempos para cá, os filmes com Billy Crystal se tornaram veículo para que ele desfilasse sua verve cômica – às vezes, chegando a uma overdose incômoda. Apesar disso, é impossível não cair na gargalhada com a avalanche de bobagens que saem de sua boca em *Mr. Saturday Night*, a estréia de Crystal na direção, que conta a ascensão e queda de um humorista cujo maior inimigo é ele próprio. Apesar de engraçado, Crystal, que também é produtor e co-roteirista, exagera nos momentos de "encontro com a verdade", um verdadeiro balde de água fria.

A mesma coisa se repete na seqüência de *Amigos, Sempre Amigos* (1991): Crystal insiste em dar uma moral à história, na qual Mitch (seu personagem) encontra um mapa de um tesouro escondido dentro do chapéu que herdou de Curly no primeiro filme. A partir deste gancho, mostra como o sonho infantil de encontrar um tesouro, e sua conseqüente aventura, pode engrandecer a amizade entre as pessoas. Esquecendo-se desses aspectos, até que dá para se divertir com estas duas fitas.

(Mr. Saturday Night, EUA, 1992) Direção: Billy Crystal. Com Crystal, David Paymer, Julie Warner, Helen Hunt, Jerry Orbach, Ron Silver, Jerry Lewis. 119 min. Paris.
(City Slickers II: The Legend of Curly's Gold, EUA, 1994) Direção: Paul Weiland. Com Billy Crystal, Daniel Stern, Jon Lovitz, Jack Palance, David Paymer. 116 min. LK-Tel/Columbia.

Deborah Peleias

OS IRMÃOS MARX NO CIRCO ★★★

Momentos divertidos em meio à música

Quando rodaram este *No Circo*, os irmãos Groucho, Harpo e Chico Marx já haviam deixado para trás os melhores momentos de sua carreira cinematográfica – pela ordem, *Duck Soup* (1933), o último filme na Paramount, e *Uma Noite na Ópera* (1935), a primeira fita na MGM. O pique dos irmãos já havia a esta altura sofrido um considerável declínio, assim como sua paciência para com a lentidão dos sets de filmagem. O resultado é que os três deixam uma boa porcentagem das cenas a cargo do talento discutível de seus coadjuvantes e de números musicais carentes de charme.

Ainda assim, há o que ver aqui, como a interpretação picante que Groucho, quase aos 50 anos, faz da canção "Lydia the Tattooed Lady". Ou o velocíssimo esquete em que Chico e Harpo tentam vasculhar o quarto do gigante do circo sem que este acorde. Ou ainda um dos inúmeros duelos interpretativos que Groucho e a matrona Margareth Dumont travaram nas telas. São os momentos que fazem valer esta historinha banal de um advogado picareta que tenta salvar um circo da bancarrota. Sem contar, é claro, a diversão adicional proporcionada pelas bizarras legendas confeccionadas em Portugal.

(The Marx Brothers At the Circus, EUA, 1939) Direção: Edward Buzzel. Com Groucho, Harpo e Chico Marx, Margareth Dumont. 87 min. Continental.

Isabela Boscov

Os irmãos Chico e Harpo (sem Groucho): caras, penas e anarquia

OS CABEÇAS-DE-VENTO ★★★

Nerds obcecados por rock

Os fãs do filme *Atração Mortal* (1989), com Winona Ryder, Christian Slater e Shannon Doherty (!) – só lançado em vídeo por aqui –, aguardam desde então um novo, excitante e cínico filme do então estreante Michael Lehmann para manter a chama viva. Depois veio o inédito *Meet the Applegates* (1991), sobre besouros brasileiros que se transformam em suburbanos norte-americanos (!). Pelo que se diz, meia boca. E *Hudson Hawk* (1991), aventura cômica com Bruce Willis e Andie MacDowell, por vezes engraçada, histérica e/ou épica e que foi um dos maiores fracassos de bilheteria dos últimos anos.

Para os antenados, *Os Cabeças-de-Vento* poderia ser o final da espera. Grupo anônimo de rock invade uma estação de rádio para que esta toque sua fita demo. Tudo dá errado, mobilizando a polícia da cidade. Mesmo depois de uma interminável onda de comédias rock'n'roll, como *Bill & Ted* e *Quanto Mais Idiota Melhor*, Lehmann poderia ter explorado muito bem a "nerdice" da coisa.

Consegue bons momentos, principalmente nas mãos de Steve Buscemi (*Cães de Aluguel*) e Adam Sandler, mas desmorona na idiotia com o "*Homem da Califórnia*" Brendan Fraser e Joe Mantegna antecipando mal o pastelão que ele assumiria em *Ninguém Segura Este Bebê*, aqui como um DJ alternativo. No geral, vale arriscar. Pelo menos a trilha inclui Aerosmith, Motorhead (com ponta do vocalista Lemmy), Primal Scream, The Ramones, 4 Non Blondes, Ice T. e outros.

(Airheads, EUA, 1994) Direção: Michael Lehmann. Com Brendan Fraser, Steve Buscemi, Adam Sandler, Joe Mantegna, Michael McKean, Judd Nelson, Amy Locane, Nina Siemaszko. 92 min. Abril/Fox.

CHRISTIAN PETERMANN

Abril/Fox

Buscemi, Sandler (de capa) e Fraser: três idiotas no rock capitalista

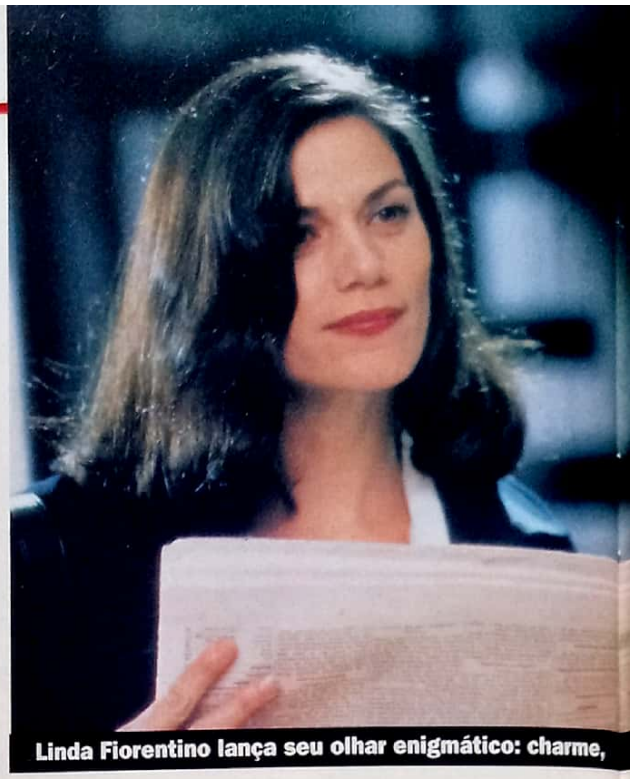
MEMÓRIA CURTA ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Clean Slate, EUA, 1994) Direção: Mick Jackson. Com Dana Carvey, Valeria Golino, James Earl Jones, Kevin Pollak, Olivia D'Abo. 107 min. Warner.

Era para Dana Carvey (a metade loira da dupla de *Quanto Mais Idiota Melhor*) ser o astro desta comédia. Na prática, porém, ele tem que dividir os modestos louros do filme com o cão Barkley, vítima de um problema de visão que faz com que ele erre constantemente seus alvos, sejam eles os vilões ou um prato de ração. Mas a fita do diretor de *O Guarda-Costas* tem seus momentos. Carvey é um detetive particular que entra em estado de amnésia sempre que vai dormir. A cada manhã, portanto, ele tem que achar novamente o fio da meada da trama de roubo, assassinato e romance (com a bela Valeria Golino, de *Top Gang!*) em que está metido. Em suma: um primo pobre, mas simpático, de *Feitiço do Tempo*.

I.B.



Linda Fiorentino lança seu olhar enigmático: charme,

SUSPENSE

MEIA NOITE E UM ★★★

(12:01, EUA, 1993) Direção: Jack Sholder. Com Jonathan Silverman, Helen Slater, Martin Landau, Robin Bartlett. 94 min. Cannes.

Como em *Feitiço do Tempo* (1993), aqui também o dia anterior se repete. Mas em vez das ilações existenciais daquela comédia com Bill Murray, neste telefilme temos tensão, romantismo e também humor nas observações do cotidiano. Barry (Silverman, de *Um Morto Muito Louco*) sabe dos testes que o dr. Moxley (Landau, sempre magnífico) faz com a teoria do tempo circular. Mas só constata que a experiência virou realidade no dia seguinte ao dos tiros mortais disparados contra a dra. Lisa (Slater, irmã de Christian). Todos ignoram o crime, inclusive a própria doutora, que permanece viva. A luta do desajeitado herói contra essa repetição inexorável é exposta com riqueza de detalhes e uma agilidade que fazem do filme um empolgante entretenimento. Parte de um curta homônimo de Richard Lupoff, de 1990, que chegou a ser indicado ao Oscar.

A.S.

DEPOIS DA ESCURIDÃO ★

INÉDITO NO CINEMA

(After Darkness, Inglaterra/Suíça, 1985) Direção: Dominique Othenin-Girard, Sergio Guerral. Com John Hurt, Julian Sands, Victoria Abril. 107 min. New Line.

A ausência de equilíbrio não é característica apenas dos personagens, mas também da direção, desconexa e responsável por uma frieza nada útil para a clareza desta trama repleta de clichês psicanalíticos. O tema central é a loucura de Lawrence (Sands, de *Warlock*), decorrente de certa recordação da infância envolvendo seu irmão gêmeo. Internado num sanatório, ganha a liberdade graças a seu irmão mais velho, Peter (Hurt, de *Alien*). O rumo bizarro dado ao relacionamento dos dois não surpreende, e o filme também não ganha em erotismo ou dramaticidade com a intrusa Pascale (Abril, de *Kika*), apesar do empenho da intérprete.

A.S.

Alpha

sedução e muito perigo

O PODER DA SEDUÇÃO ★★★★

A mais antiga das armas

Linda Fiorentino é a mais perfeita tradução da *femme fatale* que os anos 90 poderiam esperar neste terceiro *noir* do diretor John Dahl (de *Mate-me Outra Vez* e *Red Rock West – Morte por Encomenda*, lançado apenas em vídeo). Não se deve esperar grande coisa de um *noir* moderno – ensinam as últimas tentativas –, pois a artificialidade e a inverossimilhança parecem ser atributos desses novos filmes (vide *O Sangue de Romeu*). Mas Dahl dá novo fôlego ao gênero, investindo no que a revista inglesa *Sight and Sound* chama de *grunge noir*.

Raramente se viu no cinema uma mulher tão sem pudor, tão amoral, tão sexy e tão francamente grosseira quanto a personagem de Fiorentino (*Depois de Horas*), que dá o golpe no marido, seduz um interiorano e faz com que ele tome parte num crime. Tudo isso usando a mais antiga arma feminina de que se tem notícia, no filme *noir* mais cínico e divertido dos últimos anos. Nasce uma estrela.

(The Last Seduction, EUA, 1994) Direção: John Dahl. Com Linda Fiorentino, Peter Berg, Bill Pullman, J.T. Walsh, Bill Nunn. 110 min. Alpha.

CADÃO VOLPATO

O CORAÇÃO DA JUSTIÇA ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(The Heart of Justice, EUA, 1993) Direção: Bruno Barreto. Com Eric Stoltz, Dermot Mulroney, Jennifer Connelly, Dennis Hopper, Bradford Dillman, William H. Macy, Vincent Price. 100 min. Alphaview.

Leitores de Paul Auster encontrarão ecos do escritor de *Leviatã* e *Trilogia de Nova York* neste envolvente filme para a TV a cabo – nova-iorquino, bem a propósito – roteirizado pelo também ator Keith Reddin e co-produzido pela Amblin Television, de Spielberg, para uma série baseada em roteiros selecionados pelo próprio cineasta. Sem motivo aparente, um jovem (Mulroney) mata um escritor de best-sellers (Hopper) e em seguida se suicida. Um repórter (Stoltz) esbarra no muro de silêncio erguido pela família do assassino, mas consegue se aproximar de sua irmã (Connelly). Além de dar ao roteiro engenhoso um tratamento visual sedutor, o diretor Bruno Barreto tira o melhor proveito de seu elenco (sua mulher Amy Irving, ex-Spielberg, tem uma ponta não creditada) e, como trunfo, oferece duas rápidas seqüências com Vincent Price, em sua última aparição nas telas. É o charme extra de um filme que nem precisaria disso para se impor como um passatempo honestíssimo.

S.R.

O CORVO ★★★

História em quadrinhos dark

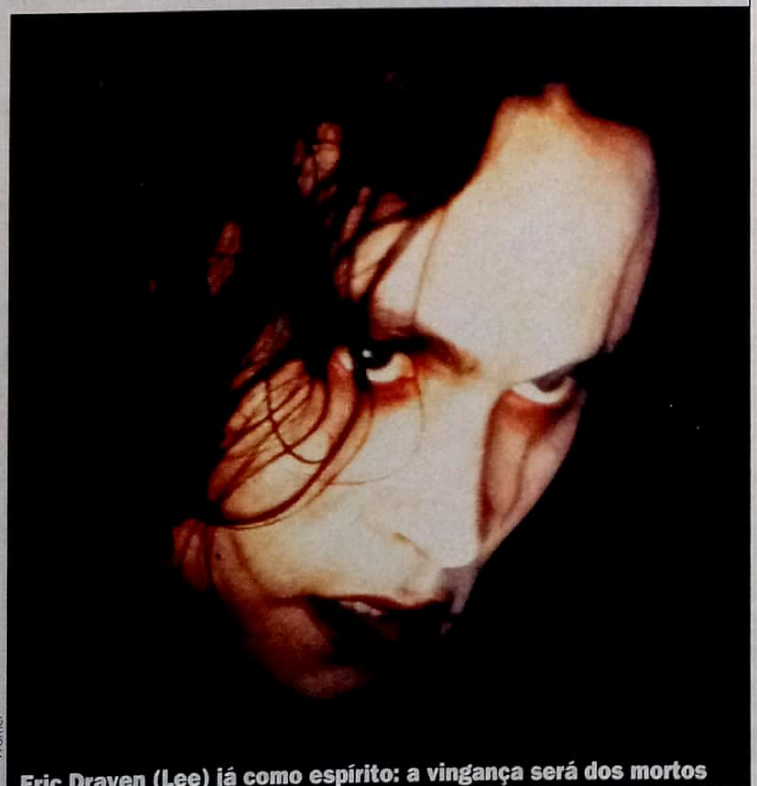
O último filme do então futuro astro Brandon Lee, *O Corvo*, foi visto com olhos morbidamente curiosos, por ter ocorrido durante suas filmagens o tiro fatal que vitimou o filho de Bruce Lee, o maior nome das artes marciais em película. Depois de *Massacre no Bairro Japonês* (1991), ao lado de Dolph Lundgren, e *Rajada de Fogo* (1992), solo, Brandon poderia ter se consagrado com este terror gótico.

Baseado numa história em quadrinhos de James O'Barr, o roteiro contém arrepios e clima suficientes para seduzir o espectador. Numa Noite das Bruxas, quatro punks matam um famoso guitarrista de rock, Eric Draven (Lee), e estupram e deixam para morrer sua noiva, Shelly (Sofia Shinas), com a intenção original de apenas retirá-los de um apartamento alugado. Um ano depois, o espírito de Draven, levado por um corvo, ressurge para se vingar. A história, porém, acaba sendo levada de forma caricata e simplista, em boa parte porque a equipe teve de contornar o fato de Lee não ter gravado algumas cenas importantes impossíveis de serem feitas com dublê.

Mesmo cartunesco demais, não se pode negar que o diretor Alex Proyas se esbaldou com a ambiência absolutamente dark e, despreocupado com o fato de o espectador muitas vezes lembrar de *Batman*, de Tim Burton, deixou claro que gosta desta estética e muitas vezes se entrega seduzido à trilha, com Cure, Helmet, Jesus and Mary Chain e Nine Inch Nails, entre outros, este último fazendo *cover* do Joy Division. Quem gosta, vai ter orgasmos.

(The Crow, EUA, 1994) Direção: Alex Proyas. Com Brandon Lee, Michael Wincott, Ernie Hudson, David Patrick Kelly, Tony Todd, Jon Polito. 101 min. Warner.

CHRISTIAN PETERMANN



Warner

Eric Draven (Lee) já como espírito: a vingança será dos mortos

PAIXÃO ASSASSINA ★★

(Mother's Boys, EUA, 1993) Direção: Yves Simoneau. Com Jamie Lee Curtis, Peter Gallagher, Joanne Whalley-Kilmer, Vanessa Redgrave, Joss Ackland. 95 min. Vídeo Arte.

Há algum clima de suspense em *Paixão Assassina*, mas trata-se antes de mais nada de um drama psicológico. A trama lembra o filme francês *6 Dias, 6 Noites*, de Diane Kurys: mulher algo psicopata abandona o marido e os filhos, mas retorna e tenta a reintegração familiar. O diretor Yves Simoneau tenta estilizar a narrativa, mas perde-se em virtuosismos estéreis. Parece saber que o roteiro é frágil, cheio de clichês. Seu último recurso é preservar as atuações de Jamie Lee Curtis (filha de Janet Leigh e Tony Curtis) e Vanessa Redgrave, que estão muito bem. Peter Gallagher (o marido) e Joanne Whalley-Kilmer (a nova namorada) deixam a desejar.

J.F.

Meg Ryan apega-se a Dennis Quaid: união de dois solitários fugindo do passado

CIC

A FORÇA DE UM PASSADO ★★★

Desajustados no deserto texano

INÉDITO NO CINEMA

Em algum lugar do Texas, nos anos 50, uma família dá guarida a um menino que diz estar perdido. Durante a noite, porém, o garoto traz para dentro da casa seu pai, um assaltante, que extermina quase toda a família quando seu roubo dá errado. Com um prólogo tenso como este, sem música, construído desde a primeira cena sobre os atores, *Flesh and Bone* se anuncia como um filmão.

Mas essa expectativa se reduz no decorrer da trama, que retoma seus personagens duas décadas depois, já com suas vidas distorcidas pelo grotesco episódio inicial. Dennis Quaid, numa boa interpretação, é um lobo solitário que vive pelas estradas ganhando a vida honestamente. Meg Ryan, apesar de seu casamento fracassado e de suas escassas perspectivas, é uma loirinha esfuziante que gruda no rapaz atrás de algum conforto moral e material.

É claro que aqui não estão em jogo somente personalidades opostas, perdidas na vida e nos infinitos vazios do Texas. Antes mesmo que o casal se dê conta disso, o espectador sabe que os dois estão unidos também por uma coincidência nefasta, que tomará rumos terríveis com a volta à cena do velho assaltante (James Caan).

Daria para fazer algo à altura de *Os Desajustados*, o sombrio filme de John Huston. Mas o diretor e roteirista Steve Kloves (*Susie e os Baker Boys*) não soube entrar na pele dos protagonistas e buscar a dimensão exata de sua amargura. Faltou cruzar aquela linha que separa o drama da tragédia.

(Flesh and Bone, EUA, 1993) Direção: Steve Kloves. Com Dennis Quaid, Meg Ryan, James Caan, Gwyneth Paltrow, Scott Wilson, Christopher Rydell. 125 min. CIC.

ISABELA BOSCOV

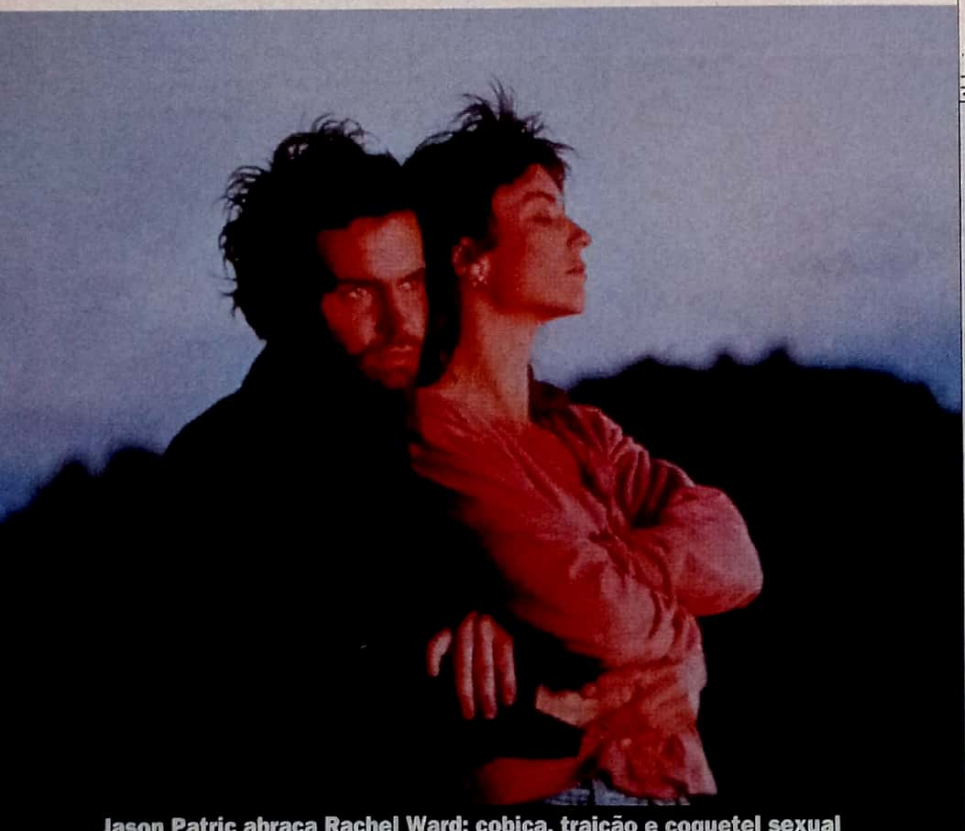
DOMINADA PELO ÓDIO ★★

(Getting Out, EUA, 1994). Direção: John Korty. Com Rebecca DeMornay, Ellen Burstyn. 120 min. Betta.

Cena um: Rebecca DeMornay, grávida de nove meses, corre na mata e pede carona à beira de uma estrada. É para rir? Não, este telefilme quer fazer chorar, apesar de o roteiro não ter clímax. Arlene (DeMornay) passa oito anos na prisão sem que o motivo seja explicitado, dá o filho para a mãe criar e, quando sai da cadeia, descobre que a criança foi adotada por uma família desconhecida. O filme não questiona os personagens, só faz estardalhaço com emoções baratas. Parte de uma peça de Marsha Norman, a mesma de *Noite de Desamor*, levado às telas com Sissy Spacek e Anne Bancroft.

CESAR GARCIA LIMA

Alphaview



Jason Patric abraça Rachel Ward: cobiça, traição e coquetel sexual

DOMINADOS PELO DESEJO ★★★

INÉDITO NO CINEMA

Parábola *noir* honesta

Jim Thompson escreveu, em 1955, o romance *After Dark, My Sweet* seguindo os padrões clássicos do gênero *noir*. Melhor ainda, seguindo seus próprios padrões clássicos, em que a derrota vulnerabiliza seus personagens e abre seus flancos para a cobiça e a perdição, geralmente servidas num coquetel sexual.

Um diretor competente como James Foley (*Caminhos Violentos*) conseguiu carregar de sutileza as relações perigosas entre um ex-boxeador (Patric) que abandona o esporte depois de matar um oponente, uma viúva sensual (Ward) e um ex-detetive (Dern), envolvidos no seqüestro de um garoto.

Nas mãos de outro, Rachel Ward seria a mais óbvia das *femme fatales* e Jason Patric faria um vagabundo inverossímil. Assim como está, *Dominados pelo Desejo* é uma parábola *noir* bastante honesta sobre o pecado e a redenção.

(After Dark, My Sweet, EUA, 1990) Direção: James Foley. Com Jason Patric, Rachel Ward, Bruce Dern, George Dickerson, James Cotton. 114 min. Alphaview.

CADÃO VOLPATO

ESTÁ CHEGANDO...
Pizza Hut
Apresenta
MACAULAY CULKIN
Pagemaster
O Mestre da Fantasia
CHRISTOPHER LLOYD
Todas as aventuras que você puder imaginar.
Com as vozes de
WHOOPI GOLDBERG
★
PATRICK STEWART
★
FRANK WELKER
★
LEONARD NIMOY
Nas locadoras a partir de 16 de maio
TURNER PICTURES WORLDWIDE DISTRIBUTION, INC.
CANNES
HOME VIDEO

Videolançamentos

Warner

Reggie (Sarandon) exercita sua maternidade mal resolvida com o garoto Brad Renfro

O CLIENTE ★★★

Best-seller original

As tramas extraídas dos best-sellers de John Grisham (*A Firma*, *O Dossiê Pelicano*) são movimentadas, oferecem aspectos originais, mas acabam tendo soluções fáceis e nem sempre convincentes. *O Cliente*, que foi baseado em romance seu, tem esse defeito, principalmente naquele embate na mansão abandonada. Mesmo assim, o filme prende a atenção, não só pela armação da história, mas principalmente devido ao vigor de Schumacher, que tanto se sai bem fazendo suspense (*Linha Mortal*) quanto em conflitos existenciais (*O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas*).

A força da direção é patente já na primeira seqüência (a tentativa de suicídio de um mafioso), um impressionante ponto de partida para a saga de um menino (Renfro) que apenas desejava fumar um cigarro na companhia do irmão menor. Daí em diante, ele se vê em violento esconde-esconde valorizado pela extraordinária Susan Sarandon como a amarga e destemida advogada Reggie.

(The Client, EUA, 1994) Direção: Joel Schumacher. Com Susan Sarandon, Tommy Lee Jones, Brad Renfro, Mary-Louise Parker, Anthony LaPaglia, Ossie Davis, J.T. Walsh, Will Patton, William H. Macy. 122 min. Warner.

ALFREDO STERNHEIM

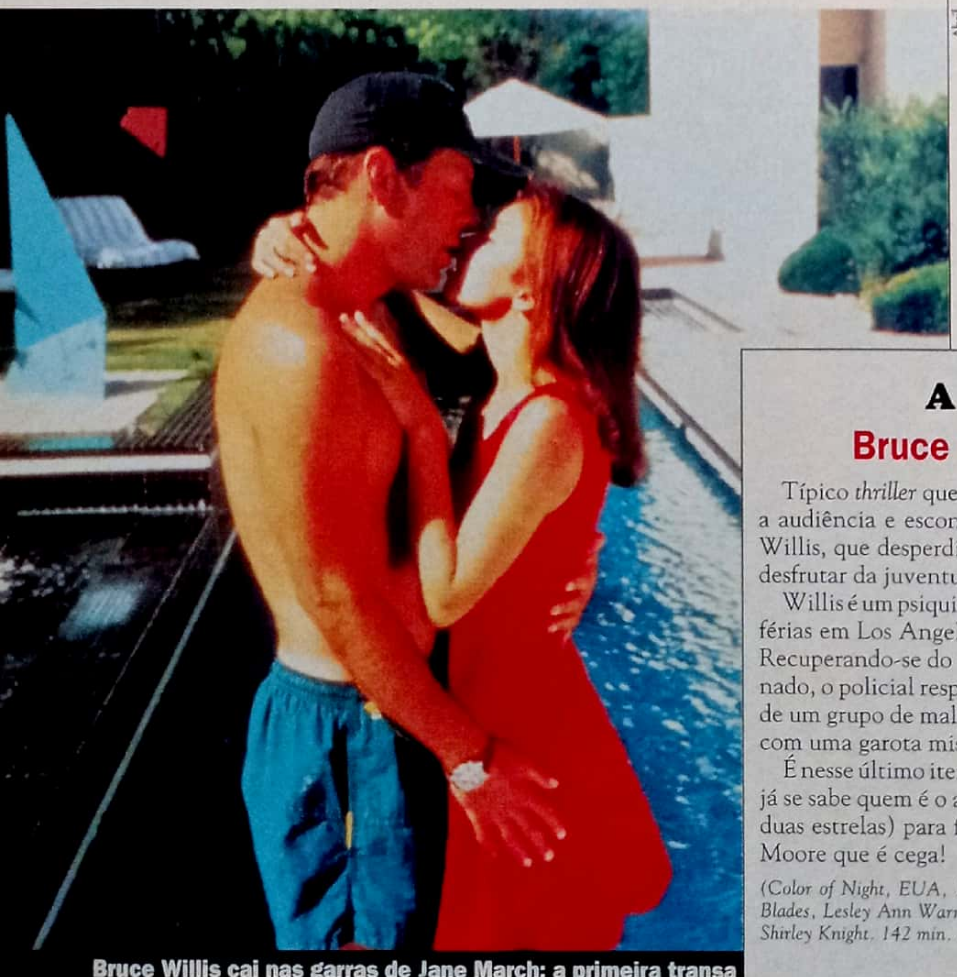
ESTRANHOS NA NOITE ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Before the Night, EUA, 1994) Direção: Talia Shire. Com Ally Sheedy, A. Martinez, Frederic Forrest. 90 min. Castle.

Ally Sheedy (*O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas*) é uma bem-sucedida diretora de arte na área da publicidade. Ela inicia uma relação intensa com um desconhecido (A. Martinez), que parece realizar todas as suas fantasias. Desvendando os mistérios de seu amante, envolve-se numa história de assassinato. É a estréia na direção de Talia Shire, irmã de Francis Ford Coppola (e a esposa de Stallone na série *Rocky*). Apesar de mostrar um estilo pessoal, ela não nega a influência do irmão, seja em maneirismos visuais, seja na presença do ator Frederic Forrest (de *Apocalipse Now*, *O Fundo do Coração* e *Tucker*). Mas a história escolhida (e co-produzida por Roger Corman) é fraca para o bom desempenho de Sheedy e Forrest.

M.S.



Abril

Bruce Willis cai nas garras de Jane March: a primeira transa

A COR DA NOITE ★★

Bruce Willis abusa de Jane March

Típico *thriller* que se utiliza de elementos altamente eróticos para segurar a audiência e esconder um roteiro fraquinho. Ponto negativo para Bruce Willis, que desperdiça seu talento. Em compensação, ele tem a chance de desfrutar da juventude física de Jane March (a ninfetinha de *O Amante*).

Willis é um psiquiatra que, após o suicídio de uma paciente, vai passar umas férias em Los Angeles, na casa de um amigo (Bakula), também psiquiatra. Recuperando-se do trauma, vê as coisas piorarem quando o amigo é assassinado, o policial responsável pelo caso (Blades) exige que continue a terapia de um grupo de malucos, por achar que o assassino é um deles, e se envolve com uma garota misteriosa e boa de cama (March).

É nesse último item que o filme se apóia: numa trama em que desde o início já se sabe quem é o assassino, só mesmo as cenas de sexo (responsáveis pelas duas estrelas) para fazer o espectador retirar a fita na locadora. Tem Demi Moore que é cega!

(Color of Night, EUA, 1994) Direção: Richard Rush. Com Bruce Willis, Jane March, Ruben Blades, Lesley Ann Warren, Scott Bakula, Lance Henriksen, Brad Dourif, Kevin J. O'Connor, Shirley Knight. 142 min. Abril.

DEBORAH PELEIAS

DESENHO

AS AVENTURAS DE TINTIN – O SEGREDO DO LICORNE ★★★

O pai de Indiana Jones

O repórter Tintin vê-se em encrencas ao adquirir a maquete de um veleiro antigo. O barco é uma miniatura do Licorne, navio de um antepassado do capitão Haddock, e esconde a pista para um tesouro. É o que Tintin e seus amigos (Haddock, o cãozinho Milu e os atrapalhados Dupont e Dupond) pretendem procurar.

Esta é a segunda versão para desenho animado desta aventura de Tintin, herói dos quadrinhos criado pelo belga Hergé (1908/1983) em 1929. O *Licorne* original foi publicado em tiras de jornal em 1942, e sua primeira transposição para a TV foi exibida por aqui nos anos 70.

Tintin sempre se deu melhor no papel do que nas telas, mas esta produção cuidada serve bem como introdução às peripécias do menino aventureiro, um dos inspiradores de Steven Spielberg na criação de seu Indiana Jones. A busca das riquezas do Licorne não termina nesta fita; deve continuar em *O Tesouro de Rackman, o Terrível*. De qualquer forma, a segunda história lançada pela distribuidora é *Os Charutos do Faraó*, já disponível nas locadoras.

(The Secret of the Unicorn, França/Canadá, 1991) Direção: Stéphane Bernasconi. Desenho dublado. 50 min. Cartoon.

MARCOS SMIRKOFF

CONTOS DA CRIPTA ★★★

(Tales from the Cryptkeeper, EUA, 1993) Direção não creditada. Desenho dublado. 46 min. Mundial/Teen Action.

Você está naquela fase em que as histórias do Scooby Doo não provocam mais arrepios, só que ainda não se preparou psicologicamente para se divertir com o Freddy Krueger? A solução se chama *Contos da Cripta*. A versão em desenho da famosa série de TV tem monstros mais assustadores do que os do Scooby, mas não deixa a moral de lado. Seus episódios trazem lemas como "roubar os outros é feio" e "não maltratem os insetos". Sangue, nem pensar – nem mesmo quando uma aranha é empalada por um dos protagonistas. A primeira história é a melhor, quando dois adolescentes tentam roubar uma mansão mal-assombrada. Outra dupla de garotos também leva a pior no episódio seguinte, que não chega a empolgar. De tanto importunar as formigas, eles acabam ficando do seu tamanho para ver o que é bom para a tosse...

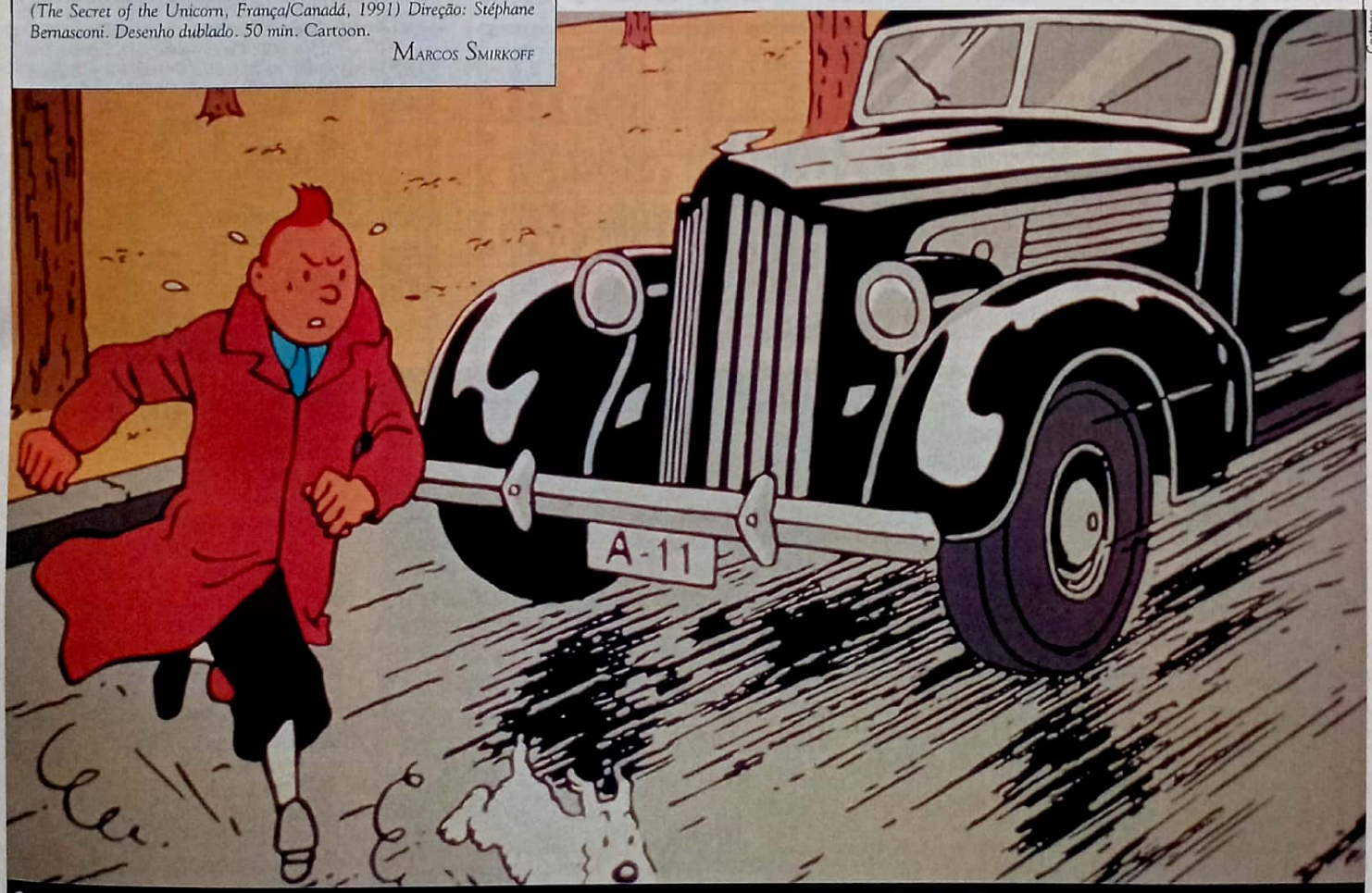
S.M.

ANIMANIACS VOLUMES 1 e 2 ★★★★

(EUA, 1994) Direção: Rusty Mills. Desenhos dublados. 46 min. cada. Warner.

Os *Animaniacs* são três bichos malucos, de sobrenome Warner (!), inventados nos anos 40 e aprisionados na caixa-d'água do estúdio até os dias de hoje. Libertados, eles se tornaram uma das melhores coisas do desenho animado atual, retomando a tradição das comédias *nonsense* do Pernalonga e sua turma. Eles são bem menos politicamente corretos que seus antecessores na Amblin (a produtora de Steven Spielberg), os *Tiny Toons*. Basta assistir às aventuras da esquilinha Slappy, que escracha com o crítico de cinema Roger Ebert e com o grupo The Who (em pleno Woodstock), ou os West Side Pidgeons, pombos "mafiosos" que citam Martin Scorsese.

M.S.



Cartoon

O repórter Tintin e seu inseparável companheiro Milu: aventuras que conquistam gerações de fãs e espectadores

ASTROS CARISMÁTICOS FAZEM A FESTA EM MAIO

Maio oferece um bom confronto: de um lado, Tom Hanks protagoniza um dos maiores sucessos de bilheteria de todos os tempos, *Forrest Gump – O Contador de Histórias*, filme adorado pela Academia; de outro, Woody Harrelson encabeça o ótimo elenco da dissecação da violência promovida por Oliver Stone, *Assassinos por Natureza* (abaixo), filme ignorado pela Academia. Harrelson também é o astro de um filme que nos chega direto em vídeo, *The Cowboy Way* (acima). Para o público infantil, Macaulay Culkin transforma-se em desenho animado em *Pagemaster – O Mestre da Fantasia*, enquanto Elijah Wood conhece *O Anjo da Guarda*. Os românticos podem optar por Bridget Fonda em *Atraídos pelo Destino* ou Ornella Muti em *Amante Bilíngüe*. Fãs dos filmes de ação ficam com *Fuga de Absolom*, com Ray Liotta, ou *Max – Fidelidade Assassina*, com Ally Sheedy. Quem gosta de temáticas sérias escolherá *Fresh* ou o sino-americano *Prato Feito*.

Warner

BOLSA DE VÍDEO

A estréia na direção de Robert De Niro assume posição honrada logo atrás do clássico *Fellini Oito e Meio*

	Celso Fioravante Folha de S. Paulo	Luiz Carlos Merten O Estado de S. Paulo	Ana Claudia Fonseca Veja São Paulo	José Norberto Flesh Folha da Tarde	Paulo de Góes Jornal do Vídeo	CEduardo Veras Zero Hora	Carlos Eli de Almeida O Globo	Roberto Rios HBO	Miguel Barbieri Jr. Diário Popular	Christian Petermann SET	Média
1. *Fellini Oito e Meio* (LK-Tel/Columbia)	9	10	9	9	10	10	8	8	10	10	9.3
2. *Desafio no Bronx* (Play Arte)	8	7	–	9	–	–	–	–	9	8	8.2
3. *Os Irmãos Marx no Circo* (Continental)	8	8	–	7	–	–	–	7	8	–	7.6
4. *O Corvo* (Warner)	6	6	9	6	7	–	5	7	6	7	6.5
5. *Sem Medo de Viver* (Warner)	–	8	7	4	7	–	7	6	7	6	6.5
6. *Parceiros do Crime* (Mundial/Look)	8	6	7	5	7	6	6	4	–	7	6.2
7. *Wyatt Earp* (Warner)	6	7	5	6	7	5	7	–	6	–	6.1
8. *O Cliente* (Warner)	6	5	6	6	7	7	6	5	4	6	5.8
9. *Três Formas de Amar* (LK-Tel/Columbia)	3	0	7	6	8	7	8	–	6	6	5.6
10. *The Flintstones – O Filme* (CIC)	5	5	–	7	7	7	6	2	5	5	5.4

SET DÁ A DICA

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril/Belas Artes/Fox	(011) 832-1555	Europa/Carat	(011) 579-6522
Alpha/Betta	(011) 230-0200	Flashstar/Cartoon	(011) 255-9911
Alphaview	(011) 725-6135	Globo	(021) 286-6688
América/Lion/Paris	(011) 533-8300	LK-Tel/Columbia	(011) 825-5766
Brenno Rossi	(011) 222-7033	Mundial/Look	(011) 536-0677
Cannes	(011) 579-6522	New Line/Studio T	(011) 220-8601
Castle	(011) 536-0677	Play Arte/Vídeo Arte	(011) 575-6996
Century	(011) 212-6533	Teen Action	(011) 536-0677
CIC	(011) 816-0852	Top Tape	(021) 205-5552
Continental/Opção	(021) 262-0751	20/20 Vision	(011) 825-5766
		Warner	(011) 820-6777

Obs.: Estão listadas aqui somente as distribuidoras presentes nesta edição do Caderno de Vídeo; os lançamentos antigos da Look estão sendo comercializados pela Mundial, assim como os da F. J. Lucas pela Concorde; as distribuidoras Transvídeo e Vídeo Cassete do Brasil estão desativadas.

PARADA FEVEREIRO

BRASIL

1. *Ace Ventura, um Detetive Diferente (Ace Ventura, Pet Detective)* (Warner)
2. *A Fuga (The Getaway)* (América)
3. *O Guarda-Costas e a Primeira-Dama (Guarding Tess)* (LK-Tel/Columbia)
4. *Mamãe É de Morte (Serial Mom)* (Mundial/Look)
5. *A Lista de Schindler (Schindler's List)* (CIC)
6. *Rapa Nui – Uma Aventura no Paraíso (Rapa Nui)* (Paris)
7. *Priscilla, a Rainha do Deserto (The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert)* (Top Tape)
8. *O Jornal (The Paper)* (CIC)
9. *Acertando as Contas com Papai (Getting Even with Dad)* (Warner/MGM)
10. *Um Misterioso Assassinato em Manhattan (Manhattan Murder Mystery)* (20/20 Vision)

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Vídeo Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO), Vídeo Clube do Brasil (GO), Star Vídeo (GO), Canal Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Video & Games, Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

E.U.A.

1. *The Mask (O Máskara)* (New Line)
2. *True Lies* (Fox Video)
3. *Clear and Present Danger (Perigo Real e Imediato)* (Paramount)
4. *Little Giants* (Warner)
5. *Wolf (Lobo)* (Columbia TriStar)
6. *Color of Night (A Cor da Noite)* (Hollywood)
7. *The Client (O Cliente)* (Warner)
8. *It Could Happen to You (Atraídos pelo Destino)* (Columbia TriStar)
9. *Renaissance Man* (Touchstone)
10. *Maverick* (Warner)

Fonte: *Entertainment Weekly* 03/03/95

CASH
HOME VÍDEO

SOB NOVA DIREÇÃO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060
267-1810

Estacionamento: Rua Gabriel Pizza, 444

Cannes
Home Video

GRANDE REVENDAS DE FITAS E GAMES.

TODOS OS LANÇAMENTOS COM ÓTIMOS PREÇOS!
NOVAS E USADAS

CONFIRA:
GARANTIA E QUALIDADE
MAIS DE 5.000 TITULOS
ACEITAMOS PERMUTA

FACILIDADE NO PAGAMENTO:

DESCONTO ESPECIAL PARA PAGAMENTO À VISTA

- Cheques pré-datados
- Cartão de crédito
- Inclusive por telefone

PROMOÇÕES:
A cada 60 fitas, ganhe um expositor e estojos.
Se você estiver abrindo, ganhe expositores, estojos, acessórios e transporte gratuito.

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas

Tel.: (011) 290-2788
Telefax: (011) 959-5061
Tele Marketing: 0800-2788

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22 e 31
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP

MERCADO DO VÍDEO

COMPRA
VENDA
TROCA

Recuperamos fitas com mofo

VÍDEOS
FAX
CÂMERAS

1 ANO DE GARANTIA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM TV'S, VÍDEOS, CÂMERAS E FAX.
Orçamentos em 24 horas.
Transcodificações em TV"S Importadas.
1 ANO DE GARANTIA

SISTEMA EUROPEU

TRANSFORMAMOS FITAS PARA NOSSO SISTEMA E VICE-VERSA TAMBÉM U-MATIC

SERVIÇO NO MESMO DIA

PABX: (011) 5333290
Av. Pavão, 690 - Moema - SP

7ª ARTE
VÍDEO SHOP

FITAS NOVAS E USADAS

VENHA NOS CONHECER!

CONFIRA
NOSSOS ÚLTIMOS
LANÇAMENTOS

Catálogos a partir de R$ 4,00
Cheques pré-datados.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30 às 19:00 hs sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.
GARANTIA TOTAL
12% DE DESCONTO NO CATÁLOGO A VISTA.
Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - **Tel.: (011) 267-5567**

HAWAI
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

TODOS OS LANÇAMENTOS

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(entre os Metrô Carandiru e Tietê)
COM ESTACIONAMENTO

Tel.: (011) 290-4330
(011) 299-5572

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- **Toda linha de acessórios**
- **Pagamentos com cheques semanais sem juros**
- **Permuta por automóvel e telefone como forma de pagamento.**

15% DE DESCONTO PARA PAGAMENTO A VISTA NOS CATÁLOGOS.

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS

CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
- PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
- PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
- GARANTIA E QUALIDADE
- ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

NOVO ENDEREÇO

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-8161
(011) 298-1120
(DDG) 0800118161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
Estamos c/ estacionamento na Rua Dr. Zuquim, 166

CINEMA DE ATOR

Tanto quanto Robert De Niro em *Desafio no Bronx*, que chega às locadoras este mês, outros atores surpreenderam em suas estréias atrás das câmeras

Abril

Dança com Lobos

HENRIQUE V

(Henry V, Inglaterra, 1945) Direção: Laurence Olivier. Com Olivier, Robert Newton, Leslie Banks. 137 min. F.J.Lucas.

Olivier tinha 37 anos quando interpretou Henrique V, 28. Dizia que apenas a idade permitia "entender a beleza do heroísmo". Ganhou um Oscar especial por esta adaptação que começa como uma montagem da peça de Shakespeare no lendário Globe Theatre e logo se transforma num espetáculo genuinamente cinematográfico.

Bronno Rossi

O Mensageiro do Diabo

O MENSAGEIRO DO DIABO

(The Night of the Hunter, EUA, 1955) Direção: Charles Laughton. Com Robert Mitchum, Shelley Winters, Lillian Gish. 93 min. Brenno Rossi.

Stanley Cortez – o fotógrafo de *Soberba* (1942), de Orson Welles – teve participação decisiva na criação da atmosfera expressionista desta brilhante fábula sobre o bem e o mal. Último roteiro escrito pelo crítico James Agee (*Uma Aventura na África*), traz Mitchum como um psicopata antológico. Fracasso de bilheteria, inviabilizou a carreira de Laughton como diretor.

ABSOLUTAMENTE CERTO

(Brasil, 1957) Direção: Anselmo Duarte. Com Duarte, Dercy Gonçalves, Odete Lara. 95 min. Globo.

Galã na Cinédia, Atlântida e Vera Cruz, Anselmo Duarte provou com este inocente precursor de *Quiz Show* que dispunha de fôlego para vôos maiores – e o êxito de *O Pagador de Promessas* (1962) confirmaria sua competência como diretor. Aqui, ele interpreta um rapaz simplório que sonha enriquecer num programa de TV. Mas o show é mesmo de Dercy.

PERVERSA PAIXÃO

(Play Misty for Me, EUA, 1971) Direção: Clint Eastwood. Com Eastwood, Jessica Walter. 101 min. CIC.

Eastwood já estava na estrada há dezesseis anos quando mostrou ter aprendido bastante trabalhando com Sergio Leone e sobretudo com Don Siegel (que faz uma ponta como um barman). "Misty" é a canção pedida todas as noites por uma ouvinte (Walter) a um disc-jockey (Eastwood) que ela procura atrair para sua teia.

BOB ROBERTS

(Bob Roberts, EUA, 1992) Direção: Tim Robbins. Com Robbins, Ray Wise, Alan Rickman, Giancarlo Esposito. 103 min. Transvídeo.

Comparado exageradamente a Orson Welles, que lançou *Cidadão Kane* (1941) com 26 anos, Robbins realizou aos 34 esta sátira política que o revelou como homem de vários instrumentos. Além de diretor, ator e roteirista, escreveu a letra das canções que seu personagem interpreta e recheou o filme com pontas de amigos famosos que também apóiam a cartilha democrata.

CIC

UM DIA DOS DIABOS

(Une Journée Bien Remplie, França, 1972) Direção: Jean-Louis Trintignant. Com Jacques Dufilho, Luce Marquand. 90 min. Vídeo Cassete do Brasil.

Hoje um monumento do cinema francês, com seus quase quarenta anos de carreira, Trintignant bem que merecia ter outra chance como diretor, a julgar pelo delicioso humor negro destilado por esta comédia sobre um padeiro que elimina os responsáveis pela condenação de seu filho.

DANÇA COM LOBOS

(Dances with Wolves, EUA, 1990) Direção: Kevin Costner. Com Costner, Mary McDonnell, Graham Greene. 180 min. Abril.

Costner aceitou um papel menor em *Silverado* (1985), de Lawrence Kasdan, porque sonhava fazer um faroeste. Acabou realizando um dos mais bem-sucedidos westerns na história de Hollywood, indicado para 12 Oscar e vencedor de sete, incluindo melhor filme e direção. Na era do "politicamente correto", o ator, diretor e produtor ganhou outro prêmio valioso: os índios Sioux o reconheceram como membro da tribo.

20/20 Vision

GENTE COMO A GENTE

(Ordinary People, EUA, 1980) Direção: Robert Redford. Com Mary Tyler Moore, Donald Sutherland, Timothy Hutton, Elizabeth McGovern. 124 min. CIC.

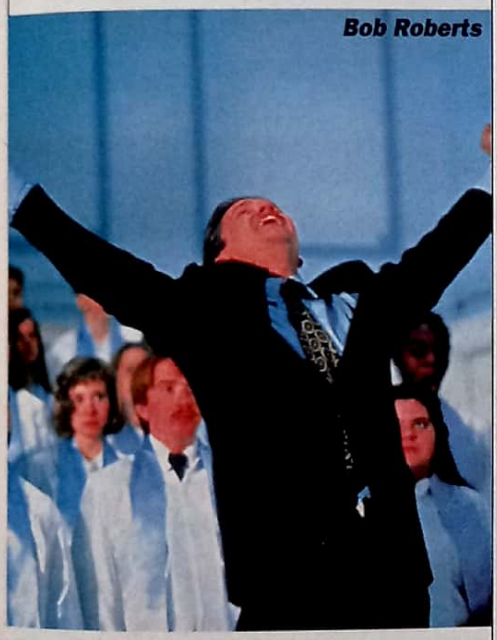
Quem diria que o bom-moço de *Butch Cassidy* (1969) e *Golpe de Mestre* (1973) seria capaz de fazer esse incômodo drama familiar render mais de US$ 60 milhões sem colocar seu nome no elenco? A Academia adorou o exercício de estilo e lhe sapecou os Oscar de melhor filme, direção, ator coadjuvante (Hutton) e roteiro adaptado.

Bopha! À Flor da Pele

PARAÍSO

(Heaven, EUA, 1987) Direção: Diane Keaton. 80 min. Look.

A mais emblemática das atrizes de Woody Allen realiza aqui um documentário insólito e intelectualizado sobre o que estaria nos esperando depois da morte, com depoimentos e trechos de filmes. Dava a impressão de que ela não planejava fazer carreira atrás das câmeras, mas Keaton andou dirigindo mais tarde episódios de *China Beach* e *Twin Peaks*.


Bob Roberts

Mentes que Brilham

HENRIQUE V

(Henry V, Inglaterra, 1989) Direção: Kenneth Branagh. Com Branagh, Derek Jacobi, Paul Scofield, Ian Holm, Emma Thompson. 137 min. Paris.

Contrariando Olivier, Branagh tinha 28 anos quando interpretou Henrique V. Optou por um modo distinto de transpor o texto para a tela – e mesmo assim não escapou das comparações. Mas ambos tiveram algo em comum: queriam suas mulheres no papel de princesa da França. Ponto para Branagh, que escalou Emma Thompson. Olivier não convenceu David Selznick a liberar Vivien Leigh.

MENTES QUE BRILHAM

(Little Man Tate, EUA, 1991) Direção: Jodie Foster. Com Foster, Adam Hann-Byrd, Dianne Wiest. 97 min. 20/20 Vision.

Aos 3 anos, Jodie Foster já trabalhava diante de câmeras. Mais do que um talento precoce, tinha fama de prodígio. Entende-se por que ela considera "um pouco autobiográfica" a história do superdotado Fred Tate, 7 anos. Ganhadora de dois Oscar como atriz, ninguém deve estranhar se o futuro por acaso lhe reservar outro como diretora.

A TABERNA DO INFERNO

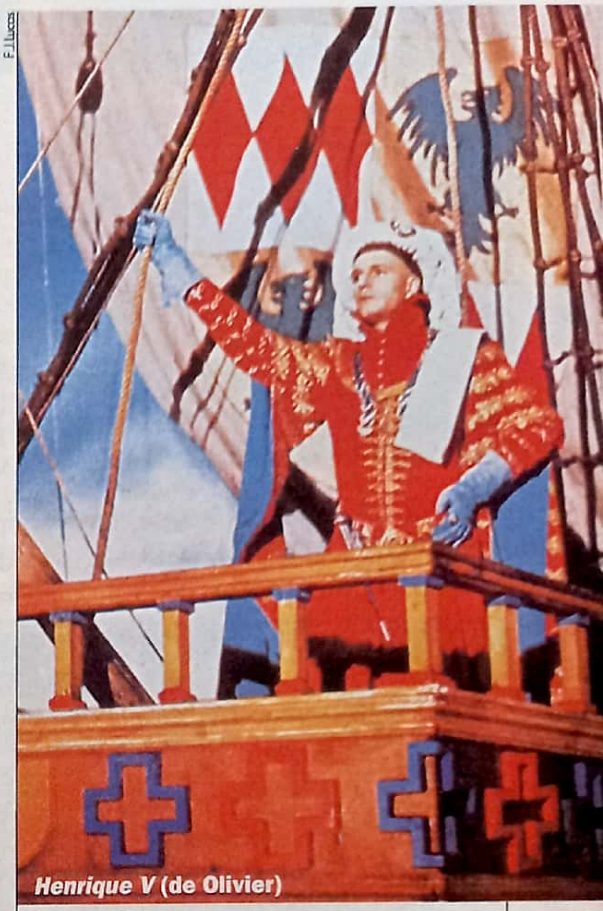
(Paradise Alley, EUA, 1978) Direção: Sylvester Stallone. Com Stallone, Armand Assante, Anne Archer, Tom Waits. 109 min. CIC.

Roger Corman, o rei dos filmes "B", considera Stallone um dos talentos mais subestimados de Hollywood. Aqui, além de assinar o roteiro (como já havia feito em *Rocky, o Lutador*, 1976) e a direção, ele também canta a música-tema. Ambientado nos anos 40, o filme acompanha três irmãos que vêem na luta livre uma chance de escapar à miséria.

ETERNAMENTE PAGU

(Brasil, 1987) Direção: Norma Bengell. Com Carla Camurati, Antônio Fagundes, Esther Goes. 100 min. Globo.

Musa do Cinema Novo imortalizada pela célebre seqüência de nudez na praia em *Os Cafajestes* (1962), de Ruy Guerra, Norma Bengell inspirou-se na trajetória de outra musa – a do modernismo, Patrícia Galvão – para demonstrar, em seu primeiro longa como diretora, a mesma singularidade de sua carreira como atriz.


F.J. Lucas

Henrique V (de Olivier)

BOPHA! À FLOR DA PELE

(Bopha!, EUA, 1993) Direção: Morgan Freeman. Com Danny Glover, Malcolm McDowell, Alfre Woodard. 120 min. CIC.

Pouca gente se lembra, mas ele trabalhou em filmes como *Brubaker* (1980) e *Testemunha Fatal/Um Caso Maldito* (1981). Duas indicações ao Oscar, por *Armação Perigosa* (1987) e *Conduzindo Miss Daisy* (1989), o colocaram no mapa de Hollywood. É na África do Sul, contudo, que se ambienta este drama produzido pelo apresentador de TV Arsenio Hall.

SÉRGIO RIZZO

Globo

Eternamente Pagu

Free Shop

EQUIPAMENTOS

IMAGENS COMPUTADORIZADAS

A Infoview está comercializando um sistema que permite capturar, transportar imagens de qualquer software, editar e projetar dispensando a conexão com outros computadores. É a linha Panel Book LS-Série 500 (fabricada pela Infocus), cuja característica principal é um sistema eletrônico embutido de slides LiteShow, composto de micro e software de apresentação, que pode trabalhar com diferentes programas ao mesmo tempo. No entanto, não elimina a conexão com outros microcomputadores e pode ser conectado a um videocassete. Indicado para profissionais da área de informática, treinamento e marketing, o sistema só tem um problema: o preço não é para qualquer um – US$ 12.360, o modelo 530, e US$ 13.340, o 550. Mas não desamine, a linha Panel Book LS-Série 500 pode ser alugada, basta ligar para (021) 531-1541 ou 531-2433.

HEADTRIP HANDS FREE VIDEO (HeadTrip, importada)

Sistema de gravação perfeito para esportistas que usam as mãos: ele se prende ao corpo e à cabeça, ficando-se desta forma com as mãos livres. A câmera e o microfone estão colocados no "headband" – suporte da cabeça – e um gravador de 8 mm, com um visor de 4 polegadas, mostra o que está sendo filmado. O sistema, incluindo os acessórios, pesa apenas 2,26 kg, já o preço... US$ 4.795, nos Estados Unidos, é claro!

MULTIMEDIA

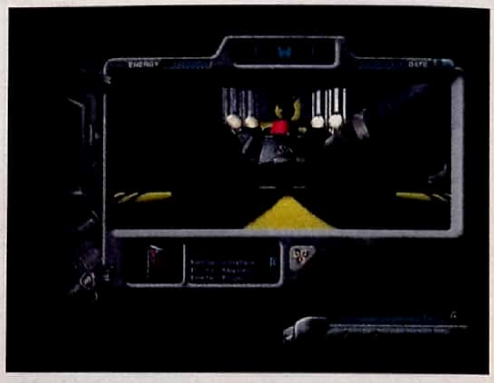
JOGO FOTORREALISTA

THE JOURNEYMAN PROJECT TURBO! (CD-ROM para PC e Macintosh)

O CD-ROM *The Journeyman Project Turbo!* é anunciado como "o primeiro jogo de aventura fotorrealista do mundo". Não é bem assim: encontram-se nele imagens tridimensionais geradas em computador e seqüências filmadas em vídeo. Nada muito diferente dos melhores CD-ROMs de aventura disponíveis no mercado.

O interesse está no tema de ficção científica. O jogador assume o papel de um agente do "Anexo de Segurança Temporal", sediado na cidade aérea de Caldoria, no ano 2318. A missão é viajar pelo tempo para evitar que sabotadores impeçam um acordo pacífico entre a Terra e os Cyrollianos, os primeiros extra-terrestres a contatar oficialmente a humanidade, em 2308. Para cumprir a tarefa, conta com uma imensa máquina do tempo, Pegasus, e implantes cibernéticos. *The Journeyman Project Turbo!* roda tanto em Macintosh quanto em PC, requerendo um mínimo de 8 MB de memória RAM e monitores de 256 cores nas duas plataformas.

Imagens e tema são o *must* do game



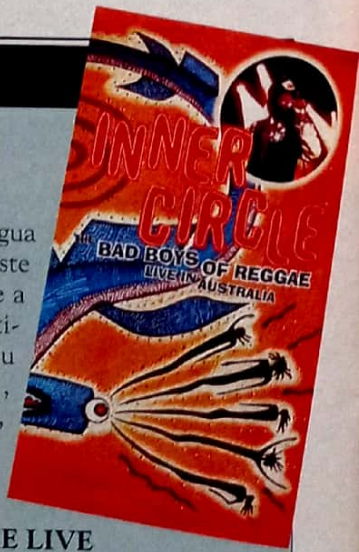
Marcos Smirkoff

VÍDEOS

TORRE DE BABEL

LATIN ROCK NIGHTS (1995, Warner Music)

Gravado durante a apresentação das bandas de língua latina no 28º Festival de Jazz de Montreaux, em 1994, este vídeo é uma agradável surpresa para quem desconhece a música pop de países como a Espanha, México e Argentina. Da Espanha tem Miguel Bosé – que mostrou seu talento como ator em *De Salto Alto* e *Rainha Margot* –, Presuntos Implicados e Seguridad Social; do México, Cafe Tacuba e Mana; da Argentina, Fito Paez; e fechando a fita, o nosso Jorge Benjor.



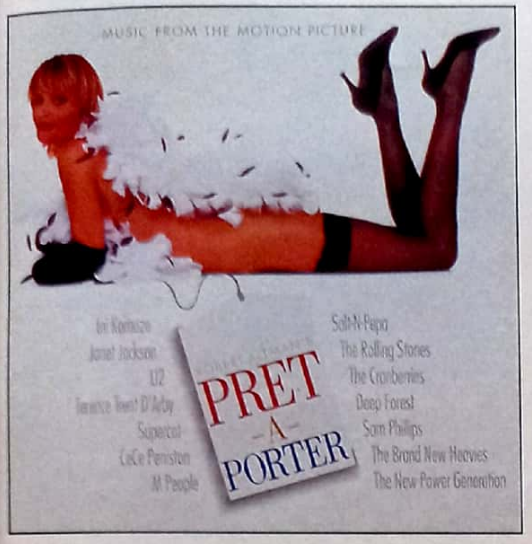
INNER CIRCLE – THE BAD BOYS OF REGGAE LIVE IN AUSTRALIA (Warner Music, 1995)

O som dos jamaicanos do Inner Circle eletrizou a platéia da capital australiana. Intercalados com entrevistas, os hits da banda.

NOSTRADAMUS – A VOZ DO FUTURO (Vídeo Print, R$ 20,00)

Edição vendida em bancas de jornais com uma fita de vídeo e um livreto com dados biográficos e uma série de profecias do médico francês Michel de Nostredame (1503-1566), ou Nostradamus, conhecido como o profeta do caos e da morte.

TRILHAS SONORAS



PARA ALEGRAR FESTINHAS

PRÊT-À-PORTER (vários, Sony Music)

O novo filme de Robert Altman – dizem – não é grande coisa, mas sua trilha arrasa em qualquer festinha. As melhores faixas são o remix "sacode esqueleto" do *reggaeman* Ini Kamoze em "Here Comes The Hotstepper" e o funk e dance sofisticados dos ingleses Brand New Heavies e M-People em "Close to You" e "Natural Thing". Outras boas surpresas ficam por conta da New Power Generation (ex-banda de Prince) arrebentando com o funk "Get Wild" e a versão dançante de "Lemon", do U2. E, como em todo desfile de moda há espaço para o brega, temos Janet Jackson "70's Love Groove" e Sam Philips dando uma nova vida para "These Boots Are Made for Walking", um sucesso dos anos 60 de Nancy Sinatra.

TRILHA SOTURNA

ENTREVISTA COM O VAMPIRO (Elliot Goldenthal, Warner Music)

O maior equívoco desse álbum se chama Guns N' Roses. O grupo perpetua uma péssima versão de "Sympathy for the Devil" – o hino sombrio dos Rolling Stones –, onde os gritos macabros e a ironia na voz de Mick Jagger são trocados pelos berrinhos afetados do vocalista Axl Rose. Mas a trilha de *Entrevista com o Vampiro* cumpre o seu papel. A maioria das músicas têm um clima soturno – como a tenebrosa "Libera Me" –, passando por momentos climáticos ("Escape to Paris") e até mesmo engraçados (em "Santiago's Waltz").

O ENCARTE É 10

THE MASK (vários, Sony Music)

Existem poucas diferenças entre a trilha de *The Mask* e o "Samba do Crioulo Doido", aquela canção do jornalista carioca Sérgio Porto. Senão, vejamos: você algum dia chegou a imaginar que uma trilha seria salva por Jim Carrey (em "Cuban Pete")? Ouvir um funk cantado por Harry Connick Jr. (apontado como sucessor de Frank Sinatra) ou o Fishbone – grupo que representa o que há de mais anárquico no funk metal – mostrando sua veia "latina"? A receita desanda ainda mais com a baladeira Vanessa Williams e o grupo de rhythm'n'blues Tony Toni Toné em dias pouco inspirados. De resto, salva-se apenas o encarte do disco, mostrando cenas do filme em quadrinhos.

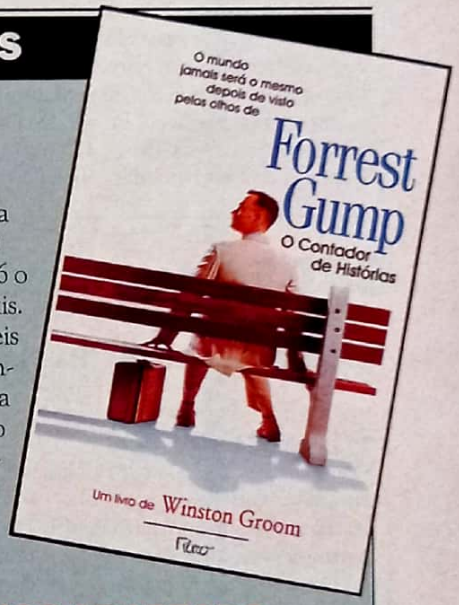
Sérgio Martins

LIVROS

HISTÓRIA MILIONÁRIA

FORREST GUMP – O CONTADOR DE HISTÓRIAS (de Winston Groom, trad. Ana Luísa Dantas Borges, ed. Rocco, 197 páginas)

O americano Winston Groom escreveu em 1986 o romance que deu origem ao longa de Robert Zemeckis. Completou a história em duas semanas e demorou seis meses para transformá-la em script. Há muitas diferenças entre uma versão e outra, mas a essência continua ali. E às vezes o livro é muito mais engraçado do que o filme. Groom já anunciou a segunda parte da história, que pretende lançar ainda neste primeiro semestre. Significa que poderemos esperar uma seqüência cinematográfica.



MAIS UM CLÁSSICO ADAPTADO

RETRATO DE UMA SENHORA (de Henry James, trad. de Gilda Stuart, ed. Companhia das Letras)

Quem é fã da diretora Jane Campion (*O Piano*) e quer se preparar como se deve para o próximo filme da cineasta, pode começar pelo roteiro. A editora Companhia das Letras está lançando o clássico *Retrato de uma Senhora*, do nova-iorquino Henry James (1843-1916), o atual romance de cabeceira de Campion, que o transportará para as telas até o final do ano, com William Hurt e Nicole Kidman nos papéis principais.

De cara, os que tiverem na cabeça *O Piano* e lerem este modelo de romance psicológico do século 19 vão entender o que atraiu a diretora neozelandesa. A personagem principal é uma americana independente tentando manter sua liberdade no mundo aristocrático europeu, mas que acaba sucumbindo aos limites de sua época.

A expectativa para este filme é grande, já que o escritor norte-americano naturalizado britânico Henry James fez em seus livros o sonho de boa parte dos cinéfilos: uma ponte cultural entre os EUA e a Europa. Esta também não será a primeira vez que uma obra sua seduz o cinema: *The Europeans* e *Os Bostonianos* chegaram às telas nas décadas de 70 e 80 pelas mãos do diretor James Ivory.

Videoteca

Personalidades Falam Sobre Paisagens que Viram no Cinema e Gostariam de Conhecer

Paulo Betti, ator:

Jorge Cysne

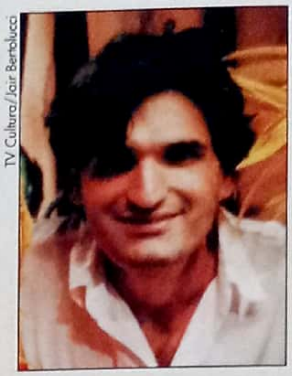
"Eu viajo muito mais em descrições literárias, porque o cinema tem um poder de fascínio sobre as pessoas que acaba satisfazendo o espectador por completo. Ele nos apresenta uma paisagem e já nos leva a atuar sobre ela, não só como apreciadores da imagem. Os americanos, em especial, sabem vender o seu peixe muito bem. Quem não gostaria de conhecer as velhas cidades norte-americanas ou Nova York com suas praças e parques, a cada vez que elas aparecem na tela? Até o deserto, que é horrível – frio à noite e um calor e uma poeira infernal durante o dia –, parece maravilhoso. Eu adoraria conhecer a cidade fantasma de *A Última Sessão do Cinema*, de Peter Bogdanovich."

Camila Pitanga, atriz:

Laílson Santos

"Se for remexer na memória vou encontar muitos lugares que conheci no cinema e que gostaria de visitar. Mas a primeira cena que me vem à cabeça quando penso em paisagens atraentes e que me despertaram curiosidade é a de Holly Hunter tocando piano na praia em *O Piano*. Para mim foi completamente inusitada. É claro que não foi só a praia, o clima todo mexeu comigo. A música tinha que entrar em sintonia perfeita com a imagem e foi exatamente isso que aconteceu. Na verdade, fiquei curiosíssima para saber onde fica (na Nova Zelândia) e um dia – na minha fantasia, é claro – ainda vou ter o prazer de estar naquela locação maravilhosa ouvindo alguém tocar."

Cao Hamburger, cineasta:


TV Cultura/Joir Bertolucci

"Quando assisti *Era uma Vez na América*, do Sergio Leone, pensei que uma das paisagens mais interessantes do filme não passasse de uma trucagem, que não fosse possível fazer a reprodução de um cenário como aquele, década de 30, para um filme de época. No final da rua cheia de armazéns, possivelmente uma região portuária, dava para ver um pedaço da ponte do Brooklin. É uma paisagem que está reproduzida no disco com a trilha-sonora do filme. Assim que fui para Nova York, fiquei sabendo que era uma paisagem real e fui atrás conferir. Infelizmente não consegui chegar até lá, tive que voltar para pegar meu vôo, mas cheguei perto. Dá próxima vez, com certeza, eu chego!"

SET Recomenda

As prateleiras de Sua Locadora Escondem Animações Japonesas com Futuro Aterrador

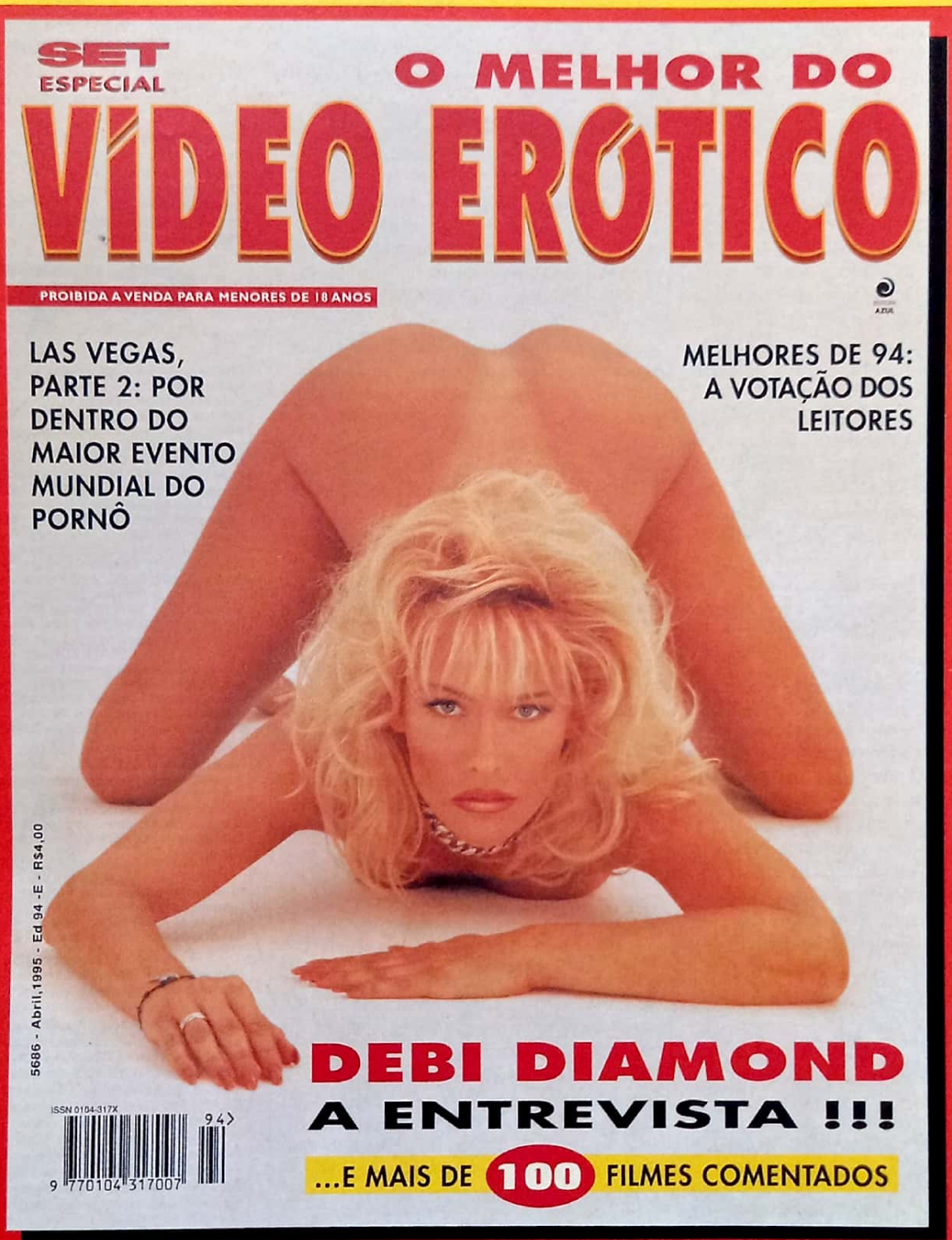
PODERES ERÓTICOS
(Wicked City, Japão, 1987) Direção: Yoshiaki Kawajiri. Top Tape.
A trama: no final deste século, Tóquio está dividida entre humanos e seres mutantes. Estes têm poderes sobrenaturais e desejam dominar a cidade, mas são "pacificados" por um tratado de cessar fogo, que é assinado a cada 100 anos. O último acordo está para vencer e o ancião responsável pela pacificação está na cidade. Uma facção subversiva do "outro mundo" tenta assassiná-lo. Um agente humano e uma sensual mutante são designados para protegê-lo, e se envolvem romanticamente.
Características: esta animação segue a linha tradicional japonesa, com destaque para os cenários, na maioria escuros. Com toques de suspense, policial e ficção, este desenho tem fortes elementos eróticos. Não é recomendável, pois, para menores.
Personagens: os seres do mundo mutante são dignos dos monstros criados por Jim Henson (*Cristal Encantado*): há uma mulher-aranha sedutora e maligna, cuja genitália poderia engolir o planeta; um vilão que toma várias formas e se auto-recompõe quando destruído; e uma mulher que hipnotiza e devora as pessoas através do ventre. Taki, o agente humano, é um típico galã ocidental, eficiente, honesto e fiel à sua companheira mutante, Makie.
Visão do futuro: para os criadores de *Poderes Eróticos* (péssima versão para *Wicked City* – "cidade perniciosa"), o Mal e o Bem continuarão existindo num mundo organizado e limpo, cujo maior perigo advém dos próprios seres vivos, e não das tecnologias nucleares.

AKIRA
(Japão, 1988) Direção: Yoshio Takeuchi e Hiroaki Sato. Europa/Carat.
A trama: depois da completa devastação na 3ª Guerra Mundial, em 1988, Tóquio é reconstruída e rebatizada como Neo-Tóquio. Em 2019, a cidade está à beira de uma revolução civil: de um lado, fanáticos religiosos anunciam o Apocalipse em nome do renascimento de Akira e, de outro, estudantes se manifestam contra o governo que secretamente desenvolve uma nova arma. Entra em cena a gangue de Kaneda e Tetsuo, que é capturado pelo Exército para ser cobaia de experimentos, que dão poderes paranormais.

Europa/Carat

Características: desenho em longa-metragem inspirado na HQ, criada e publicada em 1982 por Otomo e que recebeu o Science Grand Prix Award. Seu custo de produção, de US$ 6,3 milhões, é um dos maiores já investido neste gênero no Japão. A animação é perfeita e em alguns momentos o cenário parece real.
Personagens: Kaneda é o líder de uma gangue de motoqueiros indiferente às manifestações populares e mais interessada em anfetaminas e brigas com rivais. Tetsuo é um dos membros, tímido e com complexo de inferioridade; deixa-se levar pelos novos poderes e passa a destruir as pessoas que se colocam em seu caminho. Já Akira é uma grande surpresa final.
Visão do futuro: como normalmente se vê na ficção, o homem reflete no cinema seus sonhos e temores. Em *Akira*, a destruição do homem está vinculada às forças mentais e ao fanatismo religioso, ambos com capacidade de exterminar a raça humana.

MAIS DE 100 LANÇAMENTOS ANALISADOS A FUNDO.



EDITORA AZUL

REVISTA **O MELHOR DO VÍDEO ERÓTICO**

NAS BANCAS

Cartas

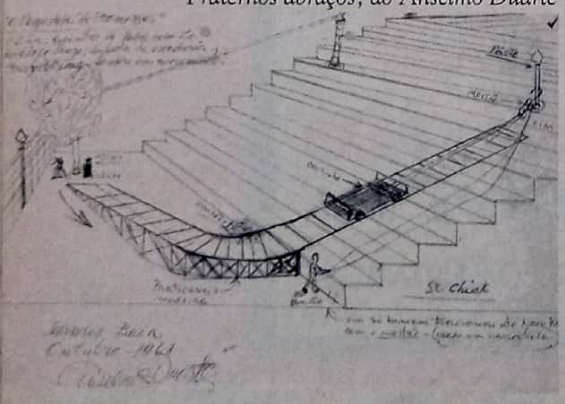
A Redação Agradece

Queiram aceitar os meus cumprimentos pelo magnífico trabalho jornalístico e de pesquisa em "100 Anos de Cinema". Os cinéfilos deverão agradecer a farta documentação fotográfica e os brasileiros, orgulharem-se desta estupenda e memorável edição que dignifica a nossa imprensa e a profissão dos que a realizaram. Sobre o mesmo assunto, particularmente posso afirmar que é superior a todas que vi na Europa, inclusive a da exposição comemorativa dos 100 anos do império cinematográfico dos Pathé Fréres de Paris.

Sinto-me honrado em aparecer na grande foto de duas páginas, que serviu para ilustrar a matéria, ainda que para os novos (a foto é de 1961), não todos, possa parecer como alguém atrás da câmera. À guisa de informação técnica, a foto documenta um dos inusitados takes que realizei em *O Pagador de Promessas*, o incrível travelling em curva, subindo a escadaria. Segundo o iluminador inglês Chick Fowley, era impossível fisicamente sua realização. Nunca havia visto câmera vindo do plano fazer curva e subir escada! Coloquei aqueles postes de luz na abandonada escadaria da igreja N.S. dos Passos para prender o moitão (talha ou guincho), que através de cordas tracionou o pesado dolling, com a câmera e o operador. *(Ilustração abaixo.)*

Esta foto é histórica, o tempo dirá, talvez através de outros, da sua importância para o aprimoramento da técnica cinematográfica no Brasil. Já faz 33 anos, e até hoje tal movimento não foi repetido, inclusive Tizuka Yamasaki, que refilmou *O Pagador* para a TV Globo, não percebeu a utilidade dos meus postes, e gravou a subida do padre e a de Zé do Burro no mesmo local, com a câmera fixa ou panorâmica, enfoques tradicionais.

Fraternos abraços, do Anselmo Duarte



Faltaram Belas

Gostei do ensaio "Belas e Benditas" (nº 2, ano 9). Só lamento a ausência de Michelle Pfeiffer, que merecia constar muito mais que umas e outras que lá estão.

Júlio Cesar Rodrigues
(Alvorada – RS)

Vocês estão ficando cegos, é? Fizeram o ensaio com as mulheres mais desejáveis do cinema atual e se esqueceram da mulher mais desejável que já existiu: Michelle Pfeiffer. Se quiserem meus óculos, eu até posso emprestar.

Fabian Rodrigo Balbwot
(Caxias do Sul – RS)

Bronca Deselegante

Compro SET há anos e quero parabenizá-los pela falta de talento. A revista tem bom nível apenas na aparência; basta analisá-la para encontrar a palavra que a define: superficialidade. Mês após mês, encontramos sempre os mesmos artistas do momento. Há anos, SET segue a mesma linha bitolada, a mesma fórmula, as mesmas seções e a mesma postura antipática e inacessível. Conheço uma pá de gente que escreveu para esta revista – inclusive eu – solicitando matéria com algum ator e não obtive a menor atenção ou consideração; pedidos esses que SET, de seu pedestal, nem cogitou em atender. Excluindo-se a coluna de Dulce Damasceno de Brito, a revista já morreu e não percebeu.

Márcia Regina Grandin
(São Paulo – SP)

Desrespeito ao Consumidor

Na seção *Takes* da edição nº 2, ano 9, há uma crítica sobre a precariedade da distribuidora Continental na tradução de *Julio Cesar* e outros filmes. Deixo registrado meu protesto em relação ao recente relançamento do filme *Cidadão Kane*, pela mesma distribuidora. Segundo a capa da fita, o filme dura 119 minutos. De fato, a obra-prima de Orson Welles tem essa duração, mas certamente não na cópia da Continental! Cerca de seis minutos foram cortados, interrompendo inclusive algumas falas e a trilha sonora.

Fernando Leal
(Presidente Prudente –SP)

Errata

O artigo sobre o filme *Quiz Show* (nº 2, ano 9) é de autoria de José Emilio Rondeau.

O leitor Pedro Maciel, de Belo Horizonte, nos alertou que na crítica sobre *Segredos do Coração* (nº 2, ano 9), foi afirmado que o filme original, *Love Affair* de 1939, ganhou o Oscar de melhor filme. Na verdade, quem ficou com a estatueta neste ano foi *...E o Vento Levou*. *Love Affair* recebeu indicações para filme, atriz, atriz coadjuvante, roteiro original, direção de arte e canção; e, ironicamente, não ganhou Oscar.

O ator Brad Pitt tem 32 anos, e não 22 como publicado na edição nº 3, ano 9.

Por motivos técnicos, foi publicado o expediente com as doze últimas edições de SET da edição de fevereiro, e não a de março.

Envie sua carta aos cuidados de Editor da SET, av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, São Paulo – SP.

EDITORA AZUL

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Diretora Comercial: Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação Carlos Alberto Araújo
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SET
CINEMA & VÍDEO

REDAÇÃO
Diretor Editorial: Jorge de Souza
Editor-Chefe: Cadão Volpato
Editora: Deborah Peleias
Editor-Assistente: Christian Petermann
Editora-Contribuinte: Isabela Boscov
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editor-Assistente de Arte: Izaú Norbertino
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Ellen Alaver
Colaboram nesta edição:Texto: Alessandro Giannini, Alexandre Ortiz Ramos, Alfredo Sternheim, Carlos M. Motta, Dulce Damasceno de Brito, Ellen Alaver, Eloisa Deveze, Fátima Gigliotti, Federico Mengozzi, Inácio Araujo, Jairo Ferreira, Lauro Machado Coelho, Marco Chiaretti, Marcos Smirkoff, Mário Mendes, Nei Bonfim, Pierluigi Piazzi, Rui Mendes, Sérgio Martins, Sérgio Rizzo, Tadeu C. Pereira.
Revisão e Preparação de Texto: Alexandre Ortiz Ramos.

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Isabela Boscov
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Administração Editorial: Ariovaldo Carrera Dias
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Fábio Gomes, Jorge de Oliveira, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Miriam Horta
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: Antônio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Gerente de Planejamento: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alexandra Pallis da Silva
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1592**, edição 94, abril de 1995). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade do estoque), ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 810.4800, fone (011) 810.6800 (Dinap), pagando com os cartões: Visa Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222 **Fotolito:** Fotoline Ltda, Overart, Bureau Azul, Proposta Editorial

ANER IVC

Impressa na Editorial Antártica – Chile

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
BIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Ídolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Design

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - Cx. 4816

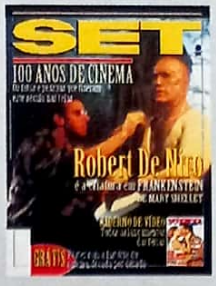
REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 321-0305 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Fortaleza: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sala 103 - CEP 60050-000 - Fortaleza/CE - Tel.: (085) 254-1666 Fax: (085) 252-2131
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Av.Contorno, 8000 - sala 1101 - Ed. Wall Street - CEP 30110-907 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 291-6470
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel.: (051) 223-9528 - Fax: (051) 217-1005
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel./Fax: (048) 232-0519

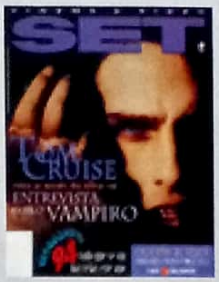
NOSSAS DOZE ÚLTIMAS EDIÇÕES

Nº 93/MARÇO 95
Tudo sobre os indicados ao Oscar; *Tempo de Violência – Pulp Fiction*, de Quentin Tarantino; *Ed Wood*; e, no *Caderno de Vídeo*, *Rei Leão*, *Lobo*, *Maverick* e *Crooklin*

Nº 92/FEVEREIRO 95
Robert Redford revela os bastidores da TV em *Quiz Show*; as filmagens de *Braveheart*, com Mel Gibson; em vídeo, *Velocidade Máxima* e *Priscilla*

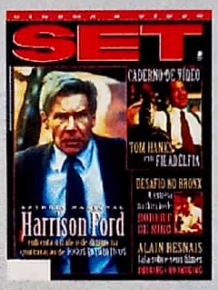


Nº 91/JANEIRO 95
Robert De Niro é a Criatura de *Frankenstein de Mary Shelley*, dirigido por Kenneth Branagh; especial sobre os 100 anos de cinema; em vídeo, *A Fuga* e *O Jornal*



Nº 90/DEZEMBRO 94
Tom Cruise, Neil Jordan e Brad Pitt comentam *Entrevista com o Vampiro*; o melhor das telas na *Retrospectiva 94*; no *Caderno de Vídeo*, *Corra que a Polícia Vem Aí 33 1/3*

Nº 89/NOVEMBRO 94
Sharon Stone e Sylvester Stallone em *O Especialista*; Oliver Stone fala sobre *Assassinos por Natureza*; em vídeo, *A Lista de Schindler* e *A Época da Inocência*



Nº 88/OUTUBRO 94
Harrison Ford em *Perigo Real e Imediato*; Robert De Niro comenta *Desafio no Bronx*,sua estréia como diretor; em vídeo, *Filadélfia* e *Na Roda da Fortuna*

Nº 87/SETEMBRO 94
Schwarzenegger e James Cameron falam sobre *True Lies*; Tom Hanks em *Forrest Gump*; Kim Basinger e Alec Baldwin em *A Fuga*; em vídeo, *Jurassic Park* e *Em Nome do Pai*

Nº 86/AGOSTO 94
Jack Nicholson fala com exclusividade sobre *O Lobo*; Keanu Reeves e Dennis Hopper em *Velocidade Máxima*; em vídeo, *Sintonia de Amor* e mais 54 lançamentos.

Nº 85/JULHO 94
Mel Gibson e Jodie Foster em *Maverick*; *Backbeat* mostra o início dos Beatles; o novo desenho da Disney, *O Rei Leão*; e mais de 50 lançamentos em vídeo.

Nº 84/JUNHO 94
Pedro Almodóvar em entrevista exclusiva e *Kika*, seu mais recente filme; uma visita ao set de *Os Flintstones*; em vídeo, *A Família Addams 2*.

Nº 83/MAIO 94
Em entrevista exclusiva, Bernardo Bertolucci fala de *O Pequeno Buda*, seu último filme; dossiê completo sobre Stephen King; Clint Eastwood é destaque em vídeo.

Nº 82/ABRIL 94
O Western conquista Hollywood com novas produções, entre elas *Bad Girls*, faroeste com quatro atrizes; *O Fugitivo* e *A Firma* são destaques do caderno de vídeo.

ATENÇÃO: ***A DINAP tem apenas os seis últimos números (incluindo o de banca) em estoque limitado***

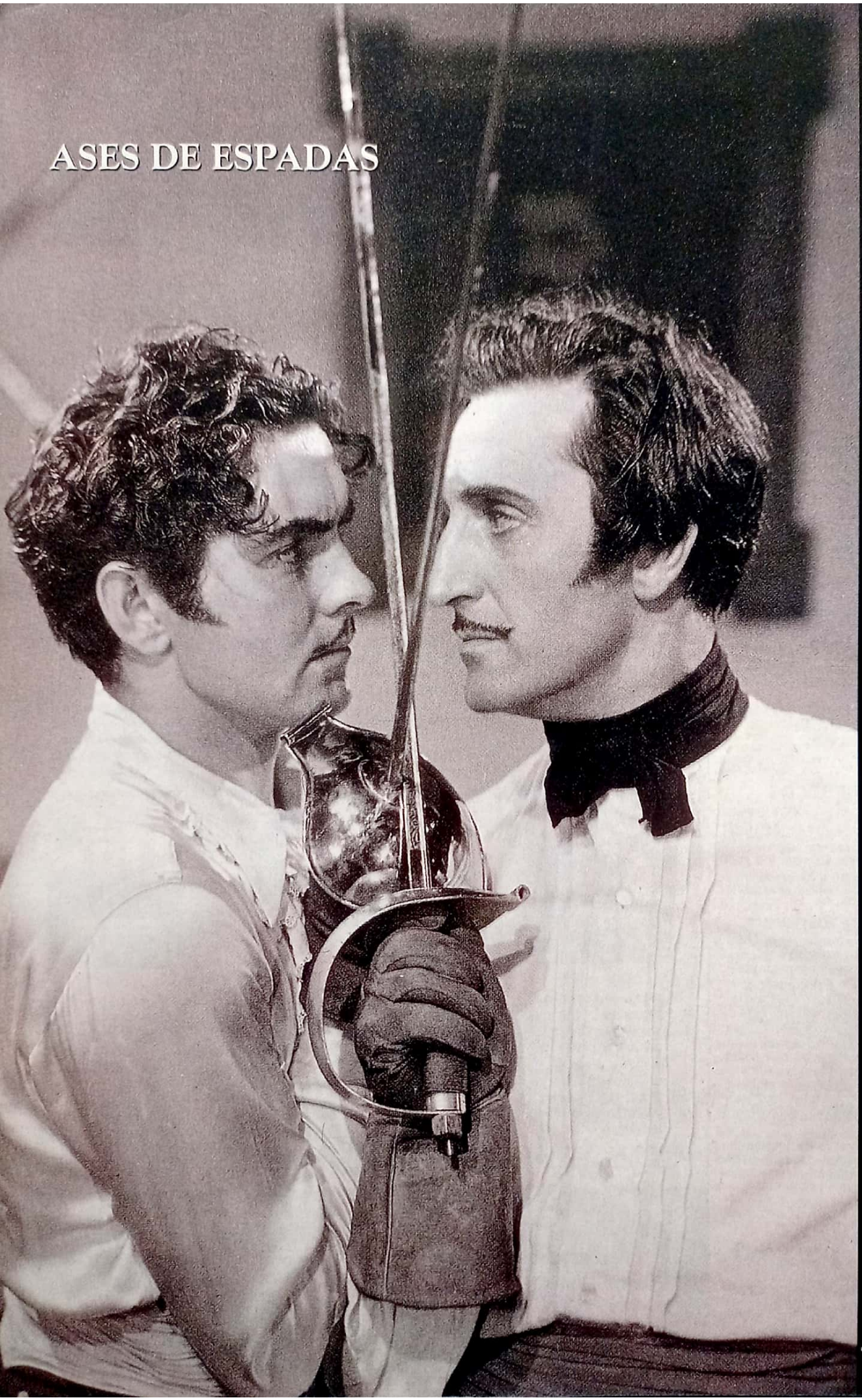
NA PRÓXIMA EDIÇÃO DE SET

★**Os 50 anos do fim da Segunda Guerra numa seleção de filmes sobre o conflito**

★***The Quick and the Dead*** **o novo trabalho de Sharon Stone, em versão faroeste**

★ ***Caderno de Vídeo – Forrest Gump, Assassinos por Natureza, O Anjo da Guarda***

ASES DE ESPADAS



Fox

Tyrone Power e Basil Rathbone duelam nas cenas finais de *A Marca do Zorro* (1940), de Rouben Mamoulian

1

2

3

4

5

6

7

8

9

13

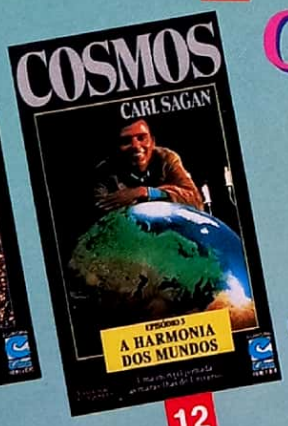
14

15

16

10

11



12

QUEM NÃO APROVEITAR ESTES PREÇOS, MERECE FICAR DE CASTIGO.

Qualquer destes títulos 23,00* Reais

* Mais despesas de remessa.

17

18

19

20

21

22

FACTU

ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

Revendedor Autorizado

EUROPA Carat HOME VIDEO

Eu amo Europinha HOME VIDEO

VENDAS POR TELEFONE

Fone: (011) 292-7759 / 692-6664

Fax: (011) 292-1080

Real® VIDEO MARKET

Av. Paes de Barros, 334

CEP 03114-000 - Moóca - São Paulo - SP

CUPOM DE PEDIDO

Recorte ou se preferir envie cópia deste cupom.

Marque o número e a quantidade desejada de fitas nos respectivos espaços abaixo: _____

Total do pedido _____ fitas - Custo total _____

Assinale abaixo a sua forma de pagamento:

☐ Envie cheque nominal à Real Market Video Ltda. junto com o cupom preenchido para Av. Paes de Barros, 334 - CEP 03114-000

☐ Pagamento pelo cartão de crédito _____ Nº do cartão: _____ Validade: _____

Nome: _____ Fone: _____

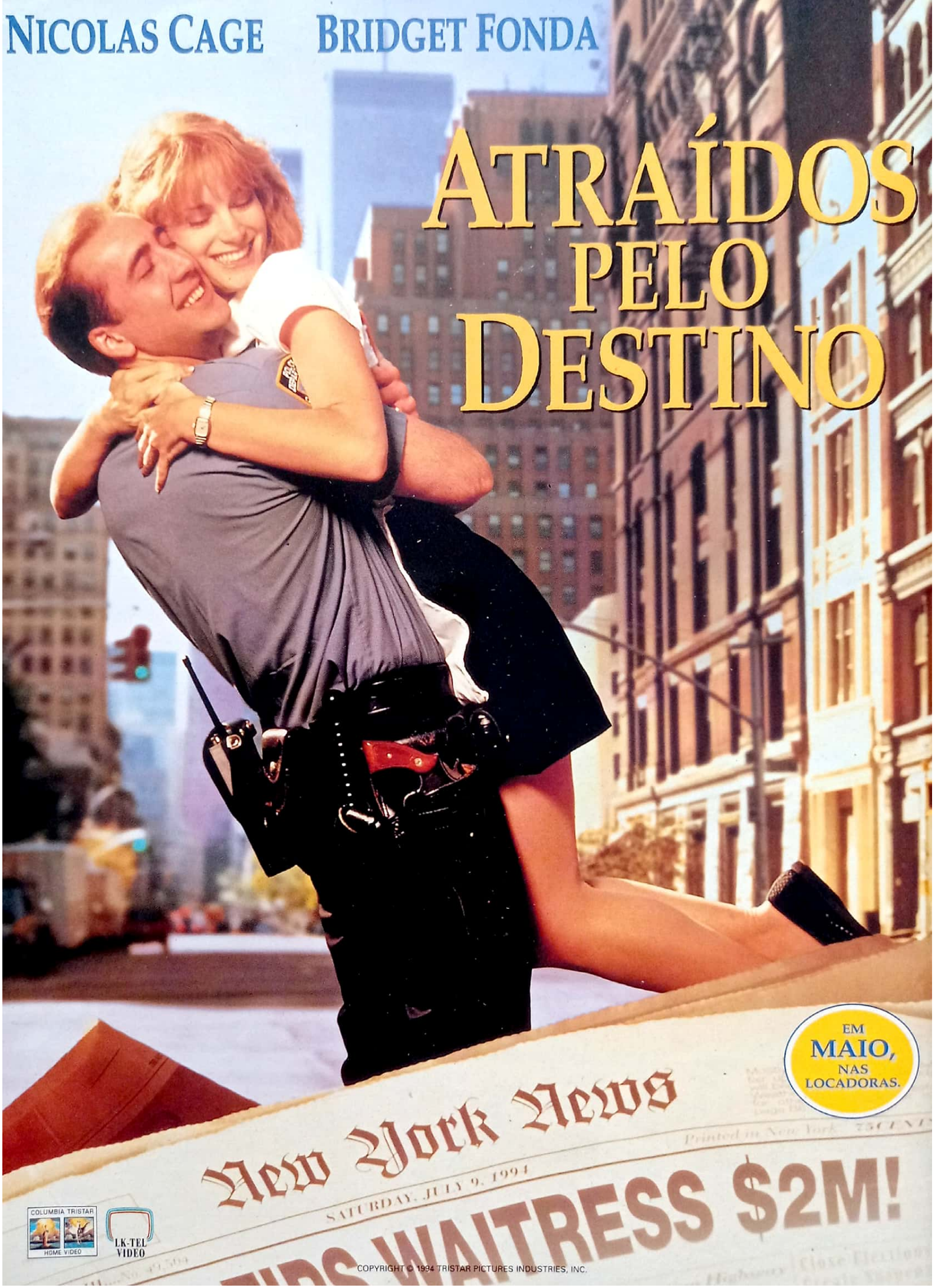
Rua: _____ CEP: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ SET - abril/95

NICOLAS CAGE BRIDGET FONDA

ATRAÍDOS PELO DESTINO



EM MAIO, NAS LOCADORAS.

COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO

LK-TEL VIDEO

COPYRIGHT © 1994 TRISTAR PICTURES INDUSTRIES, INC.